

Revista Cristã
Última Chamada

Jesus

versus

Jerusalém

Um Comentário sobre Lucas 9:51-20:26
a Ação Judicial de Jesus contra Israel

Compilado por
César F. Raymundo

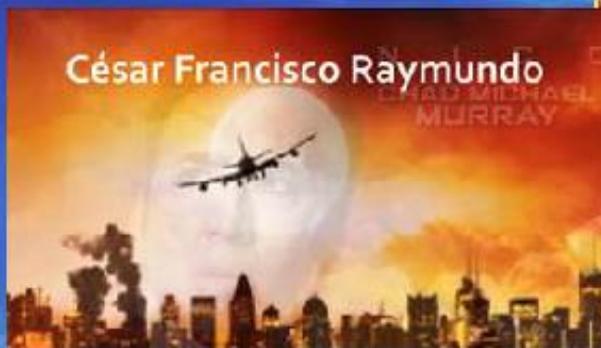


Joel McDurmon

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

WITH MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

**Separando a Ficção
da Realidade**

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

Jesus

versus

Jerusalém

Um Comentário sobre Lucas 9:51-20:26
a Ação Judicial de Jesus contra Jerusalém

Joel McDurmon

Compilado por
César Francisco Raymundo

Revista Cristã_____

Última Chamada

- Edição de Maio de 2018 -

Jesus versus Jerusalém

*Um Comentário sobre Lucas 9:51-20:26
a Ação Judicial de Jesus contra Jerusalém*

Título original: Jesus v. Jerusalem
A COMMENTARY ON LUKE 9:51–20:26,
JESUS' LAWSUIT AGAINST ISRAEL

Autor: Joel McDurmon

Copyright © 2011 Joel McDurmon. All rights reserved.

Compilação, tradução e adaptação textual por:

César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada

- Edição de Maio de 2018 –

Capa: César Francisco Raymundo
(a capa segue de perto a do livro original
feita pelo Cover Design: Joseph Darnell)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Maio de 2018

Londrina, Paraná

Índice

Sobre o autor	10
Sobre a Compilação deste E-book	11
Uma palavra de Gary DeMar	12
Prefácio de Joel McDurmon	16
Introdução:	
Babilônia a Grande, a Mãe das prostitutas	18
O Mistério da Babilônia	19
Conclusão	21
1 “Defina o seu rosto contra Jerusalém”	
(Lucas 9:51-11:26)	23
Enfrentando Jerusalém	23
Encargos de infidelidade	27
O Bom Samaritano (Lucas 10:25-37)	27
Parábola do Homem Forte (Lucas 11:15-26)	28
Conclusão	31
2 Uma chamada desperdiçada	
(Lucas 11:33-12:32)	32
A parábola da Lâmpada (Candeia)	33
A parábola da herança dos ricos tolos (Lucas 12:13-21)	37
3 Um Novo Êxodo	42
(Lucas 12:33-49)	
A Parábola dos Comissários Vigilantes (Lucas 12:35-40)	43

A parábola do administrador vigilante expandida (Lucas 12:41-48)	44
Um Novo Êxodo	49
De Ladrões e Lâmpadas	51
O Cumprimento do Novo Testamento	53
A Grande Divisão na Vinda	54

4 O tempo é curto

(Lucas 12:54-13:9) 57

Previsão dos Hipócritas	57
A Hora	58
O Julgamento deverá chegar	62
Agentes de Deus prefigurados	63
A parábola da figueira sem frutos	66
Conclusão	67

5 Joio, Trigo e Reino

(Mateus 13:24-43) 69

A Parábola do Joio e do Trigo	69
“Esta idade [ou era]”	72
O julgamento da era	76
Sementes de mostarda e fermento	77
Conclusão	79

6 “Eis que a vossa casa se vos deixará deserta”

(Lucas 13:10-13:35) 80

Um sábado frutuoso	80
As parábolas da semente de mostarda e do fermento (Lucas 13:18-21)	84
A Porta Estreita do Reino (Lucas 13:22-30)	86
“Poucos salvos na Vinda”	87
A porta estreita	89
O Choque do Reino	93
Cumprimento do Novo Testamento	95
A ameaça de Herodes	97

Bendito seja Ele... 99

Conclusão 100

7 Chamados, mas não escolhidos

(Lucas 14:1-24) 102

Um verdadeiro escolhido (Lucas 14:1-6) 102

A parábola do grande banquete (Lucas 14:15-24) 104

8 Amigo dos pecadores

(Lucas 14:25-16:31) 108

Regozindo-se sobre o Remanescente

(Lucas 15:1-32) 109

A parábola do ovelha perdida

(Lucas 15:3-7) 110

A parábola da moeda perdida

(Lucas 15:8-10) 113

A Parábola do Filho Pródigo

(Lucas 15:11-32) 114

A parábola do Administrador injusto

(Lucas 16:1-13) 118

Divórcio e Exclusão

(Lucas 16:14-31) 125

Reino e Divórcio 125

A Parábola do Homem Rico e Lázaro

(Lucas 16:19-31) 129

Aplicações espirituais 134

9 Fé e fidelidade

(Lucas 17:1-10) 137

Fidelidade e Tropeços

Nenhum homem pode servir dois senhores

(Lucas 16:10-13) 138

Obstáculos à fidelidade (Lucas 17:1-5) 139

Fé e fidelidade (Lucas 17:6-10) 143

10 O restante fiel

(Lucas 17:11-18:43) 145

Louvor e Perseverança	
O leproso remanescente (Lucas 17:11-19)	145
Reino Invisível, Visitação Visível (Lucas 17:20-37)	147
A Parábola da Viúva Perseverante (Lucas 18:1-8)	150
A parábola do fariseu e do coletor de impostos (Lucas 18:9-14)	152
O alto custo do discipulado (novamente) (Lucas 18:18-34)	154
O persistente remanescente persevera (Lucas 18:31-43)	157
O restante cego recebe sua visão (Lucas 18:35-43)	159

11 Taxas e Recompensas

(Lucas 19:1-44) 163

O homem do imposto paga suas dívidas (Lucas 19:1-10)	164
A Parábola do Retorno no Juízo (Lucas 19:11-27)	169
A Entrada Triunfal (Lucas 19:28-44)	174

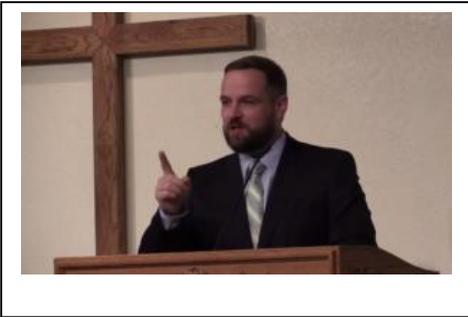
12 O tempo da visitação

(Lucas 19:45-46) 177

Inspeção de uma corrupção em uma casa	180
As duas limpezas	182
Uma casa de oração por todas as nações	183
Esta é a história de Jesus no Evangelho de João	188
Pedras Novas	191
Tudo o que está dentro	191
Conclusão	192

13 Inquilinos ruins e convidados perversos		
(Lucas 20:9-19 e Mateus 21:33-24:14)		193
Para os sacerdotes e anciãos	199	
O Grande Banquete Revisitado	201	
14 A Soberania verdadeira		
(Lucas 20:19-26)	205	
O contexto	205	
A Parcela Tributária (Lucas 20:19-26)		207
Uma questão jurídica	208	
A Mensagem da Moeda	210	
“De quem é a imagem e a inscrição?”		211
A moeda da idolatria	212	
A Hora da vingança	213	
A Dívida Maior	214	
Render para Deus	217	
Autoridade, lealdade e liberdade	217	
Obras importantes para pesquisa		219
Patrocine esta obra!	222	

Sobre o autor



Joel McDurmon, Ph.D., é presidente da American Vision e é autor de mais de vinte livros, incluindo: *Restoring America One County at a Time*; *The Bible & War in America*; *Biblical Logic in Theory and Practice*; *God versus Socialism*; *The Return of the Village Atheist*; and *Jesus v. Jerusalem*. O Dr. McDurmon também é apresentado em várias palestras de áudio e vídeo sobre vários temas de economia, apologética e história da igreja. Ele serviu com a American Vision desde 2008. Joel e sua esposa têm quatro filhos e uma filha.

Sobre a Compilação deste E-book

Quando adquiri o e-book intitulado *Jesus vs. Jerusalém* do Dr. Joel McDurmon, decidi que iria fazer uma paráfrase do mesmo, para poder publicar obra tão inédita em solo brasileiro. Posteriormente, descobri que o Dr. Mc Durmon estava disponibilizando no site da American Vision praticamente quase que todo o conteúdo do e-book.

Uma vez que vi os textos do e-book *Jesus vs. Jerusalém* sendo disponibilizados em formato de artigos para o domínio público, decidi traduzi-los e reuni-los aqui em formato de e-book. Obviamente, que do e-book original não coloquei os seis últimos artigos do Apêndice. Isto pretendo fazer numa segunda edição deste e-book, quando McDurmon já tiver disponibilizado o restante no site da American Vision.

O fato inédito desta obra – que inclusive será novidade para a maioria - é o comentário de McDurmon a respeito das parábolas de Jesus, do ponto de vista do Preterismo. Creio que esta obra será mais um divisor de águas em terras brasileiras, libertando nosso povo dos enganos escatológicos.

César Francisco Raymundo
Editor da www.revistacrista.org

Uma palavra de Gary DeMar

Depois de analisar, catalogar e comentar todos os versos proféticos da Bíblia, J. Barton Payne concluiu em sua Enciclopédia da Profecia Bíblica que 8.352 versos de 31.124 versos totais lidam com profecias de um tipo ou de outro. Isso significa que 27 por cento da Bíblia é preditiva.¹ Tim LaHaye fez uma estimativa de pesquisa semelhante e concluiu que “um terço da Bíblia é profecia”.² Quando os cristãos pensam sobre a profecia bíblica, eles geralmente se dirigem para as grandes seções proféticas. Quatro capítulos nos Evangelhos sinópticos (Mateus 24 e 25, Marcos 13 e Lucas 21) e todo o livro de Apocalipse imediatamente vem à mente. As epístolas de Paulo (por exemplo, 1ª Tessalonicenses 4:13-18 e 2ª Tessalonicenses 2), bem como a passagem sobre o “novo céu e nova terra” em 2ª Pedro 3 também estão incluídas na lista de passagens frequentemente referenciadas.

Mas com toda a atenção dada a essas seções proféticas da Escritura, pergunto-me quantos estudantes da profecia bíblica viram as parábolas de Jesus como ricas em material profético. Eu suspeito que não tem muitos, exceto como eles podem se relacionar com uma série de eventos do fim do tempo que aparentemente estão sempre no horizonte profético. Certamente, você encontrará esse ou aquele escritor de profecias que encontra uma jóia profética aqui ou ali, mas poucos, se algum deles, notaram que a maioria das parábolas de Jesus

são uma fonte rica de material preditivo que lidam com um assunto particular - o futuro de Israel como Jesus viu para aquela geração.

Payne menciona que várias declarações das parábolas de Jesus foram cumpridas dentro daquela geração “por uma série de realizações exatas registradas no Livro de Atos (Atos 5:40, 22:19, 26:11). Confira o testemunho de Paulo perante governadores e reis nos capítulos 24 e 26”.³ Em quase todos os turnos, Payne coloca o cumprimento das parábolas no futuro distante, “no momento do retorno de Cristo”⁴ - isto é, na Segunda Vinda onde” chega o lapso de tempo de quase dois milênios”.⁵ Ele vê algumas das versões de Lucas do Discurso das Oliveiras (capítulo 21) cumpridas nas “calamidades que precederam [a destruição de Jerusalém no] ano 70 d.C”.⁶

O *The Popular Bible Prophecy Commentary* (Comentário Popular da Profecia Bíblica), editado pelos escritores de profecias Tim LaHaye e Ed Hindson, vê muito pouco material profético nas parábolas. Isto é estranho dado o subtítulo do livro: *Compreendendo o significado de cada passagem profética*. Quando os autores acham significado profético em uma parábola, é quase exclusivamente sobre eventos proféticos distantes. Há apenas uma referência a um episódio quase profético - a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. - no seguinte comentário feito na primeira parte de Lucas 13:35: “A “casa deixada desolada” refere-se àquela geração de judeus que havia rejeitado o Senhor e estava prestes a ser julgada”.⁷ Os comentaristas ignoram a segunda parte do versículo porque se refere à mesma geração que havia rejeitado Jesus, mas depois, como um remanescente de fé, O abraça como Senhor e Salvador: “Eu lhes digo que vocês não me verão mais até que digam: ‘BENDITO O QUE VEM EM NOME DO SENHOR’”. Observe o uso da segunda pessoa do plural: “até que [vocês] digam”.

Quanto os judeus após crucificação gritaram “abençoado é Aquele que vem em nome do Senhor”? Os primeiros capítulos de Atos e além nos dizem que havia milhares de judeus que “os seus corações ficaram aflitos” e perguntaram o que precisavam fazer para serem salvos (por exemplo, Atos 2:37-41; 4:4). Paulo se mostra como evidência de que Deus cumpriu Sua promessa àquela geração: “Assim, hoje também há um remanescente escolhido pela graça” (Romanos 11:5, ver verso 1-

4). O evangelho alcançou aqueles judeus “dispersos entre as nações”, isto é, em todo o Império Romano naquele tempo (Tiago 1:1). Jesus, o templo ou a terra de Israel, é o foco da história.

O Manual de Conhecimento da Profecia de John F. Walvoord, semelhante ao Comentário de Profecia Bíblica Popular de LaHaye e Hindson, faz a afirmação de que “todas as profecias da Escritura [são] explicadas em um único volume”. Walvoord dedica muita atenção às parábolas e até menciona os temas de descrença e julgamento. Mas, em vez de aplicar essas advertências aquela geração do primeiro século, ele argumenta que elas são destinadas à geração que vê esses eventos proféticos se desenrolarem - isto é, uma geração ainda futura. Em algumas frases, ele reconhece que algumas das profecias do Discurso das Oliveiras “questionam os discípulos sobre a destruição de Jerusalém, ocorrida no ano 70, e a segunda e terceira questões relacionadas com o fim da era e da vinda de Cristo [Mateus 24:3]”.⁸ O que Walvoord não vê é a conexão e a construção de temas de julgamento que funcionam ao longo das parábolas e culminando nas profecias do Discurso das Oliveiras que se diz que acontecem antes que a geração a quem Jesus falava passasse (Lucas 21:32, cf. Mateus 24:34; Marcos 13:30).

Eu suspeito que outras obras sobre parábolas seguem uma metodologia interpretativa similar. O trabalho de Joel McDurmon, no entanto, é original. Ele vai onde poucos comentaristas já foram antes. Como ele mostra página após página de pontos bem discutidos, há uma unidade para a mensagem profética dos evangelhos e do resto do Novo Testamento. Trata-se de vinho novo em novos odres de vinho. Tudo sobre a Antiga Aliança foi uma obsolescência planejada. Jesus estava sempre à vista, desde a primeira promessa de um salvador em Gênesis 3:15 à revelação de que “o testemunho de Jesus é o espírito da profecia” em Apocalipse 19:10. Muito do comentário da profecia dos dias modernos é uma tentativa de reconstruir o que nunca foi reconstruído. Os judeus que encontraram Jesus face a face deveriam saber disso de tudo o que suas Escrituras lhes disseram sobre o Redentor que vem (Lucas 24:27, 44). Em vez disso, como hoje, diz-se que tem significado em um novo templo de pedra, uma revitalização

de uma faixa de terra e a divisão do povo de Deus, um escolhido por causa de laços de sangue (João 1:13; 8:33) e o outro por adoção (Romanos 8: 14-16). As parábolas, como Joel deixa bem claro, servem para mostrar que a quebra da parede divisória estava no horizonte para eles e para o mundo, com o resultado de que haveria “um homem novo” em Cristo (Efésios 2:11- 22). A destruição de Jerusalém e o desmantelamento das pedras do templo foram uma conclusão inevitável porque Jesus sempre foi a realidade sobre a sombra (João 2:19).

Notas:

1. J. Barton Payne, *Encyclopedia of Biblical Prophecy: The Complete Guide to Scriptural Predictions and Their Fulfillment* (New York: Harper & Row, 1973).
2. Tim LaHaye, “Twelve Reasons Why This Could be The Terminal Generation,” *When the Trumpet Sounds*, eds. Thomas Ice and Timothy Demy (Eugene, OR: Harvest House, 1995), 428.
3. Payne, *Encyclopedia of Biblical Prophecy*, 509–510.
4. Payne, *Encyclopedia of Biblical Prophecy*, 513.
5. Payne, *Encyclopedia of Biblical Prophecy*, 514.
6. Payne, *Encyclopedia of Biblical Prophecy*, 515.
7. Tim LaHaye and Ed Hindson, eds., *The Popular Bible Prophecy Commentary: Understanding the Meaning of every Prophetic Passage* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2006), 350.
8. John F. Walvoord, *The Prophecy Knowledge Handbook* (Wheaton, IL: Victor Books, 1990), 390.

Prefácio de Joel McDurmon

A escatologia não é o meu primeiro amor, nem me considero um especialista no campo. Mas toda verdade doutrinária favorece a pessoa fiel na exegese bíblica, e naquele campo eu particularmente tenho interesse. É também o componente que muitas vezes falta na maioria das discussões de fim de semana sobre profecia. A escatologia, em particular entre os ramos do estudo teológico, carece mais de exegese detalhada e contextual da Escritura.

A parte principal deste livro contém quase inteiramente a exegese de verso a verso, com o compromisso de não fazer nada além de deixar a Escritura interpretar as Escrituras. A principal saída desta abordagem versículo por versículo é a Introdução, onde eu apresento o tema de Jerusalém como a Grande Meretriz de Apocalipse 17-18, mas até aqui eu fico na exegese das Escrituras para fazer o ponto. Em outros lugares, onde especulo, tento dizer abertamente e certamente não exigir ou depender de tais ideias. Eu também não consultei comentários ou interpretações de outros homens, exceto em algumas circunstâncias raras. Percebo que isso me abre às críticas de que eu deveria ter consultado a sabedoria de outros estudiosos, mas, obviamente, preenchi o livro com notas de rodapé e referências às obras de outros homens, eu seria responsável pela acusação de que deveria estar preso somente às palavras puras da Escritura. Eu acho que o leitor honesto

e caritativo verá que este último é o que eu fiz. Era meu objetivo olhar puramente para as palavras da Escritura nos textos originais, estudados em seu contexto versículo por versículo, para entender o que Jesus queria dizer em todas estas seções da Escritura. Talvez mais do que qualquer outro campo, o estudo da profecia bíblica sofre de pressupostos baseados em conjecturas acompanhadas de textos-prova extraídos do contexto fundido com eventos atuais e paranóia produzida profissionalmente. Existem algumas exceções que fornecem exegese detalhada, e oro para que o leitor ache este livro útil entre esses poucos.

Joel McDurmon
Powder Springs, GA
10 de março de 2011

Introdução: Babilônia a Grande, a Mãe das prostitutas

Jesus disse ao sumo sacerdote e aos anciãos do povo: “Portanto eu lhes digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino” (Mateus 21:43). Para muitas pessoas, este versículo fornece o coração da “teologia de substituição” - a ideia de que a Igreja cristã substituiu a antiga nação física de Israel como povo escolhido de Deus e nação sacerdotal (1ª Pedro 2:9-10).

Sem exigir o uso do rótulo “substituição”, isso é essencialmente o que o verso ensina. Isso não significa que o povo judeu nunca mais possa provar a graça de Deus, simplesmente significa que o caminho da Velha Aliança do testemunho de Deus e o trabalho na terra - o sistema ritual do Templo do Antigo Testamento - estava sendo abolido, juntamente com todos naquela geração que rejeitaram e mataram os profetas de Deus e o Messias. O Templo estava sendo abolido porque nunca deveria ser permanente, mas apenas um símbolo que apontou para a realidade de Jesus Cristo, o verdadeiro Templo, o verdadeiro Emanuel - a verdadeira presença de “Deus conosco”. Os judeus que rejeitaram o Verdadeiro Templo e insistiram em se apegar às tradições do Antigo Testamento, cometeram assim a idolatria tão grosseiramente quanto qualquer ritual pagão. O Reino passou para o seu maior cumprimento. Aqueles que se recusaram a abraçar o

cumprimento encontraram-se desprovidos do verdadeiro Reino - seria retirado deles e dado aos discípulos do povo verdadeiro e fiel de Deus.

Jesus denunciou os mestres da velha tradição que conduziu o caminho para se opor a Ele. Estes eram principalmente os fariseus, e a denúncia de Cristo sobre eles aparece em Mateus 23 entre outros lugares. Estende-se a toda a cidade física de Jerusalém de que eram representantes em descrença. Jesus concluiu com a previsão de que Jerusalém iria cair porque era responsável por “todo o sangue justo derramado na terra” e que ela era “a cidade que mata os profetas” (Mateus 23:35, 37).

O Mistério da Babilônia

A partir desta condenação radical, podemos aprender que a cidade chamada “Babilônia” em Apocalipse 17 e 18 não é a Babilônia de Nabucodonosor, mas Jerusalém foi chamada de Babilônia porque se corrompeu e se tornou como o antigo Império pagão:

“A mulher estava vestida de púrpura e escarlate [cores do sumo sacerdote e do Templo; Êxodo 25-28; 38-39], e adornada com ouro, jóias e pérolas, segurando na mão um copo de ouro cheio de abominações e as impurezas de sua imoralidade sexual. E em sua testa havia escrito um nome de mistério: “Babilônia, a grande, a mãe das prostitutas e das abominações da terra”.

(Apocalipse 17:4-5)

E, como sabemos, que essa blasfema babilônica “misteriosa” prostituta é de fato Jerusalém? Porque ela é declarada culpada do crime exclusivo que Jesus anteriormente fixou em Jerusalém:

“E vi a mulher, bêbada com o sangue dos santos, o sangue dos mártires de Jesus... Então, um anjo poderoso tomou uma pedra como uma grande pedra de moinho e jogou-a no mar, dizendo: Babilônia, a grande cidade, será derrubada com violência, e não será mais

encontrada... E nela foi encontrado o sangue dos profetas e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra”.

(Apocalipse 17:6, 18:21, 24)

Não é possível que duas cidades possam ser culpadas de um crime do qual apenas um partido pode ser culpado - matando todos os profetas e todos os que foram mortos na terra. Jesus claramente atribuiu este crime a Jerusalém em Mateus 23; então devemos concluir que aqui no Apocalipse, “Babilônia” é um “nome do mistério” porque simboliza o que Jerusalém se tornou.

Assim, é altamente provável que, quando Pedro escreveu sua primeira epístola de “Babilônia” (1ª Pedro 5:13), ele literalmente escreveu de Jerusalém, que já havia condenado “nestes últimos tempos” (1ª Pedro 1:20) como Babilônia. Pedro foi, afinal, um apóstolo da Circuncisão como Paulo disse (Gálatas 2:7).

Não era uma prática incomum naquela janela entre a Ascensão de Cristo e a destruição de Jerusalém que os escritores do Novo Testamento simbolizavam Jerusalém com os nomes dos grandes inimigos do povo de Deus ao longo dos tempos. Assim, o Apocalipse fala da “grande cidade”, onde o “Senhor foi crucificado” - obviamente, Jerusalém – “simbolicamente chamado Sodoma e Egito” (Apocalipse 11:8).

Alguns se queixariam de interpretar a Grande Meretriz da Babilônia de Apocalipse 17 como sendo Jerusalém, pois isto seria anti-semita. Mas isso é um absurdo para *ad hominem* [argumento contra a pessoa]. Como poderia João (um judeu!) ser um anti-semita chamando Jerusalém de “Sodoma” e “Egito” em vez de orar por sua paz, enquanto os dispensacionalistas exigem que nós o façamos. É ousadia da parte dele.

Assim, é compreensível quando Paulo compara os falsos mestres que rastejam na Igreja aos mágicos de Faraó (2ª Timóteo 3:8-9). Da mesma forma, Mateus 2 apresenta Jesus como o Novo Israel que foge do novo Faraó que mata todos os bebês do sexo masculino. Exceto que os papéis são revertidos: a família de Jesus deve fugir para o Egito para evitar esse novo faraó, que é Herodes. Lição: O antigo Israel tornou-

se como o Egito, o perseguidor do povo de Deus, e ele sofrerá a praga do Egito, enquanto Jesus é o verdadeiro Israel.

Tenha em mente, foi Herodes, que então governou Jerusalém e que reconstruiu o Templo em que os judeus então sacrificavam. Uma vez que Jesus apareceu na cena como o Sacrifício Final, os sacrifícios no Templo tornaram-se idólatras. Então é preciso rejeitar a Deus para continuar esse sistema. Era, de fato, cometer a abominação da desolação, porque era um sacrifício idólatra no Templo que fazia com que a presença de Deus deixasse a Casa desolada. Na verdade, a presença de Deus deixaria para sempre esse Templo para habitar no Novo Templo, Jesus Cristo e Seu Povo. Isso aconteceu no dia do batismo de Jesus, como veremos, e fomos promovidos no dia de Pentecostes. Dentro de uma geração, a nação idólatra e adúltera - o grande templo da prostituta em Jerusalém - sofreu um último golpe de Deus. Foi destruído para cair no esquecimento.

Assim, é mais compreensível que os escritores inspirados se referissem aos seus perseguidores e falsos irmãos em sua Igreja como “os que dizem que são judeus, e não são, mas são a sinagoga de Satanás” (Apocalipse 2:9).

Conclusão

Os cristãos dos dias modernos simplesmente não entendem isso quando exigem a terra de Israel para o povo judeu antigo para que eles possam reconstruir um Templo e retomar os sacrifícios, assim estão orando para que a idolatria mais vil e mais perversa ocorra. Deus destruiu aquele Templo por essa mesma razão no ano 70 d.C. Por que Ele agora mudaria e desejaria que fosse reconstruído?

Você pode pensar que, desde que Deus fez isso uma vez antes no tempo de Jeremias, por exemplo - enviando Seu povo para o exílio com seu Templo destruído por trás deles, e depois restaurando-os novamente para a terra para reconstruir outro Templo - então Ele fará o mesmo novamente. Mas o pronunciamento de Jesus sobre a destruição do Templo, era diferente. Desta vez, o próprio Templo

verdadeiro veio como o Templo reconstruído (ressuscitado). Desta vez não haveria tijolos e argamassa, mas sim uma pedra cortada sem o auxílio das mãos (Daniel 2:34, 44-45). O antigo povo judeu não foi meramente exilado de seu reino algum dia para depois retornar. Não. Desta vez, o Reino foi tirado deles e dado à verdadeira Nação com seus frutos.

Cristo criou uma nova noiva. Por que Cristo desejaria voltar para a prostituta que Ele destruiu e se divorciou quando agora tem uma noiva primitiva que desce do Céu, vestida de maneira ordenada e não corrompida pela idolatria? Ele jamais voltaria atrás. Ele deixou aquela prostituta ao seu patrão, a besta de Roma. E a grande mãe das prostitutas sofreu o julgamento de sua prostituição. Ela estava divorciada e deserdada. A herança agora pertence à noiva.

Jesus sabia tudo isso antes do tempo - pelo menos desde o dia do Seu batismo, como veremos. Ele sabia por seus muitos confrontos com os líderes judeus, bem como com a profecia bíblica de que o Templo ficaria desolado e a cidade em ruínas. Sua jornada final para Jerusalém é o registro de Jesus exibindo publicamente todas as evidências contra o que se tornou uma nação idólatra, que rejeitou o Messias. Jesus estava apresentando uma ação judicial para o divórcio dessa prostituta idólatra.

O Evangelho de Lucas é o único Evangelho que registra essa jornada como uma única contabilidade monolítica. Os capítulos seguintes deste livro contêm um exame versículo por versículo, parábola por parábola, capítulo por capítulo dessas importantes exposições legais. Esta jornada começa em um ponto de viragem importante em Lucas 9:51.

1

“Defina o seu rosto contra Jerusalém” (Lucas 9:51-11:26)

A maioria das pessoas não percebem que muitas, senão a maioria das parábolas de Jesus, não eram contos gerais de moralidade, mas eram declarações particulares de julgamento e mudança. Jesus estava advertindo a Jerusalém para se arrepender e aceitar o seu novo Rei (Jesus) ou então cair sob a última condenação de Deus. Na verdade, grande parte do ensinamento de Jesus nos Evangelhos pertence principalmente a essa multidão pré-ano 70 d.C. e, sem lê-la sob essa luz, entendemos mal. E quando mal entendemos, nós a aplicamos incorretamente.

A seguinte seção de Lucas requer esse entendimento. As parábolas que Jesus diz durante a viagem final a Jerusalém (Lucas 9:51-20:26) quase todas pertencem à rebelião, fé, julgamento e destruição de Jerusalém.

Enfrentando Jerusalém

No Evangelho de Lucas, um importante ponto de mudança acontece no capítulo 9. Em Lucas 9:51, Jesus decide fazer a Sua ascensão final a

Jerusalém a partir da Galiléia, e Ele se vira com forte determinação de seguir assim: “Quando os dias se aproximaram para que ele fosse levado, ele definiu o rosto para ir a Jerusalém”.

A frase “definiu o rosto” é um pouco fraca na minha opinião. A palavra grega para “definiu” aqui indica uma determinação firme: ele fixou o rosto ou fixou firmemente o rosto. A palavra grega *sterizo* provavelmente está distantemente relacionada à palavra grega, frequentemente traduzida como “cruz” (*stauros*). Uma *stauros* referia-se a peça ereta desse instrumento romano de crueldade: uma estaca resistente ficava fixa no chão e sobre a qual [havia outra] cruzada com a vítima da crucificação também fixada. A palavra indica forte fixidade [característica do que é ou se encontra fixo].

Ironicamente, Jesus fez sua primeira referência à cruz apenas alguns versos anteriores: “Jesus dizia a todos: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me” (Lucas 9:23-24). Muitas vezes, não paramos para pensar neste versículo que a audiência de Jesus ainda não tinha a história cristã da cruz em seus antecedentes. Ele ainda não explicou que Ele seria crucificado. Tudo o que eles teriam entendido neste momento teria parecido uma hipérbole: o gentil Jesus, manso e leve, diz que segui-lo será tão áspero quanto a tortura e a execução romana. Ele espera que eu faça uma cruz? Agora, em Lucas 9:51, Ele fixa Seu rosto para esse próprio destino para si.

A viagem de 104 km da Galiléia a Jerusalém levaria pelo menos três dias a pé, e isso só se você fosse direto através de Samaria. Muitos judeus tomariam uma rota mais longa, desejando evitar o contato com os samaritanos idólatras “semi-raciais” (como eles os viam). Jesus não os recusou e levou Sua mensagem diretamente aos samaritanos também: “E enviou mensageiros à sua frente. Indo estes, entraram num povoado samaritano para lhe fazer os preparativos; mas o povo dali não o recebeu porque se notava em seu semblante que Ele ia para Jerusalém” (Lucas 9:53).

Sendo desprezados pelos judeus, os samaritanos retornaram o favor. Eles tomaram algo de uma posição puritana - eles aceitaram apenas os livros de Moisés como autoritários e insistiram que o verdadeiro lugar

bíblico de adoração era o lugar original da bênção, o Monte Gerizim, e não Jerusalém (Deuteronômio 11:29; 27:12; Josué 8:3; 9:7). Jesus já teve essa discussão com uma mulher samaritana (João 4:19-26) e rejeitou a visão samaritana. Não é de admirar, então, que quando os samaritanos perceberam que Jesus estava fixado em ir a Jerusalém, não O receberam, pois eles tomaram o foco de Jerusalém como uma rejeição de suas crenças centrais. Ele definitivamente não era um deles. Em Sua rejeição da visão samaritana, no entanto, Jesus também rejeitou a visão tradicional judaica. A verdade seria algo completamente diferente:

“Jesus declarou: "Creia em mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai *nem neste monte, nem em Jerusalém*.”

Vocês, samaritanos, adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus.

No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura”.

(João 4:21-23, ênfase minha)

O comentário de Jesus aqui nos dá uma visão particular de Sua subida a Jerusalém que começou em Lucas 9:51. A partir deste ponto, Jesus não faria senão elucidar, repetir e intensificar essa mesma mensagem: Deus está chamando os verdadeiros adoradores, e Jerusalém não faria parte do futuro a longo prazo. De acordo com Jesus, a hora dessa grande mudança estava chegando, e na verdade “de fato já chegou”, o que significa que já havia começado naquele tempo, no primeiro século.

Seus discípulos estavam claramente irritados com o tratamento frio dos samaritanos. Eles queriam chamar a vingança de Deus:

“Ao verem isso, os discípulos Tiago e João perguntaram: “Senhor, queres que façamos cair fogo do céu para destruí-los?”

Mas Jesus, voltando-se, os repreendeu... e foram para outro povoado”.

(Lucas 9:54-56)

Os manuscritos menos confiáveis incluem texto adicional dizendo como exatamente Ele os repreendeu. Na King James se lê: “Mas ele se virou e os repreendeu e disse: “Não sabem de que espírito vocês são. Pois o Filho do homem não veio destruir a vida dos homens, mas salvá-los” (versos 55-56). Mas isso foi quase certamente adicionado ao texto original mais tarde (na verdade, alguns desses vários manuscritos posteriores que incluem texto adicional diferem uns dos outros no que Jesus alegadamente disse). A história deve ser lida que Ele simplesmente os repreendeu.

Essa repreensão não significa que Jesus não tivesse em mente o juízo. Na verdade, ele provavelmente teve um julgamento principalmente em Sua mente. Mas simplesmente não era ainda o tempo: Ele não queria um julgamento imediato, porque a última testemunha de Sua mensagem ainda não havia ocorrido. Pouco tempo depois, os fariseus confrontariam Jesus exigindo um sinal. Ele responderia: “Esta geração é uma geração do mal. Procura um sinal, mas nenhum sinal será dado a ela, exceto o sinal de Jonas. Pois, como Jonas tornou-se um sinal para o povo de Nínive, assim o Filho do Homem será para esta geração” (Lucas 11:29-30, veja também Mateus 12:39-42).

A ressurreição de Jesus teve que ocorrer primeiro. Então o Evangelho teve que sair para todas as nações com esse mesmo sinal como testemunha (Mateus 24:14). Isso ocorreria (e ocorreu - Atos 17:6; Atos 24:5; Romanos 1:8; Colossenses 1:5-6) e “então o fim virá” (Mateus 24:14). Mas até esse momento chegou, não era hora de vingança, apenas advertência profética.

Não penso que tenha sido amplamente notado o grau de intensidade do ministério da viagem de Jesus (Lucas 9:51ss) focado nesse aviso do julgamento iminente de Jerusalém. Muitas vezes observamos a versão de Lucas do Discurso das Oliveiras (Mateus 24) em Lucas 21, e isso é muito claro. Mas, desde o momento em que Ele põe o rosto para ir a Jerusalém, o processo contra o judaísmo infiel domina Sua mensagem e Sua jornada. Os capítulos de processo de Lucas até a denúncia das Oliveiras no capítulo 21 contêm pelo menos 27 denúncias e advertências separadas. Não eram avisos gerais contra a maldade;

foram acusações pontuais especificamente dirigidas a Jerusalém e aos judeus incrédulos.

Jesus cumpriu o papel de profeta ao trazer um processo de Aliança contra um parceiro de Aliança infiel - neste caso, Jerusalém. Ela tinha sido infiel. Suas idolatrias equivaliam ao adultério espiritual. É por isso que Jerusalém é chamada de “Grande Meretriz” em Apocalipse 17-18. Os profetas anteriores usaram o mesmo tema (Jeremias 3; Ezequiel 16:26).

Cerca de metade dessas 27 instâncias são parábolas. Muitas vezes não expressamos o quanto diretamente essas parábolas se aplicam à próxima destruição de Jerusalém. Jesus simplesmente não lhes dizia histórias de moralidade para ensinar pequenos meninos e meninas. Ele disse a eles avisos farpados contra a cidade incrédula sobre a qual Ele tinha acabado de fixar o Seu rosto.

Encargos de infidelidade

Durante a jornada que seguiu o ponto decisivo em Lucas 9:51, Jesus contou pelo menos 14 ameaças de julgamento politicamente carregadas em forma de parábola. Antes do grande divórcio, Jesus colocaria todo o caso. Aqui é como devemos entender as parábolas relevantes nesta seção das Escrituras.

O Bom Samaritano (Lucas 10:25-37)

Jesus tinha viajado pela Samaria e, na verdade, ainda poderia estar à margem dessa região. O caminho para Jericó apareceu na história atravessada por essa mesma região (o próprio Jesus viajaria por Jericó durante esta jornada - Lucas 19:1). Era apropriado, então, que Jesus aproveitasse a animosidade entre judeus e samaritanos para essa parábola. Foi um intérprete da Lei que veio a Ele perguntando como herdar a vida eterna. Ele era um homem de detalhes que também tinha

essa habilidade humana universal para racionalizar seu comportamento em poucos pontos de lei e fato. A acusação contra Israel aqui vem de duas maneiras: Primeiro, o desdobramento de Jesus da verdadeira natureza da Lei. Não é uma série de obstáculos para os quais você ganha méritos por saltar; é um guia para o grande mandamento do amor. Israel com todos os seus ritos, rituais e purezas tinha ignorado isso. Jesus mais tarde repreendeu os intérpretes da Lei por transformar a Lei em pesados fardos nas costas das pessoas (Lucas 11:45-46). Em segundo lugar, e este foi o verdadeiro choque, um samaritano aleatório poderia representar melhor a verdadeira religião do que um fariseu ou um levita! Esta foi a condenação direta do orgulho dos fariseus em sua pureza e a atenção dos levitas para seus rituais do Templo - ambos tornaram-se desprovidos da misericórdia e do amor de Deus. Agora, isso era radical. Poderia ser realmente melhor ser um samaritano mestiço do que um fariseu ou mesmo um sacerdote? Jesus tinha conseguido o intérprete da Lei confessar isso com a própria boca. Jesus disse: “Vá, e faça o mesmo”. Nesta parábola, Jesus revela como Israel perverteu e, assim, ignorou a Lei de Deus - a própria Lei da Aliança.

Parábola do Homem Forte (Lucas 11:15-26)

Tendo sido acusado de expulsar demônios por Belzebu, Jesus responde argumentando que um reino dividido não pode subsistir. Ele imediatamente aplica isso para o próprio reino dEle, que não foi dividido:

“Mas se for pelo dedo de Deus que expulso demônios, o reino de Deus veio sobre vocês... Quem não está comigo está contra mim, e quem não se agrupa comigo se dispersa”.

(Lucas 11:20, 23)

A ilustração do homem mais forte que amarra o mais fraco significa Jesus amarrando a Satanás. Agora era hora do público dEle escolher se

eles iriam ficar ao lado do Homem mais Forte ou do lado [do homem] amarrado. Jesus realmente expulsou o diabo. Mas esses ouvintes judeus incrédulos continuam a não aceitar Jesus em sua casa, e essa casa ficaria vazia e vulnerável ao ataque de Satanás.

Jesus começou Sua resposta aqui referindo-se à desolação: “Todo reino dividido contra si mesmo é levado à desolação” (Lucas 11:17 KJV – [King James Version usada pelo autor]). A palavra grega para “desolação” é derivada de *eremoo* e tem uma ligação técnica anexada especificamente ao julgamento de Deus sobre Israel por infidelidade da Aliança. Levítico 26:21-43 é a promessa seminal de desolação por infidelidade: as palavras “desoladas” ou “desolação” aparecem sete vezes em apenas 20 versos dessas maldições da Aliança. A palavra então aparece dezenas de vezes nos profetas, incluindo a famosa referência de Daniel a “abominação da desolação” (Daniel 9:27; 11:31; 12:11), tudo em referência ao julgamento. Jesus depois se refere diretamente a uma destruição da casa de Israel (Lucas 13:34-35; 21:20; Mateus 24:15).

A desolação contrasta com a presença viva. A desolação não era principalmente a ausência das pessoas na terra (embora esta fosse um produto disso), mas era principalmente uma referência à ausência de Deus entre as pessoas e a terra. Considerando que, para a obediência, Deus prometeu fazer Sua morada e “andar entre” Seu povo (Levítico 26:11-12), a maldição pela desobediência significava desolação. Vemos, por exemplo, que Deus deixa literalmente o Templo devido à rebelião do povo (Ezequiel 10-12). O Senhor deixa o Templo e passa para o Monte das Oliveiras.

Isso corresponde à casa deixada “varrida” (vazia) e “em desolação” em Lucas 11. Deus em carne, Jesus, estava morando e andando entre as pessoas da Aliança (Emanuel, Deus conosco). Mas eles, sendo rebeldes, o rejeitam. Esta foi a última infração sacerdotal - rejeitar e assassinar o Sumo Sacerdote escolhido de Deus. Assim, Ele anuncia a próxima desolação da casa. Depois que Ele chega, inspeciona e encontra corrupção no Templo (Lucas 19:45-46; Mateus 21:12-15), Ele literalmente culmina Seu processo judicial, assim como Ele fez em Ezequiel 12:22-25 - removendo Sua presença do Templo e indo ao

Monte das Oliveiras (Mateus 24:3; Marcos 13:3). De lá, Ele pronuncia a próxima desolação dessa casa (Mateus 24; Marcos 13 e Lucas 21). Não só Jesus ameaça a “geração sem fé” (Lucas 9:41; 11:29-32, 50-51) com “desolação” (Lucas 11:17; 13:34-35; 21:20), mas há mais correlação textual com Levítico 26. Quatro vezes em Levítico 26 Deus promete que, se os judeus rebeldes não respondem aos castigos dEle, Ele os punirá sete vezes mais por seus pecados (Levítico 26:18, 21, 24, 28). Na parábola de Jesus em Lucas 11:26, o demônio expulso vai e encontra mais sete demônios para retornar e possuir a casa desolada.

Ao anunciar este castigo sete vezes pior, Deus os frustra desse jeito: “Eu vou colocar o meu rosto contra vocês” (Levítico 26:17). A frase grega na [versão] grega do Antigo Testamento (chamada “Septuaginta” ou LXX) é a mesma que na nossa passagem decisiva aqui (Lucas 9:51): Jesus “colocou o rosto” para ir a Jerusalém. Em Levítico 26:17, Deus diz que o Seu rosto será contra o povo. Esta frase grega *epb' humas* “contra você”, obviamente, designa julgamento nesse contexto. A exata mesma frase aparece na parábola do Homem forte: “o reino de Deus veio sobre vocês [*epb' humas*]” (Lucas 11:20). Na pessoa de Jesus, o Homem forte, o reino realmente não veio apenas “sobre”, mas literalmente “contra” as pessoas infiéis.

Algumas pessoas podem achar difícil acreditar que essa passagem “vinculando o homem forte” tenha sua interpretação primária, se não apenas, no contexto do primeiro século do Israel descrente. Mas o relato paralelo em Mateus torna esse contexto e aplicativo mais explícitos. Após sua versão da história onde o espírito perverso é expulso, Mateus registra Jesus concluindo com esta afirmação:

“Então vai e traz consigo outros sete espíritos piores do que ele, e entrando passam a viver ali. E o estado final daquele homem torna-se pior do que o primeiro. Assim acontecerá a esta geração perversa”.
(Mateus 12:45)

A última frase neste versículo prova o contexto: Jesus estava aplicando esta parábola de julgamento a “esta geração” - a geração a

quem Ele falava. E, aquela geração, Jesus considerava “má”, e assim mereceu o julgamento que havia de vir.

Conclusão

Então, enquanto seguimos Jesus mais adiante nessa jornada, aprendemos que Ele não estava tirando férias; Ele estava trazendo uma declaração legal de desolação por vir. Ele realmente havia posto Seu rosto contra Jerusalém. Nós apenas começamos nossa revisão das parábolas de Jesus na seção de jornada de Lucas (9:51-19:28) e seu lugar em Seu processo contra Israel. Nós vimos apenas uma introdução e duas das parábolas (de muitas). Os capítulos seguintes serão examinados mais para obter uma imagem completa da missão profética de Jesus.

2

Uma chamada desperdiçada (Lucas 11:33-12:32)

Com o rosto dEle ainda contra Jerusalém (Lucas 9:51), Jesus continuou Sua jornada, processando seu caso contra a cidade adúltera como foi fazendo. Pegando após a parábola do homem forte (Lucas 11:1-26), este capítulo avançará nesse processo.

Como observamos antes, Jesus cumpriu o papel de profeta ao trazer um processo de Aliança contra um parceiro de Aliança infiel - neste caso, Jerusalém. Ela tinha sido infiel. Suas idolatrias equivaliam a um adultério espiritual. É por isso que Jerusalém é chamada de “Grande Meretriz” em Apocalipse 17-18. Os profetas anteriores usaram o mesmo tema (Jeremias 3; Ezequiel 16:26; 23). Ezequiel 23 ensina que Jerusalém cometeu ainda pior prostituição do que a sua desprezada irmã Samaria. Os versículos 16-17 dizem:

“Assim que ela os viu [os babilônios], desejou-os ardentemente e lhes mandou mensageiros até a Caldéia.

Então os babilônios vieram procurá-la, até a cama do amor, e em sua cobiça a contaminaram. Depois de haver sido contaminada por eles, ela se afastou deles desgostosa.

Ela, então, prosseguiu abertamente em sua prostituição e expôs a sua nudez, e eu me afastei dela desgostoso, assim como eu tinha me afastado de sua irmã [Samaria].

Esta profecia do século VI a.C. é um cenário direto da maior apostasia de Jerusalém que Jesus enfrentou no primeiro século. Assim, vemos um paralelo direto na representação do Apocalipse sobre a Grande Meretriz, “com quem os reis da terra cometem imoralidade sexual” (Apocalipse 17:2; 18:3, 9).

Durante a viagem a Jerusalém, o modo principal de transmitir a mensagem de julgamento foi por parábola. Ele queria entregar a verdade a essa cidade que sua autoconfiança mortal estava fora de lugar.

A parábola da Lâmpada (Candeia)

A parábola da lâmpada luminosa é sobre a transmissão de um testemunho piedoso claramente para todo o mundo. Jesus diz:

“Ninguém, depois de acender uma lâmpada, a coloca em uma adega ou debaixo de uma cesta, mas em um suporte, para que aqueles que entram possam ver a luz”.

(Lucas 11:33)

Jesus já havia ensinado esta lição exatamente pouco tempo antes em Lucas 8:16-18:

“Ninguém, depois de acender uma lâmpada, a esconde numa jarra ou a coloca debaixo de uma cama, mas a coloca em um suporte, para que aqueles que entram possam ver a luz”.

A diferença era a audiência. Primeiro, em Lucas 8:16, Jesus se desviou entre a multidão para falar em particular aos Seus discípulos. Ele tinha acabado de dizer-lhes que Ele fala às massas em parábolas, mas que somente alguns poucos receberiam a graça de compreendê-lo (Lucas 8:10). Nesta passagem, Jesus termina com a declaração enigmática (e aparentemente fria):

“Portanto, considerem atentamente como vocês estão ouvindo. A quem tiver, mais lhe será dado; de quem não tiver, até o que pensa que tem lhe será tirado”.

(Lucas 8:18)

Qual o significado disso? Se tentarmos aplicar isso a toda a humanidade em geral, torna-se vago e esotérico. Mas se o entendemos no contexto de Israel e sua herança assumida na terra, isso faz todo o sentido. A frase “a que tiver” é aquele que tem fé e compreensão. Ele receberá “mais” - isto é, o Reino. O entendimento de “quem não tiver” é o judeu incrédulo que parece ter, e quem pensa ter direito à herança do Reino, mas não tem. Dele será tomado mesmo o que ele pensa que tem. Jesus queria que Seus discípulos, especialmente, soubessem que uma separação entre as pessoas estava chegando, com base em Seu julgamento sobre os incrédulos e Sua graça aos Seus escolhidos.

Em Lucas 11:33, no entanto, o público é a diferença. Jesus aqui aborda todas as massas com a exigência de que o povo de Deus não esconda sua luz - isto é, seu testemunho fiel a Ele. No Sermão do Monte, Jesus elaborou sobre este tema: “Vocês são a luz do mundo. Uma cidade definida em uma colina não pode ser escondida” (Mateus 5:14). Isso chega ao coração da Aliança de Deus com o Seu povo. Eles foram originalmente invocados para a terra com o propósito expresso de serem testemunhas de todas as nações:

“Eu lhes ensinei decretos e leis, como me ordenou o Senhor, o meu Deus, para que sejam cumpridos na terra na qual vocês estão entrando para dela tomar posse.

Vocês devem obedecer-lhes e cumpri-los, pois assim os outros povos verão a sabedoria e o discernimento de vocês. Quando eles ouvirem todos estes decretos dirão: “De fato esta grande nação é um povo sábio e inteligente”.

Pois, que grande nação tem um Deus tão próximo como o Senhor, o nosso Deus, sempre que o invocamos?

Ou, que grande nação tem decretos e preceitos tão justos como esta lei que estou apresentando a vocês hoje?”

(Deuteronômio 4:5-8)

E foi a promessa de Deus que, através da fidelidade da Aliança, este testemunho converteria o mundo inteiro (Números 14:21; Salmo 2; 72:5-8; Isaías 2:1-4; 11:9; Jeremias 3:16-17; 31:31-34; Daniel 7:13-14). Isaías retrata a visão do mundo iluminado como o fiel sucesso dessa cidade em uma colina:

“Nos últimos dias o monte do templo do Senhor será estabelecido como o principal; será elevado acima das colinas, e todas as nações correrão para ele.

Virão muitos povos e dirão: “Venham, subamos ao monte do Senhor, ao templo do Deus de Jacó, para que ele nos ensine os seus caminhos, e assim andemos em suas veredas”. Pois, a lei sairá de Sião, de Jerusalém virá a palavra do Senhor.

Ele julgará entre as nações e resolverá contendas de muitos povos. Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças foices. Uma nação não mais pegará em armas para atacar outra nação, elas jamais tornarão a preparar-se para a guerra”.

(Isaías 2:2-4)

Jerusalém era literalmente uma cidade em uma colina, mas o povo de Deus já havia fracassado miseravelmente em sua missão dada por Deus, como sempre faziam durante toda sua história. Isaías já comparou o fracasso de uma mulher grávida no trabalho [de parto]: quando ela deveria ter dado à luz, ela só quebrou o vento:

“Senhor, no meio de aflição te buscaram; quando os disciplinaste sussurraram uma oração.

Como a mulher grávida prestes a dar à luz se contorce e grita de dor, assim estamos nós na tua presença, ó Senhor.

Nós engravidamos e nos contorcemos de dor, mas demos à luz o vento. Não trouxemos salvação à terra; não demos à luz os habitantes do mundo”.

(Isaías 26:16-18)

Na verdade, eles eram “salvação à terra”. Mas Deus nunca falhou em Suas promessas. Assim, poderia haver apenas uma razão para isso: as pessoas não haviam mantido a Aliança, mas mantiveram sua luz para

si mesmas e a esconderam do mundo. Jesus agora os confrontou novamente com a mesma mensagem.

Esta compreensão dessa breve parábola é consistente com o ensino de Jesus no contexto. Justamente antes dessa parábola da lâmpada acesa, Jesus se recusara a dar às multidões qualquer sinal milagroso sob demanda de quem Ele era. Em vez disso, Ele os chamou de “geração má”, e declarou que cairiam sob a condenação de até algumas nações pagãs que, com muito menos revelações de Deus, aceitaram prontamente a luz. Ele disse:

“Aumentando a multidão, Jesus começou a dizer: “Esta é uma geração perversa. Ela pede um sinal miraculoso, mas nenhum sinal lhe será dado, exceto o sinal de Jonas.

Pois assim como Jonas foi um sinal para os ninivitas, o Filho do homem também o será para esta geração.

A rainha do Sul se levantará no juízo com os homens desta geração e os condenará, pois ela veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, e agora está aqui o que é maior do que Salomão.

Os homens de Nínive se levantarão no juízo com esta geração e a condenarão; pois eles se arrependeram com a pregação de Jonas, e agora está aqui o que é maior do que Jonas”.

(Lucas 11:29-32)

A “geração perversa” dos judeus do tempo de Jesus permaneceu absorvida com sua mentalidade de direito e sua fachada de luxuosa prosperidade internacional. E assim, Jesus disse secretamente a Seus discípulos que a parábola da lâmpada significava que uma grande divisão de herança estava baseando-se naqueles que permaneceram fiéis à Aliança (Lucas 8:16-18). Mas a segunda vez que Ele diz a parábola, vem como uma repreensão aberta para os fracassos dessa geração do mal.

Isso é indicado não apenas pelas comparações com a rainha do Sul e com os homens de Nínive, mas também com as condenações da liderança judaica representativa diretamente após a parábola: Jesus condena abertamente a hipocrisia, o orgulho e a loucura dos fariseus

(Lucas 11:37-44), bem como os litígios assassinos dos mestres da lei (Lucas 11:45-52). Eles não só recusaram a própria luz, mas a haviam escondido dos outros: eles “tiraram a chave do conhecimento” (Lucas 11:52).

E esses líderes incrédulos se posicionaram como representantes da geração do mal como um todo. A vingança de Deus, portanto, virá sobre o todo também:

“Pelo que, esta geração será considerada responsável pelo sangue de todos os profetas, derramado desde o princípio do mundo: desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o santuário. Sim, eu lhes digo, esta geração será considerada responsável por tudo isso”.

(Lucas 11:50-51)

Jesus então prossegue para advertir o povo contra o “fermento dos fariseus” (Lucas 12:1) e a necessidade de ousadia em ser testemunha dEle (Lucas 12:8-12). Chegou um grande julgamento - um julgamento em que aqueles que só pensavam ter a herança perderiam tudo, e somente aqueles que sustentavam a verdadeira luz receberiam o Reino.

A parábola da herança dos ricos tolos (Lucas 12:13-21)

O tema principal no julgamento da Grande Meretriz é o abuso dela da riqueza (Apocalipse 17-18). Deus abençoou a nação, mas ela confiou na riqueza em vez de confiar em Deus. Em vez de se tornar testemunha de todas as nações por sua adesão às leis de Deus (novamente, o propósito original - Deuteronomio 4:5-8), ela aceitou sua posição privilegiada e se entregava ao luxo e à prostituição. Ela assumiu que sua riqueza era sua recompensa, em vez de uma ferramenta para cumprir sua missão. Como resultado, ela perderia os dois.

Jesus expressa esta condenação particular de Jerusalém na parábola do rico tolo. As bênçãos se derramaram, mas em vez de usá-las para a glória de Deus, o idiota as empurrou para si mesmo. Mas então veio o dia do acerto de contas:

“Então lhes contou esta parábola: "A terra de certo homem rico produziu muito bem.

Ele pensou consigo mesmo: ‘O que vou fazer? Não tenho onde armazenar minha colheita’.

"Então disse: ‘Já sei o que vou fazer. Vou derrubar os meus celeiros e construir outros maiores, e ali guardarei toda a minha safra e todos os meus bens.

E direi a mim mesmo: Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos. Descanse, coma, beba e alegre-se’.

"Contudo, Deus lhe disse: ‘Insensato! Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?’

"Assim acontece com quem guarda para si riquezas, mas não é rico para com Deus".

(Lucas 12:15-21)

Isso novamente é um paralelo na condenação da Grande Meretriz:

“Façam-lhe sofrer tanto tormento e tanta aflição como a glória e o luxo a que ela se entregou. Em seu coração ela se vangloriava: ‘Estou sentada como rainha; não sou viúva e jamais terei tristeza’.

Por isso num só dia as suas pragas a alcançarão: morte, tristeza e fome, e o fogo a consumirá, pois poderoso é o Senhor Deus que a julga”.

“Eles dirão: ‘Foram-se as frutas que tanto lhe apeteciam! Todas as suas riquezas e todo o seu esplendor se desvaneceram; nunca mais serão recuperados”.

(Apocalipse 18:7-8, 14)

As referências à luxúria da sua alma, e a sua perda súbita e trágica, continuam até o fim de Apocalipse 18.

Esta parábola, como muitas, foi dada em resposta direta aos comentários de um indivíduo. Um homem disse a Jesus: “Mestre, diz ao meu irmão que divida a herança comigo” (Lucas 12:13). A palavra “diz” aqui está no imperativo: o rapaz queria que Jesus usasse Sua influência e ordenasse a seu irmão para dividir a herança. Jesus respondeu com uma parábola.

Por um lado, fazer com que Deus diga aos nossos irmãos como agir é a visão da religião sobre a maioria das pessoas. Queremos que Deus faça alguém fazer algo para nos beneficiar. Nunca abraçamos o sacrifício e o domínio primeiro como uma avenida para a prosperidade (isto é bem ilustrado no uso do poder do Estado para redistribuir riquezas e “benefícios”: você paga sob a imposição de armas, eu me abenço e chamaremos isso de democracia e tolerância, e no final direi que foi a resposta de Deus à oração. Assim, o assalto à mão armada é chamado de compaixão, assim como os erros morais chamados de direitos humanos. Mas eu prometo que ainda vou te chamar de “meu irmão”. Apenas pague).

Toda a importação espiritual dessa parábola trata da ganância do homem caído: seu desejo insaciável por mais. Em vez de usar o capital de Deus para a glória de Deus, usamos isso para a nossa [glória], essencialmente dizendo que somos Deus. A questão vai direto ao coração da queda do homem.

A questão escatológica imediata, no entanto, transcende o mero indivíduo. A herança é uma questão central da Aliança. A terra era um símbolo da herança do Israel de Deus, transmitida de geração em geração. Mas a posse da terra em perpetuidade foi baseada na fidelidade de Israel à Aliança de Deus, senão a terra vomitaria [a nação]. O grande divórcio que veio significava que certamente a nação perderia tudo na herança da Aliança; sua conta [seria cobrada] em breve. Israel era o rico tolo. Os celeiros e os armazéns não seriam esvaziados, mas seriam deixados para outro herdar.

Jesus então se afasta da multidão para instruir em particular Seus discípulos. Isso, em essência, responde a pergunta de Deus sobre as faturas por trás dos ricos tolos: “De quem é a vontade?” Responde a pergunta sobre “Quem herdará?” A resposta é óbvia: somente os fiéis

de Israel herdarão. E os fiéis são os discípulos de Jesus. Então, Ele revela a eles o ensino mais completo sobre a riqueza e prioridades no Reino de Deus (versos 22-34).

Já vimos essa ação de Jesus, e a veremos de novo. Jesus confunde os judeus incrédulos com parábolas que não conseguem entender ou receber, mas depois revela graciosamente o significado para Seus discípulos. Como já vimos em Lucas 8:10:

“A vocês foi dado o conhecimento dos mistérios do Reino de Deus, mas aos outros falo por parábolas, para que ‘vendo, não vejam; e ouvindo, não entendam”.

O padrão é: confusão para os infiéis, revelação para os fiéis. A confusão é julgamento, a revelação é graça. No contexto imediato isso significa julgamento para o Israel descrente, e graça para os filhos do Reino.

E o ensino que Jesus dá aqui, como dissemos, vai diretamente à questão da herança. O coração do ensinamento (Lucas 12:22-34) está nos versículos 29-32:

“Não busquem ansiosamente o que hão de comer ou beber; não se preocupem com isso.

Pois o mundo pagão é que corre atrás dessas coisas; mas o Pai sabe que vocês precisam delas.

Busquem, pois, o Reino de Deus, e essas coisas lhes serão acrescentadas.

Não tenham medo, pequeno rebanho, pois foi do agrado do Pai dar-lhes o Reino”.

Não seja como as nações dos gentios - os ricos tolos - ignorando Deus, buscando a própria riqueza como um fim. Em vez disso, pequeno rebanho - os discípulos, não os judeus esquerdistas - procuram primeiramente o Reino de Deus. Trata-se de prioridades. A herança do Reino segue os fiéis.

Onde Jerusalém a grande devoradora de luxo havia falhado, Jesus instrui seus discípulos a terem sucesso. Em vez de vender-se aos reis da terra, mantenha o Reino de Deus como testemunha. Em vez de lutar pelos tesouros como se fossem um fim em si mesmos, use os tesouros como um meio para se esforçar para o Reino. E para este objetivo de espalhar o Reino - o próprio objetivo para o qual a Aliança original chamou - Deus ficaria absolutamente satisfeito em dar-lhes os tesouros e o Reino.

Com base na continuidade dos temas - riqueza, Reino, herança - o ensinamento de Jesus aos discípulos deve ser considerado de uma só peça com a parábola do rico tolo. A seção das Escrituras, Lucas 12:13-34, deve ser tomada como um todo. E a mensagem imediata era a deserdação de Israel - que havia desperdiçado e criticado seu chamado - e a transferência do Reino para a Igreja do Novo Testamento. Esta bênção, Ele nos diz: “foi do agrado do Pai” (Lucas 12:32).

3

Um Novo Êxodo

(Lucas 12:33-49)

O conselho de Jesus sobre “busquem, pois, o Reino de Deus, e essas coisas lhes serão acrescentadas” (Lucas 12:31), veio no contexto da parábola do rico tolo. Ele instruiu Seus discípulos a não perseguirem o luxo e a riqueza como o objetivo final da vida, pois Deus de repente os chamaria a prestar contas. Nesta parábola vimos um paralelo com o luxo da Grande Meretriz, Jerusalém (Apocalipse 17-18), que incluiu uma implicação de julgamento iminente para aquela cidade. A ameaça ainda estava velada um pouco, mas na continuação dessa discussão com os discípulos, a ameaça estava a ponto de se tornar mais clara.

Imediatamente depois de dizer “foi do agrado do Pai dar-lhes o Reino” (Lucas 12:32), Jesus instrui seus discípulos literalmente a abandonarem suas posses:

“Vendam o que têm e deem esmolas. Façam para vocês bolsas que não se gastem com o tempo, um tesouro nos céus que não se acabe, onde ladrão algum chega perto e nenhuma traça destrói.

Pois onde estiver o seu tesouro, ali também estará o seu coração”.

(Lucas 12:33,34)

O significado aqui não é tão simples como a maioria das aulas dominicais aplicaram: não seja ganancioso, dê aos pobres, coloque tesouro no Céu e não na terra. Embora esse significado esteja encapsulado aqui, o contexto maior pertence ao julgamento iminente

sobre Jerusalém. Jesus não estava dizendo que todos os cristãos em todas as eras e lugares literalmente não possuiriam propriedades (as disputas franciscanas de 1322 não obstante); nem Ele ensinava isso como uma espécie de ideal inalcançável, como:

“Eu sei que você realmente tem que ter algumas posses, e que mesmo muita segurança financeira é legal, mas, estou apenas dizendo, todo cristão deveria querer dar todas as suas posses e ajudar os pobres, embora eu saiba que é realmente impossível”.

Não. Jesus estava falando sobre prioridades, a disposição do coração e, o mais importante, para o contexto dos discípulos, estar em posição de sair da cidade rapidamente. Esta interpretação para os discípulos faz todo o sentido dado o que se segue:

A Parábola dos Comissários Vigilantes (Lucas 12:35-40)

Jesus fala de estar pronto para uma ação imediata quando o Senhor retorna. Os mestres fiéis da casa estarão acordados e vigilantes durante toda a noite, prontos a qualquer momento:

“Estejam prontos para servir, e conservem acesas as suas candeias, como aqueles que esperam seu senhor voltar de um banquete de casamento; para que, quando ele chegar e bater, possam abrir-lhe a porta imediatamente.

Felizes os servos cujo senhor os encontrar vigiando, quando voltar. Eu lhes afirmo que ele se vestirá para servir, fará que se reclinem à mesa, e virá servi-los.

Mesmo que ele chegue de noite ou de madrugada, felizes os servos que o senhor encontrar preparados.

Entendam, porém, isto: se o dono da casa soubesse a que hora viria o ladrão, não permitiria que a sua casa fosse arrombada. Estejam também vocês preparados, porque o Filho do homem virá numa hora em que não o esperam”.

(Lucas 12:35-40)¹

Os discípulos são avisados: vendam tudo o que vocês têm e estejam prontos para agir com um momento de aviso quando o Senhor vier.

Há duas figuras na parábola: uma é a imagem de criados que esperam seu Senhor. Nesta figura, as duas partes têm uma relação positiva: carinho recíproco e interesse no outro que executa seu dever. Podemos dizer que estão em uma Aliança fiel. Na segunda imagem, um mestre é surpreendido por um ladrão. Esta é uma imagem de um relacionamento antagônico: um em que o Mestre da casa preferiria que a outra parte ficasse longe, e no final estava perdendo.

Esta não é uma metáfora mista, mas duas perspectivas sobre o mesmo evento que vem. Jesus exorta os discípulos a estarem prontos, e se eles estiverem, serão recompensados por terem servido a Ele. Ele já havia ensinado a eles que, ao buscar Seu Reino primeiro, o Pai ficaria satisfeito em dar a eles. Esta é uma expansão nesse mesmo ensinamento.

A segunda perspectiva é para aqueles que não aguardam fielmente o Senhor. Na verdade, estes pensavam que eles próprios eram os “mestres” da casa. Assim, eles não tinham nenhuma expectativa de que [o Senhor] chegasse em breve. Eles não observaram e esperaram pelo Senhor; eles assumiram a posse da casa como certo. Portanto, a vinda do Senhor para eles seria inesperada e indesejada - como a visita de um ladrão. Esses infiéis e egoístas familiares seriam despojados pelo ladrão. Jesus já havia ensinado esta lição, que o demônio voltaria a encontrar a casa vazia e desprotegida, e a casa ficaria desolada (Lucas 11:17, 24-26).

A parábola do administrador vigilante expandida (Lucas 12:41-48)

Agora, Pedro parece muito interessado aqui. Ele parece estar colocando dois e dois juntos. Apesar do fato de que Jesus estava falando em particular com os discípulos e não com a multidão como

um todo (Lucas 12:22), Pedro quer ter certeza: “Pedro disse: Senhor, você está falando esta parábola para nós ou para todos?” (Lucas 12:41). Quanto aos episódios anteriores, quando as pessoas perguntaram “quem” (Lucas 11:29), Jesus respondeu com mais parábola:

“O Senhor respondeu: “Quem é, pois, o administrador fiel e sensato, a quem seu senhor encarrega dos seus servos, para lhes dar sua porção de alimento no tempo devido?”

Feliz o servo a quem o seu senhor encontrar fazendo assim quando voltar.

Garanto-lhes que ele o encarregará de todos os seus bens.

Mas suponham que esse servo diga a si mesmo: ‘Meu senhor se demora a voltar’, e então comece a bater nos servos e nas servas, a comer, a beber e a embriagar-se.

O senhor daquele servo virá num dia em que ele não o espera e numa hora que não sabe, e o punirá severamente e lhe dará um lugar com os infiéis.

“Aquele servo que conhece a vontade de seu senhor e não prepara o que ele deseja, nem o realiza, receberá muitos açoites.

Mas aquele que não a conhece e pratica coisas merecedoras de castigo, receberá poucos açoites. A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido”.

(Lucas 12:42-48)

Como isso responde a pergunta de Pedro pode não ser tão óbvio. Jesus não deixa claro “para você” ou “para todos”. Em vez disso, Ele mostra como, de certa forma, são ambos. A parábola aplica-se a todos, certamente, mas aplica-se a diferentes indivíduos de maneiras diferentes, dependendo do que lhes foi dado - revelação com fé, revelação sem fé ou sem revelação e fé. Pedro deveria saber que essa própria explicação - uma revelação em si mesma - destinava-se aos discípulos, e não aos que não entendiam de qualquer maneira (ver Lucas 8:10). Então, Pedro, escolha-o neste dia, como deve se preparar para a vinda do Senhor.

Duas coisas estão certas aqui na expansão do ensinamento de Jesus:

- 1) alguns servos seriam julgados com os incrédulos (versos 46) e;
- 2) os servos fiéis seriam governantes em toda a família, de fato, “todos os seus bens” (verso 44).

Primeiro, considere aqueles que devem ser julgados. Eles são chamados de “servos”, mas é claro que eles não estão entre os servos “fiéis e sábios” falados nos versículos 42-44. Existe uma divisão clara (entre ovelhas e cabras). Estes têm uma motivação para a sua maldade: é a incredulidade no breve retorno do mestre: “Meu mestre atrasa em vir”.² Eles acreditam que Ele virá algum dia, mas não por um longo tempo, pelo menos não em breve. Isso os deixa despreocupados sobre seu estado imediato.

Com base em sua autoconfiança, eles estão fracos em sua moral: eles batem nos outros criados e criadas (presumivelmente abaixo deles em idade e, portanto, em posição ou status), e eles comem e bebem por prazer. Já vimos estes dois temas enfatizados antes: a perseguição dos filhos de Deus e os prazeres em luxos mundanos. Ambos são os pecados da Grande Meretriz, Jerusalém (Apocalipse 17-18): “com o vinho de cuja imoralidade sexual os habitantes da terra se tornaram bêbados” (Apocalipse 17:2; confira Apocalipse 18:3ss), “com o sangue dos santos, o sangue das testemunhas de Jesus” (Apocalipse 17:6). Na verdade, “nela foi encontrado o sangue dos profetas e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra” (Apocalipse 18:24). O mesmo tema de relaxar no luxo seguro de si mesmo apareceu há alguns minutos na parábola de Jesus acerca do rico insensato: “E direi a mim mesmo: Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos. Descanse, coma, beba e alegre-se” (Lucas 12:19). Ele irá apresentar isso novamente no futuro próximo (Lucas 17:26-30).

Para este servo perverso, o Senhor retornaria como um ladrão na noite: inesperadamente, e com a intenção de tirar as posses dele. E o julgamento seria expulsá-lo como se expulsos os incrédulos. Os incrédulos mencionados aqui se referem aos gentios - aqueles que não tinham o nível de revelação a que Israel tinha sido privilegiado. No entanto, o servo perverso, por sua recusa em aceitar o testemunho de

Jesus, seria contado e julgado como um gentio. A Grande Meretriz pecou com todos os gentios (Apocalipse 17:2, 8; 18:3, 23), e ela seria julgada.

Apenas pior: o servo que realmente tinha revelação receberia um pior castigo do que aqueles que não tinham. Jesus ensina isso imediatamente a seguir:

“Aquele servo que conhece a vontade de seu senhor e não prepara o que ele deseja, nem o realiza, receberá muitos açoites.

Mas aquele que não a conhece e pratica coisas merecedoras de castigo, receberá poucos açoites. A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido”.

(Lucas 12:47-48)

O servo que conhecia a vontade de seu senhor, mas não o obedeceu, é obviamente o Israel incrédulo. “Os judeus foram encarregados dos oráculos de Deus” (Romanos 3:2, confira Romanos 9:4-5), Paulo nos diz, e ainda rejeitaram Aquele sobre quem apontava os oráculos. Jesus tinha vindo, e agora estava predizendo o seu próximo retorno em julgamento, e assim mesmo olhando para Seu rosto, esses judeus perversos disseram em seus corações: “Meu mestre demora em vir”. Por esse motivo, eles sentiriam o julgamento. Assim, o mártir Estevão, enfrentando o julgamento e a morte nas mãos desses servos perversos, poderia trazer essa mesma palavra contra eles:

“Povo rebelde, obstinado de coração e de ouvidos! Vocês são iguais aos seus antepassados: sempre resistem ao Espírito Santo!

Qual dos profetas os seus antepassados não perseguiram? Eles mataram aqueles que prediziam a vinda do Justo, de quem agora vocês se tornaram traidores e assassinos — vocês, que receberam a Lei por intermédio de anjos, mas não lhe obedeceram”.

(Atos 7:51-53)

Sim, esses servos perversos que receberam muito, claramente “conheciam a vontade do seu senhor” e, no entanto, “não o conservaram”. Estavam prestes a receber uma severa derrota.

Os gentios, no entanto, muitos dos quais haviam cometido os mesmos pecados, mas sem o privilégio de ter os oráculos de Deus, receberiam um castigo mais leve. Na verdade, como Jesus ensinou anteriormente, alguns desses gentios se arrependeram com muito menos revelação, e estes se levantariam para condenar Israel no julgamento por vir (Lucas 11:29-32).

Mas os mestres fiéis não só receberiam a benção de Cristo, mas Ele os colocaria pessoalmente a cargo de toda a família e de tudo o que Ele possuía (Lucas 12:42-44). Mais uma vez, temos o tema da herança do Reino. Aqueles que haviam desprezado o luxo da Grande Meretriz, do rico insensato, do servo perverso e mau, receberiam o serviço e a autoridade de Cristo:

“Vocês são os que têm permanecido ao meu lado durante as minhas provações.

E eu lhes designo um Reino, assim como meu Pai o designou a mim, para que vocês possam comer e beber à minha mesa no meu Reino e sentar-se em tronos, julgando as doze tribos de Israel.

(Lucas 22:28-30)

Esses servos, de fato, a quem os servos perversos bateram e assassinaram, são mais tarde vistos por João:

“Vi as almas daqueles que foram decapitados pelo testemunho de Jesus e pela Palavra de Deus... Eles ganharam vida e reinaram com Cristo por mil anos”.

(Apocalipse 20:4)

O paralelo com Lucas 22:28-30 aparece em Mateus 19:27-30. A conexão entre os servos vigilantes que venderam tudo e os discípulos que receberam os tronos do Reino é explícita:

“Então Pedro respondeu: Veja, deixamos tudo e seguimos você. O que então teremos? Jesus disse-lhes: Em verdade, digo-vos, no mundo novo, quando o Filho do homem se assentar no seu trono glorioso, vós que me seguiram, também se sentarão em doze tronos,

julgando as doze tribos de Israel. E todos os que deixaram casas ou irmãos ou irmãs ou pai ou mãe ou filhos ou terras, por amor de meu nome, receberão cem vezes e herdarão a vida eterna. Mas muitos que são os primeiros serão os últimos e o último primeiro”.

Um Novo Êxodo

Os servos fiéis terão seus “lombos cingidos” e suas “lâmpadas acesas”. A ideia dos lombos cingidos aqui é uma referência direta ao Êxodo. Não só os israelitas foram instruídos na Páscoa original a comer “com o cinto preso [lit. “lombos cingidos”], suas sandálias nos seus pés e seu cajado na mão” (Êxodo 12:11),³ mas Lucas usa exatamente as mesmas palavras gregas que o Antigo Testamento grego (a “Septuaginta” ou LXX): *ai ospbues humon periedzomenai* (“seus lombos cingidos”). Estas palavras nestas formas só aparecem nesses dois lugares na Escritura, em Êxodo 12:11 e Lucas 12:35.

É bastante claro, então, esta é uma adaptação consciente do tema do Êxodo, e a teologia aqui se encaixa perfeitamente. Na verdade, a Páscoa em que Jesus seria morto - Ele sendo o Cordeiro da Páscoa - provavelmente não estava mais do que algumas semanas no máximo (como já dissemos antes, a jornada de Jesus de Lucas 9:51 até o discurso das Oliveiras (Lucas 21) é uma passagem contínua. Existem poucos indicadores de tempo, por exemplo, de um sábado e nenhuma parte maior do tempo passando). Seu sangue estava prestes a efetuar a salvação de seus seguidores fiéis e o grande julgamento que seria sobre o perseguidor infiel desses filhos. É muito provável que os discípulos de Jesus já tivessem a Páscoa em suas mentes, e que eles assumiram que essa jornada para Jerusalém era simplesmente para esse propósito.

Enquanto no Êxodo original, Faraó manteve os israelitas sob perseguição, agora, o Israel infiel tornou-se o Faraó. Mateus usa esse tema muito cedo, quando o jovem Jesus é forçado a fugir do Faraó de Jerusalém (Herodes) para o Egito, e, contudo, isto é chamado de cumprimento do Filho de Deus sendo chamado do Egito:

“Depois que partiram, um anjo do Senhor apareceu a José em sonho e disse-lhe: “Levante-se, tome o menino e sua mãe, e fuja para o Egito. Fique lá até que eu lhe diga, pois Herodes vai procurar o menino para matá-lo”.

Então ele se levantou, tomou o menino e sua mãe durante a noite, e partiu para o Egito, onde ficou até a morte de Herodes. E assim se cumpriu o que o Senhor tinha dito pelo profeta: "Do Egito chamei o meu filho”.

(Mateus 2:13-15)

Não é de admirar que João mais tarde se referisse a Jerusalém como “Egito”, particularmente pelo pecado de matar a Cristo e seus profetas: ele a chama de “a grande cidade que simbolicamente se chama Sodoma e Egito, onde seu Senhor foi crucificado” (Apocalipse 11:8). Jesus logo retornaria ao tema do Êxodo, na medida em que foi repetido em Noé e Ló. Em Lucas 17:26-32, Ele ensina:

“Assim como foi nos dias de Noé, também será nos dias do Filho do homem.

O povo vivia comendo, bebendo, casando-se e sendo dado em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca. Então veio o dilúvio e os destruiu a todos.

Aconteceu a mesma coisa nos dias de Ló. O povo estava comendo e bebendo, comprando e vendendo, plantando e construindo.

Mas no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu fogo e enxofre do céu e os destruiu a todos.

Acontecerá exatamente assim no dia em que o Filho do homem for revelado.

Naquele dia, quem estiver no telhado de sua casa, não deve desça para apanhar os seus bens dentro de casa. Semelhantemente, quem estiver no campo, não deve voltar atrás por coisa alguma.

Lembrem-se da mulher de Ló!”

Mais uma vez, vemos todos os temas familiares: pessoas imorais e des preocupadas que ignoram os anúncios de julgamento. Eles comeram e beberam e ficaram felizes até o julgamento ter caído; então,

era muito tarde. Considerando a quantidade de aviso, a propósito, não é tanto que a chegada foi inesperada, mas que os infieis não estavam preparados. Este é sempre o tema: muito aviso é dado, mas tudo é ignorado.

Enquanto isso, os fiéis estão preparados, prontos para o futuro. Os lombos cingidos, e as lâmpadas acesas. Em cada caso, eles escapam com segurança da ira absorvida pelos outros. No caso de Noé, foi através da Arca; o caso de Ló exigia um êxodo literal. Assim seria para os discípulos de Jesus: eles tinham que estar preparados para sair diretamente do telhado, sem parar para reunir os bens. Não seja como a esposa de Ló, que olhou para trás. Ela não era apta para o Reino de Deus (lembre-se de Jesus ensinando esta lição no início desta jornada, Lucas 9:62).

Conhecendo tudo isso, Jesus avisa a Seus discípulos para estarem prontos para um Êxodo novo - um Êxodo completo do corpo de Cristo, do Egito simbólico, que é Jerusalém. O sangue de Jesus os protegeria, mas aqueles que não tinham a cobertura - de fato, a rejeitaram e, de fato, eles mesmos derramaram esse sangue - sofrerão sob o julgamento que virá. E, assim como no Êxodo original, Deus prometeu executar o julgamento “sobre todos os deuses do Egito” (Êxodo 12:12), Ele agora julgaria o Egito simbólico por suas muitas idolatrias. Mas os discípulos estariam prontos. Suas propriedades foram vendidas e eles estavam atentos aos sinais que significariam para “sair, agora”.

De Ladrões e Lâmpadas

A imagem da lâmpada em Lucas 12:35 serve um propósito diferente do usado anteriormente (Lucas 11:33-36); ali está sobre o testemunho do Evangelho; aqui, retrata alguém tão firmemente esperando o retorno imediato de seu Senhor que eles ficaram acordados a noite toda. Aqui está uma luz que brilha na escuridão, mas não tanto para transmitir para o mundo, mas como um meio de permanecer acordado

e atento pessoalmente em meio à escuridão. Paulo usa essa mesma ideia quando se expande a metáfora do “ladrão na noite”:

“...pois vocês mesmos sabem perfeitamente que o dia do Senhor virá como ladrão à noite.

Quando disserem: “Paz e segurança”, então, de repente, a destruição virá sobre eles, como dores à mulher grávida; e de modo nenhum escaparão.

Mas vocês, irmãos, não estão nas trevas, para que esse dia os surpreenda como ladrão.

Vocês todos são filhos da luz, filhos do dia. Não somos da noite nem das trevas.

Portanto, não durmamos como os demais, mas estejamos atentos e sejamos sóbrios; pois os que dormem, dormem de noite, e os que se embriagam, embriagam-se de noite.

Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo a couraça da fé e do amor e o capacete da esperança da salvação”.

(1ª Tessalonicenses 5:2-8; confira 2ª Pedro 3:10; Apocalipse 3:3; 16:15)

Observe as mesmas características aqui: os criados perversos estão descansando em segurança, mas a destruição repentina vem. Os dormentes - filhos da noite - são bêbados, mas os filhos da luz estão preparados.

A mesma questão é o coração da parábola posterior das Dez Virgens. Todas tiveram lâmpadas que poderiam queimar, mas apenas cinco foram preparadas com óleo. Apenas cinco tinham luz. Como resultado, as cinco que tiveram óleo estavam preparadas quando do anúncio da chegada do Noivo. Ele veio à meia-noite (Mateus 25:6, assim como a praga da Páscoa, Êxodo 12:29). E enquanto todos dormiam muito (Mateus 25:5), apenas as virgens tolas foram pegas despreparadas sem luz. Elas eram filhas da escuridão, e quando finalmente chegaram ao casamento ao qual elas haviam sido convidadas há muito tempo, a resposta veio por trás de uma porta trancada: “Eu não conheço vocês” (Mateus 25:12). Elas perderam sua oportunidade, não tendo suas lâmpadas acesas. Elas perderam toda herança futura, e não ficaram

melhores do que adúlteros no que diz respeito a esse Noivo particular. Assim seria para os judeus. Eles tinham tomado o seu chamado como garantido; agora eles se encontrariam nas ruas.

É claro, então, que a metáfora do “ladrão na noite” pertence apenas aos servos perversos. Os fiéis herdariam o Reino. O ladrão só atingiria aqueles que não estavam preparados. Os ladrões, afinal, normalmente não chegam onde as luzes estão acesas.

O Cumprimento do Novo Testamento

Como mencionei sobre a venda da propriedade antes do ano 70 d.C., vemos exatamente esse comportamento ocorrendo na Igreja do Novo Testamento: pessoas literalmente vendendo suas terras e casas e usando seus bens para ajudar-se (Atos 4:33- 37). Observe, aqui não menciona todas as posses, apenas os imóveis que as ligavam ao local: “tantos como proprietários de terras ou casas vendidas” (verso 34). Esta venda serviu o duplo propósito que Jesus estava ensinando para eles durante esse período especial de vigilância: tenham suas prioridades diretas e estejam preparados para se mudarem.

Em Atos, a história continua: esse testemunho fiel dos discípulos levou a um grande avivamento e poder da propagação do evangelho (Atos 5:12-16), e o confronto entre o evangelho e os líderes judeus do Templo os levou à prisão (Atos 5:18) e açoitaram os apóstolos (Atos 5:40) e, eventualmente, houve o martírio do diácono Estêvão (Atos 6:9-7:60). Assim, os servos malvados insaciáveis começaram a bater nos outros servos.

Observe que todo o Israel incrédulo foi cúmplice nesses eventos - através da plena representação eclesiástica e civil: o sumo sacerdote e os saduceus (sacerdotes) (Atos 5:17) e o “conselho e todos os anciãos do povo” dos “[filhos] de Israel” (5:21).⁴ Este conselho incluiu a seita dos fariseus (Atos 5:34). Mesmo outros grupos menos conhecidos se envolveram mais tarde: Libertinos, Cirineus, Alexandrinos, Cilícios e Asiáticos (Atos 7:9). Em suma, a perseguição da Igreja primitiva verdadeiramente foi o pecado de todos os “filhos de Israel” – isto é, o

Israel incrédulo. Enquanto os filhos da luz mantinham os seus lombos cingidos e as lâmpadas acesas, os servos perversos continuaram na embriaguez da Idolatria e começaram a vencer os verdadeiros servos.

O apedrejamento de Estêvão (Atos 7:59-60) foi a realização coroante dos perseguidores, e isso colocou os planos de evacuação dos discípulos em vigor: “surgiu naquele dia uma grande perseguição contra a igreja em Jerusalém, e todos foram espalhados por toda parte as regiões da Judéia e Samaria, exceto os apóstolos” (Atos 8:2). Estes novos discípulos saíram rapidamente, e, como resultado, o evangelho se espalhou com eles: “Agora, os que estavam espalhados foram pregar a palavra” (Atos 8:4). Esta pregação termina em toda a Judéia e Samaria até o final do capítulo e para os gentios no capítulo 10. No meio, no capítulo 9, Saulo se converteu e, claro, o evangelho alcançará todo o mundo habitado nas vidas dos mesmos discípulos.

A partir desta breve visão desta seção de Atos, aprendemos que os discípulos tomaram literalmente as palavras de Jesus: vendam suas posses e estejam prontos para reagirem rapidamente. Nós também aprendemos que a oposição ao evangelho foi o resultado de todo o povo do Israel incrédulo. Nós também vemos que todas as partes tinham o aviso de Jesus sobre a destruição de Jerusalém como pano de fundo da disputa, pois quando os judeus trouxeram testemunhas falsas contra Estêvão, eles disseram: “nós o ouvimos dizer que este Jesus de Nazaré vai destruir este lugar e mudará os costumes que Moisés nos entregou” (Atos 6:14). Independentemente de Estêvão ter dito ou não essa parte, não sabemos; mas mostra que a questão da destruição do Templo foi o tópico quente do dia.

A Grande Divisão na Vinda

A mensagem que Jesus continuamente ensinou desde o dia em que Ele estabeleceu o seu rosto em direção a Jerusalém (Lucas 9:51) incluiu um aviso horrível sobre uma próxima divisão. Aquela era uma geração perversa, mas Ele receberia a Si mesmo um remanescente fiel. Havia aqueles que haviam escondido a luz dada por Deus, haviam fariseus e

escribas que julgavam sobre si mesmos, ainda haviam aqueles que confessariam Cristo enquanto os outros o negavam (Lucas 12:8-12). Haviam os enganados e ainda haviam aqueles que tinham prioridades piedosas (Lucas 12:13-34). Ora, haviam servos perversos e servos vigilantes (Lucas 12:35-48).

Agora, Jesus continua a indicar isso muito claramente:

“Vim trazer fogo à terra, e como gostaria que já estivesse aceso! Mas tenho que passar por um batismo, e como estou angustiado até que ele se realize!

Vocês pensam que vim trazer paz à terra? Não, eu lhes digo. Pelo contrário, vim trazer divisão!

De agora em diante haverá cinco numa família divididos uns contra os outros: três contra dois e dois contra três.

Estarão divididos pai contra filho e filho contra pai, mãe contra filha e filha contra mãe, sogra contra nora e nora contra sogra”.

(Lucas 12:49-53)

Acabamos de ler um episódio um pouco posterior, onde Jesus dá a contrapartida a esta divisão: “todos os que deixaram casas ou irmãos ou irmãs ou pai ou mãe ou filhos ou terras, por amor de meu nome, receberão cem vezes e herdarão a vida eterna” (Mateus 19:29). Jesus está aqui certificando-se de que seus discípulos estão conscientes de que Ele realmente pretende que a divisão venha. O trabalho de Seu trabalho acabado - Seu “batismo” - por necessidade, traria um desgarramento das pessoas, até o ponto de despedir famílias. Isso aconteceria através da conversão e, literalmente, no próximo julgamento: “Eu digo a vocês, naquela noite haverá dois em uma cama. Um será levado e o outro deixado” (Lucas 17:34). Por enquanto, Jesus pressionou os discípulos para abraçarem esta mensagem: a divisão estava chegando. Chegou o fogo, e Jesus desejou que o fogo já estivesse queimando (Lucas 12:49).

A partir daqui, a mensagem de Jesus entra em uma passagem ainda mais altamente escatológica. A mensagem do juízo próximo torna-se

ainda mais explícita. Mas teremos que deixar isso para o próximo capítulo.

Notas:

1. Eu usei a tradução de nota de rodapé do ESV [English Standard Version] para o versículo 35. A versão em texto tenta soar muito moderna: “Permaneça vestido para a ação.” Enquanto isso capta o sentimento, não é muito literal e perde um paralelo bíblico importante para Êxodo 12.
2. Por que o ESV coloca o verbo no passivo, eu não sei. Está claramente ativo no original. O pensamento não é que o mestre "está atrasado" (como se estivesse fora de seu controle), mas que ele mesmo "demora".
3. A ESV novamente é imprecisa aqui. Ela até faz uma nota de rodapé em Lucas 12:25 para fazer referência cruzada a Êxodo 12:11. A frase é exatamente a mesma no hebraico, LXX e NT grego. A ESV deveria, pelo menos, ter traduzido os versos da mesma forma.
4. A frase em Atos 5:21 provavelmente deveria ler, “o Sinédrio, mesmo todo o conselho dos filhos de Israel”. A frase “todo o conselho” aqui provavelmente está modificando o termo “Sinédrio”, indicando uma ênfase no fato de que este Era o Grande Sinédrio de 70 anciãos (em oposição aos vários Sinédrios locais de 23) presididos pelo Sumo Sacerdote em Jerusalém, que representava todo o povo de Israel.

4

O tempo é curto (Lucas 12:54-13:9)

Após uma discussão privada substancial com Seus discípulos enfatizando o quão comprometidos e prontos eles deveriam estar para a próxima divisão, Jesus finalmente se volta com uma mensagem para o público maior (Lucas 12:54). Lembre-se, de volta a Lucas 12:1, esta é uma enorme multidão: eles cresceram tanto que começaram a pisotear-se. Este é apenas o tipo de multidão que os políticos aumentam com grandes promessas de bons tempos por vir. Jesus não. Até agora, Ele não havia dito nada de radical demais, mas estava prestes a começar a ser realmente pessoal.

Previsão dos Hipócritas

A essa multidão, Jesus lançou uma crítica surpreendentemente franca: “hipócritas!” Mas este julgamento veio com boas provas, por pelo menos duas razões.

Primeiro, eles não conseguiram discernir o tempo (verso 56). Considere a configuração. Aqui havia uma grande multidão pressionando e olhando para Jesus. O que Ele vai dizer em seguida? Ouvimos rumores de curas. Quero ver uma! Faça um sinal! Faça um sinal! Você vai deixá-lo louco! É o Messias? Certamente não é galileu. Um profeta? Talvez. O que Ele vai dizer?

Essa confusão indisciplinada revelou uma terrível falta de fé e discernimento. Jesus expôs isso com uma parábola:

“Quando vocês vêem uma nuvem se levantando no ocidente, logo dizem: ‘Vai chover’, e assim acontece.

E quando sopra o vento sul, vocês dizem: ‘Vai fazer calor’, e assim ocorre”.

(Lucas 12:54-55)

Com base nesse poder comum e preciso de discernimento encontrado entre cada uma dessas pessoas, Jesus continua a pronunciar hipócritas. Por quê? Porque “vocês sabem interpretar o aspecto da terra e do céu. Como não sabem interpretar o tempo presente?” (verso 56).

O idioma aqui é particularmente adequado como uma repreensão de pessoas hebreias. A frase “terra e céu” tem uma semelhança peculiar com o primeiro verso das Escrituras: “Deus criou os céus e a terra”. Esses hipócritas são criação adicional de Deus, mas não tinham ideia do Criador. Não só eles estavam julgando os céus e a terra, eles próprios estavam sob observação, e chegou a hora. Eles esqueceram isso, isto é: Oh! Vós que são tão hábeis em discernir o que deve vir observando os horizontes, por que ainda não discerniram a maior tempestade que ainda está por vir? Está no horizonte agora. Não conhecem o tempo?

A Hora

A frase “o tempo presente” é uma óbvia referência escatológica/profética. Para qual “tempo” em particular se referiu Jesus? E o que houve de tão especial sobre isso?

Note primeiro que Jesus se refere especificamente a esse tempo - isto é, o tempo de Sua audiência - não um tempo de julgamento no futuro. Seja lá o que Ele estava falando, Ele se refere às pessoas com quem falava naquele momento.

Em segundo lugar, esse “tempo” é comparado a um evento discernível. Tudo o que eles deveriam ter tido de conhecimento, era tão claro quanto as nuvens de tempestade que se reuniam no oeste. Quando as pessoas veem algo assim, eles reagem – ou agem - de acordo.

Terceiro, esse “tempo” era iminente. Quando as mudanças do tempo são visíveis no horizonte apropriado, isso significa que algo acontecerá em breve. Jesus não está falando de algo com a probabilidade de uma tempestade de 1000 anos [à frente]. Esse “tempo” exige que Seu público atue agora.

Em quarto lugar, esse “tempo” era inevitável. Na verdade, já estava lá, pois era desta vez contrário a isso ou a outra como já observamos. Mas também, os sinais no clima são discernidos para trazer mudanças previsíveis, chuva ou calor: o sinal é discernido, diz Jesus, e “então acontece” (versos 54, 55). A previsão vem acontecendo. Então, esse “tempo” de que Jesus fala é algo de que esses hipócritas não teriam escolha senão enfrentar.

Nós temos alguma indicação do que Jesus quis dizer em um uso posterior da palavra “tempo” como um indicador técnico. Isso ocorre durante a entrada triunfal comemorada no chamado Domingo de Ramos. Quando as pessoas começam a adorar a Jesus como Libertador e Salvador, os fariseus exigem que Jesus os repreenda. Ele se desvia. Durante essa entrada em Jerusalém, Jesus chorou sobre a cidade e previu sua desgraça:

“Se você compreendesse neste dia, sim, você também, o que traz a paz! Mas agora isso está oculto aos seus olhos.

Virão dias em que os seus inimigos construirão trincheiras contra você, e a rodearão e a cercarão de todos os lados.

Também a lançarão por terra, você e os seus filhos. Não deixarão pedra sobre pedra, porque você não reconheceu *o tempo em que Deus a visitaria*”.

(Lucas 19: 42-44 - ênfase minha)

Observe que Jesus diz que uma terrível destruição e desolação viria sobre Jerusalém por causa de sua ignorância sem fé a respeito de “neste dia” e “o tempo”. Esse “tempo” compartilha todos os mesmos elementos aqui como faz na parábola da previsão do tempo: contemporaneidade, iminência, inevitabilidade. E Jesus diz que desta vez é especificamente “o tempo em que Deus a visitaria”.

A palavra “visitação” pode ao ouvido moderno significar amizade e atenção, mas, biblicamente, ela se refere quase que universalmente ao julgamento. O julgamento pode resultar de forma favorável ou não, mas a ideia é de Deus inspecionar Seu povo e pronunciar um julgamento baseado em Suas conclusões. A palavra grega é *episkope*, da qual recebemos a nossa palavra “episcopal”; significa “supervisor”. A ideia é que Deus, o superintendente do povo da Aliança, virá inspecionar e julgar essas pessoas.

Esse entendimento aparece em muitos lugares da Escritura. Por exemplo, quando os líderes de Israel fizeram o povo pecar (Isaías 9:8-21), Deus prometeu juízo sobre eles. O aviso era dessa forma: “Que farão vocês no dia do castigo, quando a destruição vier de um lugar distante? Atrás de quem vocês correrão em busca de ajuda? Onde deixarão todas as suas riquezas? (Isaías 10:3 KJV [King James Version]). (O ESV [English Standard Version] e o NAS [The New American Standard Bible] traduzem incorretamente a palavra hebraica *pequddah* aqui como “castigo” em vez de “visitação”). Jeremias também ridiculariza ídolos: “Eles são inúteis, uma obra de ilusão; no momento da sua punição [visitação] eles perecerão (Jeremias 10:15). Jeremias está particularmente interessado no uso dessa ideia de visitação (8:12; 10:15; 11:23; 23:12; 46:21; 48:44; 50:27; 51:18). Veja também Oséias 9:7; Miquéias 7:4.

Esta compreensão da palavra também encontra expressão histórica muito próxima dos tempos de Jesus. A literatura apócrifa judaica que foi escrita em torno do século II a.C. inclui usos muito claros desta frase: Sirac 18:20 diz: “Examine-se antes que o julgamento venha, e no dia da visitação você será absolvido” (NJB) e *O Livro da Sabedoria* vê os justos passando com perfeição: “Ao seu tempo de visitação, eles resplandecerão; como as fâscas atravessam o restolho, eles também.

Eles julgarão as nações, governarão os povos, e o Senhor será seu rei para sempre”. (Sabedoria 3:7-8). Claro, estes não são textos inspirados e não devem ser considerados como guias autoritários de interpretação. No entanto, eles nos dão exemplos de como os judeus relativamente contemporâneos a Jesus usaram palavras e ideias particulares em seu contexto teológico.

Retornando à Escritura, uma referência muito reveladora é encontrada na renovação da aliança em Deuteronômio. Durante o ensaio da história de Israel na época da Lei de Deus, Moisés especificamente se refere à terra de Israel como “uma terra que o Senhor seu Deus cuida. Os olhos do Senhor, seu Deus, estão sempre sobre ela, desde o início do ano até o fim do ano” (Deuteronômio 11:12). A Septuaginta Grega tem uma forma verbal de *episkepe* para “cuidados”, que é fiel à palavra hebraica para frequentar ou visitar um lugar. A ideia é que Deus mantém o controle constante de Seu povo.

Esta ideia de estar constantemente diante do rosto de Deus foi representada no tabernáculo e no templo nos 12 “pães da proposição” (Êxodo 25:30, Levítico 24:5-9; 2º Crônicas 2:4). A frase hebraica é literalmente “pão de rostos”. Ele deveria estar no tabernáculo, Deus ordenou: “antes de mim [literalmente “Meu rosto”] regularmente” (Êxodo 25:30). O hebraico literalmente se lê: “E você colocará na mesa o pão dos rostos diante do meu rosto continuamente”. Assim, Deus examinaria continuamente os 12 de forma simbólica.

Em Deuteronômio 11, o “supervisionar... continuamente” a passagem é seguida de promessas típicas de bênção se as tribos supervisionadas obedecerem e ameaças de julgamento caso se rebelem. Parece que a visitação/supervisão traz consigo graves consequências em caso de apostasia.

Lembre-se, esta longa narrativa itinerante sobre o processo judicial de Jesus contra Israel, começa com Ele, colocando o rosto em direção a Jerusalém. Ele tem essa cidade representativa diante de Seu rosto sempre durante toda essa viagem. Ele está encarnando a presença do templo, a promessa da promessa de Deuteronômio 11. A passagem sobre a entrada triunfal é a culminação da visita encarnada de Deus

sobre a cidade. Seu rosto, Sua presença, literalmente, chegou a inspecionar essas 12 tribos.

E a cidade é tão infiel, rebelde e teimosa que não pode, e nem sequer percebe o tempo de sua visita. Deveria ter sido tão claro para eles quanto o tempo mudava no céu ocidental, e mesmo com os milagres e ensinamentos de Jesus, era claro. Mas as pessoas continuaram a um fracasso em se decidirem, e os líderes exigiram sinais, etc. Então, o julgamento estava chegando a esses hipócritas.

O Julgamento deverá chegar

A principal questão do “tempo”, portanto, foi um julgamento que vem. Isso se desenvolve no segundo relato da hipocrisia do povo: falta de julgamento individual. A falta aqui resultaria em julgamento de Deus. Isso é visto na próxima parábola que Jesus ensina, que segue diretamente a parábola de previsão:

“Por que vocês não julgam por si mesmos o que é justo?”

Quando algum de vocês estiver indo com seu adversário para o magistrado, faça tudo para se reconciliar com ele no caminho; para que ele não o arraste ao juiz, o juiz o entregue ao oficial de justiça, e o oficial de justiça o jogue na prisão.

Eu lhe digo que você não sairá de lá enquanto não pagar o último centavo”.

(Lucas 12:57-59)

Pode ter sido novidade para essas pessoas que eles até tiveram um acusador. Talvez elas nunca estivessem na posição de serem processadas perante um juiz. Mas Jesus certamente recebeu sua atenção, chamando-os de hipócritas e agora de devedores criminosos. Ele informa que eles estão em um estreito legal grave (este é o processo da Aliança de Deus, lembra-se?). É seu dever resolver-se fora do tribunal antes que a parte ofendida (que também é o juiz e o oficial) leve você perante o juiz e o oficial.

O significado desses devedores judeus é simples. Eles não tinham cumprido o fim da Aliança com Deus. Eles tinham aproveitado Suas bênçãos e misericórdias. Eles haviam acumulado enormes montes de dívidas, e agora as contas tinham vindo de maneira devida. Claro, tudo o que os teria levado a pagar na íntegra teria sido arrepender-se e acreditar nEle; eles poderiam facilmente se instalar no Caminho. E na verdade, ainda havia tempo. Mas chegou o momento, em breve, quando essas pessoas seriam chamadas a prestação de contas. Se eles não se tivessem resolvido antes do julgamento, eles teriam a chance de enfrentar as sanções completas de um julgamento judicial, e o recurso legal seria contra eles. Eles seriam punidos e punidos até o último centavo da dívida eterna que eles deviam.

Agentes de Deus prefigurados

As pessoas então imediatamente provam que têm olhos, mas não veem e ouvem, mas não ouvem. Eles fazem isso fingindo que eles realmente discerniram os tempos: “Naquela ocasião, alguns dos que estavam presentes contaram a Jesus que Pilatos misturara o sangue de alguns galileus com os sacrifícios deles” (Lucas 13:1). Essas pessoas estavam em eventos atuais. Eles conheciam os tempos! Eles sabiam que o malvado Império Romano estava matando judeus inocentes - e também contaminando seus rituais religiosos! Certamente, ter merecido algo tão terrível, esses malvados galileus eram os devedores que Cristo estava falando.

Jesus respondeu nivelando Seu campo de jogo:

“Jesus respondeu: “Vocês pensam que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros, por terem sofrido dessa maneira?

Eu lhes digo que não! Mas se não se arrependerem, todos vocês também perecerão.

Ou vocês pensam que aqueles dezoito que morreram, quando caiu sobre eles a torre de Siloé, eram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém?

Eu lhes digo que não! Mas se não se arrependerem, todos vocês também perecerão”.

(Lucas 13:2-5)

Agora chegamos a uma das passagens mais interessantes de toda a narrativa itinerante que começou em Lucas 9:51. Aqui não temos uma parábola fornecendo a substância da lição, mas sim eventos históricos reais.

Muitos comentários e pregadores faltam o ponto de Lucas 13:1-5. Eles muitas vezes veem isso como a única resposta de Jesus ao problema do mal (por que coisas ruins acontecem com pessoas inocentes?). Essa é a teodicéia de Jesus? *“Esqueça os acontecimentos, o arrependimento é tudo o que importa”*. Este é o ponto principal?

Eu admito que eu vi o verso dessa maneira por muitos anos até que algo finalmente me tocasse. Na verdade, foi essa passagem que me inspirou a começar este projeto exegético. Uma vez que eu percebi o significado escatológico aqui, toda a seção e todas as parábolas imediatamente imploravam por uma análise preterista. Considerando o contexto em que esta passagem aparece, sua inclusão aqui não tem muito a ver com a teodicéia ou o problema do mal. Tem tudo a ver com o processo de Jesus contra Jerusalém.

Os galileus vítimas de Pilatos eram os piores pecadores para merecer tal destino? Pergunta injustificada, exceto como retórica (a maneira como Jesus usou). Hipócritas! Vocês não podem discernir o tempo, o tempo de sua visita. Vocês são todos pecadores idólatras, rebeldes e sem fé. O tempo é agora para o arrependimento. Se vocês não se arrependerem (em breve), todos vocês vão morrer da mesma forma.

O “igualmente” aqui que eu acredito deve ser tomado com muita força - quase literalmente. Mesmo que não, a interpretação é forte de qualquer maneira. É quase como se Jesus estivesse dizendo “assim como eles - da mesma forma” vocês perecerão. Essas pessoas não tinham ideia do que estavam se preparando para trazer Pilatos e seu assassinato que desafia o ritual. Estes judeus muito incrédulos morreriam como os galileus - tendo o sangue derramado pelos agentes de Roma, tendo seus rituais do templo contaminados. Embora eu não

pense que Jesus, de maneira alguma, significou isso como uma revelação específica de que Roma seria o fator no próximo julgamento, certamente é providencialmente pressuposto - e estou quase certo de que Sua audiência teria assumido isto, se eles esperassem uma destruição vinda das mãos de um inimigo estrangeiro (como nos tempos passados).

A segunda metade do ensinamento de Jesus aqui se refere a outro desastre, desta vez a queda da torre de Siloé, que matou 18 pessoas. Não há registro histórico disso exceto aqui, mas isso é irrelevante para o ponto. Há dois presságios adicionais na adição de Jesus ao relato de Pilatos: 1) seria um ato de Deus, e 2) envolveria a derrubada dos edifícios em Jerusalém.

Primeiro, seria um ato de Deus. A primeira história envolveu um agente humano maligno - Pilatos. Mas ninguém é mencionado em conexão com a tragédia da torre de Siloé. Não foi atacada ou derrubada – apenas caiu. Esta foi a mão de Deus. E enquanto Pilatos (Roma) estariam envolvidos no julgamento seguinte, seria um ato de Deus destruindo aqueles que não se arrependeram.

Em segundo lugar, o julgamento envolveria o derrube de pedras sobre pedras em Jerusalém. Jesus dirá isso mais tarde em uma passagem agora famosa sobre o Templo: “Disso que vocês estão vendo, dias virão em que não ficará pedra sobre pedra; serão todas derrubadas” (Lucas 21:6). Aqui, isso só foi tipificado por Deus derrubando a torre de Siloé.

A mensagem geral, portanto, é clara. Estava considerando o tempo para Jerusalém, a Grande Meretriz, a Babilônia misteriosa. Ela está vindo para baixo. E muitas pessoas aparentemente inocentes estão prestes a ser de repente e violentamente destruídas na visitação [de Deus]. Roma, pela mão de Deus, matará os judeus e derrubará a cidade. O público de Jesus pensa que tais coisas acontecem apenas em circunstâncias raras e estranhas, e provavelmente para pessoas que merecem isso por pecados secretos. Mas, de fato, todos merecem isso, e todos entenderiam isso em breve.

A audiência de Jesus não poderia ter esperado detectar todos esses detalhes prefigurados, mas a mensagem geral era clara. O tempo era

curto para o arrependimento, caso contrário, haveria um perecimento violento. Na verdade, portanto, essa passagem tem tudo a ver com a perseguição de Jesus contra Israel, e é uma descrição muito precisa e gráfica de tudo o que aconteceria.

A parábola da figueira sem frutos

A natureza escatológica da passagem precedente é clara, como eu disse, devido ao seu contexto. O contexto geral, é claro, é toda a jornada em direção a Jerusalém. Mas o contexto imediato é ainda mais explícito. As parábolas sobre a previsão são óbvias; elas pertencem a ideia de discernir o tempo. Agora chegamos ao outro lado do suporte: a parábola de uma figueira com múltiplas possibilidades de dar frutos, antes de finalmente ser ameaçada de ser desenraizada. Lemos:

“Então contou esta parábola: “Um homem tinha uma figueira plantada em sua vinha. Foi procurar fruto nela, e não achou nenhum.

Por isso disse ao que cuidava da vinha: ‘Já faz três anos que venho procurar fruto nesta figueira e não acho. Corte-a! Por que deixá-la inutilizar a terra?’

“Respondeu o homem: ‘Senhor, deixe-a por mais um ano, e eu cavarei ao redor dela e a adubarei.

Se der fruto no ano que vem, muito bem! Se não, corte-a”.

(Lucas 13:6-9)

Esta é claramente uma referência a Jerusalém que até agora não trouxe nenhum fruto para Deus. Até o Reino de Deus, ela era estéril. Em vez de ter frutos piedosos, ela se encheu de todo tipo de iguarias através da fornicação com o Reino da Terra (Apocalipse 17-18).

O proprietário da vinha tinha o suficiente. Ele queria que a erva sem valor fosse reduzida. Seu argumento baseou-se em dois argumentos: não deu frutos por três anos, e o terreno é muito valioso para arriscar em uma árvore não produtiva.

Isso é quase persuasivo o suficiente para agir imediatamente. Sim, a terra - a terra - é muito valiosa para se comprometer com madeira

essencialmente morta. Este é um mau investimento. Israel realmente foi um mau investimento. Deus havia dado sua posição, riqueza, conhecimento e revelação. Mas ele se recusou a se expandir para as nações do jeito que era suposto, e, em vez disso, estava nutrindo nutrientes do resto do mundo para satisfazer seus desejos. Dado um caso de teste final, isso seria parte do último motivo para a remoção de Israel pela terra.

Mas, na parábola, a árvore já havia ficado infrutífera por três anos. Embora isso pareça uma falha muito consistente, é, no entanto, normal que as mudas cresçam em seus primeiros três anos antes de produzir frutos. Então devemos dar um período a mais.

E para o último ano, obterá uma atenção especial. A pessoa que cultivava estaria certa em cultivar o solo e fertilizá-lo. E qual era a presença de Jesus entre o Seu povo, e o último grande trabalho? Foi Deus preparando um bom solo e fertilizando-o com a Palavra. Mas, finalmente, muito desse solo é rochoso, superficial e cheio de espinhos (Lucas 8:4-15). Mas esta é a última chance. Se essa árvore tiver frutos após os esforços de Jesus, então, muito bem, mas, se não, você pode cortá-la, você pode arrasar a cidade até o chão.

Conclusão

Esta seção completa de Lucas 12:54 a 13:9 tem um tema: *“o tempo é curto”*. E colocou a situação imediata de Jesus, que esse tema era específico para o público: *“o tempo é curto para vocês”*. Observe que para toda a seção, Jesus está falando com o povo daquela grande multidão. Estas advertências sobre *“o tempo”*, do juiz de encerramento, da tragédia violenta que vem, sendo essa a última chance - todos foram direcionados e destinados à audiência imediata de Jesus. Para eles, de fato, o tempo era curto, e nenhum escaparia da grande decisão.

Em apenas alguns versos, veremos Jesus dizendo que, como ninguém escaparia à decisão, poucos escapariam do julgamento. Estas mesmas pessoas que Jesus disse que pereceriam se não se arrependessem, Ele agora informará que na verdade não se

arrependerão. A árvore será removida; e quem deve preencher esse lote vazio de jardim? Em alguns capítulos, veremos, mas primeiro devemos considerar uma seção de Mateus do que fornecer informações para a próxima seção de Lucas.

5

Joio, Trigo e Reino (Mateus 13:24-43)

Enquanto nos concentramos principalmente na narrativa da viagem de Lucas, essa passagem de Mateus é particularmente relevante e importante para a discussão neste momento. Não há razão cronológica para inseri-la diretamente neste ponto, pois acredito que Jesus deu esta série de parábolas muito antes da Sua última subida a Jerusalém. No entanto, Ele ainda considerou o julgamento dessa cidade; e uma vez que Ele reconta as parábolas da semente de mostarda e a do fermento na próxima seção cronológica de Lucas, as bases do contexto devem ser colocadas aqui para comparação.

Neste capítulo, uso a tradução de King James em vez da ESV que usei para o resto deste comentário. Eu faço isso pela fraseologia familiar e terminologia do relato, mas, mais importante, para fazer uma questão sobre como uma tradução incorreta criou um erro duradouro na interpretação dessa parábola.

A Parábola do Joio e do Trigo

Para muitos (talvez a maioria) dos cristãos, a parábola do joio e do trigo conta a história do julgamento final (Mateus 13:24-30, 36-43). Essa visão é especialmente compreensível quando se baseia na antiga tradução de King James. Ali diz:

“Jesus lhes contou outra parábola: “O Reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente em seu campo.

Entretanto, quando todos dormiam, chegou o inimigo dele, lançou o joio no meio do trigo, e seguiu o seu caminho.

Assim, quando o trigo brotou e formou espigas, o joio também apareceu.

Os servos do dono da plantação foram até ele e perguntaram: ‘Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Então, de onde vem o joio?’.

Ele, porém, lhes respondeu: ‘Um inimigo fez isso’. Então os servos lhe propuseram: ‘Senhor, queres que vamos e arranquemos o joio?’ Ao que o senhor respondeu: ‘Não, pois ao tirar o joio, podereis arrancar juntamente com ele o trigo.

Deixai-os, pois, crescer juntos até à safra, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: ‘Primeiro ajuntai o joio e amarraí-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro’.

Depois de algumas parábolas relacionadas, Jesus sai da multidão e entra em uma casa. Seus discípulos, não tendo entendido a parábola, mas desejando evitar o constrangimento de dizer tão publicamente, vieram a Ele em particular e pediram que Ele o explicasse. Ele responde:

“E Jesus explicou: “Aquele que semeou a boa semente é o Filho do homem.

O campo é o mundo, e a boa semente são os filhos do Reino. O joio representa os que pertencem ao Maligno.

O inimigo que semeou o joio é o Diabo. *A colheita é o final desta era*, e os ceifeiros são os anjos.

Da mesma maneira que o joio é colhido e jogado ao fogo, assim será *no fim desta era*.

O Filho do homem mandará os seus anjos, e eles ceifarão do seu Reino tudo o que causa tropeço e todos os que praticam o mal. Eles os lançarão na fornalha ardente e ali haverá pranto e ranger de dentes.

Então os justos reluzirão como o sol no Reino de seu Pai. Aquele que tem ouvidos para ouvir, que ouça!”. (A ênfase em *italico* é minha)

Duas coisas principais tiraram desta parábola para ser mal interpretada:

- 1) Muitas vezes foi ensinado como uma parábola do fim do mundo ou sobre o julgamento final e;
- 2) a KJV [King James Version] popular diz claramente que esse julgamento, separação e queimadura deve ocorrer “no final deste mundo” (versos 39-40).

Esta leitura claramente faz com que o verso se conecte com o versículo 38: “O campo é o mundo”. É bastante claro que o “mundo” no qual as duas tensões cresçam será o mesmo “mundo” que chega ao fim. Assim, a colheita, a separação e o julgamento ocorrem no fim do mundo.

Mas esta tradução é simplesmente imprecisa. O versículo 38 é correto ao dizer “mundo”, pois a palavra grega é kosmos - uma palavra grega comum traduzida “mundo”. Refere-se a todo o sistema deste Planeta e à ordem das coisas. Mas a palavra é inteiramente diferente nos seguintes versículos. Nos versos 39 e 40, a palavra grega é aion, a partir da qual recebemos a nossa palavra “era”. Refere-se a um longo período de tempo, e é traduzida de forma adequada como “idade”. A maioria das traduções modernas é correta (ESV, NAS, etc...), e até mesmo as impressões modernas da King James incluem notas de rodapé com a leitura adequada. Por que a antiga KJV [King James Version] a traduziu como “mundo” é outro mistério.

Uma tradução correta aqui é indispensável para entender corretamente esta parábola e suas explicações. É mais correto se lermos:

“O campo é o mundo, e a boa semente são os filhos do reino. As ervas daninhas são os filhos do maligno, e o inimigo que as semeou é o diabo. A colheita é o fim da idade, e os ceifadores são os anjos.

Assim como as ervas daninhas são recolhidas e queimadas com fogo, assim será no fim da idade”.

(ESV - The English Standard Version)

Esta não é uma tradução perfeita, mas obtém o ponto importante para esta discussão. Aquilo que acaba neste ensino não é o mundo em si, mas um período particular de tempo. Jesus não se preocupa com o fim do mundo, mas com o fim da era. E o julgamento que é descrito aqui, portanto, pertence ao fim desse período de tempo.

A questão surge então, de que período específico de tempo está falando? É possível (e talvez tentador para muitos) tornar essa idade sinônimo do fim de todos os tempos e, portanto, um fim do mundo. Mas é isso que Jesus pensou aqui?

“Esta idade [ou era]”

Eu não acho que Jesus tinha o fim último do tempo em vista aqui. Em vez disso, Ele tinha em mente o fim de uma era particular que seria seguida por outra. Isso é claro a partir do ensinamento que Ele havia dado anteriormente no mesmo dia (ver Mateus 13:1). Ele havia avisado o povo e os fariseus contra o pecado imperdoável: “E quem falar uma palavra contra o Filho do Homem será perdoado, mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem nesta idade, nem na idade futura” (Mateus 12:32).

Aqui, Jesus fala sobre esta era e a era por vir, em ambas as quais as mesmas regras para a crença e a profissão de fé estão em pé. Isso mostra que Ele teve sua era atual em mente – “esta era” era a idade dEle que obviamente daria lugar a outra era ainda por vir (para os seus ouvintes de qualquer maneira).

Na verdade, muitos dos manuscritos gregos de Mateus 13:40 também incluem a palavra “isto” e se pode ler que “a colheita é o fim desta idade”. Enquanto a palavra está faltando nos manuscritos mais antigos que temos, seu atestado é grande e a porção de textos não devem ser totalmente ignorada.

Esta compreensão de duas eras também ocorre no ensino de Paulo. Por exemplo, Jesus é o ascendido rei reinante, “muito acima de toda regra e autoridade, poder e domínio, e acima de todo nome que se chama, não apenas nesta época (aion), mas também na que está por vir” (Efésios 1:21). Ele então aplica essas duas eras para o resgate dos crentes do espírito da época:

“Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados, nos quais costumavam viver, quando seguiam a presente *ordem deste mundo* [aion, idade] e o príncipe do poder do ar, o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência.

Anteriormente, todos nós também vivíamos entre eles, satisfazendo as vontades da nossa carne, seguindo os seus desejos e pensamentos. Como os outros, éramos por natureza mercedores da ira.

Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida juntamente com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões — pela graça vocês são salvos.

Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus, para mostrar, *nas eras que hão de vir*, a incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em sua bondade para conosco em Cristo Jesus”.

(Efésios 2:1-7)

Paulo viu claramente as mesmas duas eras [ou idades] que Jesus viu: uma era que estava operando atualmente quando escreveu, e outra era que dominaria o futuro. A questão é, então, quando ocorre a mudança entre essas eras?

Paulo claramente indica que uma mudança estava ocorrendo como ele escreveu, e, de fato, a velhice (que podemos chamar de era do Antigo Testamento) estava chegando ao fim como ele escreveu. Em Efésios 3:8-11, ele observa a causa da mudança. Ele diz que recebeu graça para pregar o evangelho aos gentios,

“...para trazer à luz para todos o que é o plano do mistério escondido para os *séculos* em Deus, que criou todas as coisas, para

que, através da igreja, a sabedoria múltipla de Deus possa agora ser conhecida dos governantes e autoridades nos lugares celestiais. Isto foi de acordo com o propósito eterno que Ele realizou em Cristo Jesus nosso Senhor”.

Observe a causa da mudança da época. Deus manteve a revelação do evangelho escondida por anos, diz o apóstolo, mas agora (como ele escreveu) Ele a trouxe à luz. Em outras palavras, a vinda de Cristo e a obra de Cristo afetaram o início de uma mudança nos séculos.

Paulo repete esse mesmo ensinamento em Colossenses 1. Ele explica o seu ministério como a entrega da Palavra de Deus, “o mistério escondido por séculos e gerações, mas agora revelado aos seus santos” (Colossenses 1:26). É claro, então, que uma mudança vital na providência de Deus ao longo dos tempos ocorreu com a *vinda de Cristo*.

Mas a “esta era” de Paulo e de Jesus realmente chegou ao fim quando Paulo escreveu, ou ainda será em nosso futuro? Paulo também deixa isso claro, em 1ª Coríntios 10. Depois de contar várias histórias do Êxodo, Paulo ensina: “Agora essas coisas aconteceram com eles como um exemplo, mas foram escritas para a instrução [do seu primeiro público [em corinto], sobre quem chegou o fim dos tempos” (1ª Coríntios 10:11). É claro por isso que Paulo se viu no final de uma era - uma idade tipificada pelo julgamento sobre pessoas desobedientes.

O autor de Hebreus usa uma expressão muito semelhante em relação à obra de Cristo: “Mas, como é, ele apareceu uma vez por todas no final dos tempos para afastar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” (Hebreus 9:26). É claro aqui que o fim desse antigo período de tempo chegou em conjunto com a crucificação de Cristo.

Assim, a partir do ensinamento de Jesus, Paulo e o autor de Hebreus, temos uma imagem muito clara de duas eras primárias: uma que durou até o tempo de Cristo e outra que começou em torno desse mesmo período. Creio que esses dois períodos, dependendo da vinda e obra de Cristo, pertencem obviamente às administrações da Antiga e Nova Aliança. Na verdade, isso é o que o autor de Hebreus relaciona. Ele diz que a Nova Aliança torna o Velho obsoleto: “E o que está se tornando obsoleto e envelhecendo está pronto para desaparecer” (Hebreus

8:13). Observe, o Novo, de fato, tornou o Velho obsoleto definitivamente. Mas, como ele escreveu, em seu tempo, o Velho estava ficando obsoleto e estava pronto para desaparecer. Ainda não havia sido completamente eliminado, mas certamente estava em seus momentos moribundos.

Morreu no ano 70, quando o símbolo e as cerimônias desse antigo sistema - o Templo e os sacrifícios - foram completamente destruídos pelos exércitos romanos. Este foi o momento definitivo quando a “era” de Jesus e de Paulo terminou e cedeu completamente à “era por vir”. Isto, é claro, é exatamente por isso que Jesus amarrou “o fim da era” à Sua profecia da destruição do Templo.

Jesus deixou o templo e foi embora, quando Seus discípulos vieram apontar para Ele os edifícios do templo. Mas ele respondeu: “Vocês veem tudo isso, não é? Em verdade, eu digo a vocês que não será deixado aqui uma pedra sobre a outra que não será derrubada. Quando Ele se sentou no Monte das Oliveiras, os discípulos vieram a Ele em particular, dizendo: Diga-nos, quando serão essas coisas, e qual será o sinal de sua vinda e do fim da idade?”

Os apóstolos claramente entendiam Jesus agora. Lembre-se, antes em Mateus 13, eles tiveram que pedir a Ele que explicasse a parábola do joio e do trigo. Ele expôs então o fim da era e o julgamento sobre os filhos do inimigo. Ele identificou de maneira clara e frequente os fariseus como filhos do inimigo, e os discípulos deles como filhos do inferno (Gehenna - veja Mateus 23:15). Os discípulos desta vez conectaram imediatamente os pontos com o pronunciamento de Jesus sobre o Templo (Mateus 24:2): deve estar ligado ao “fim da era” que Jesus ensinou anteriormente. Então eles pediram-lhe para explicar o “fim da era”.

Na verdade, ela estava vinculada. Jesus prosseguiu para expor todos os julgamentos que viriam sobre Jerusalém e sobre os filhos incrédulos do inimigo (Mateus 24:4-25:45).

O julgamento da era

Uma compreensão clara da parábola do joio e do trigo só surge após uma tradução adequada de *aión* (era [ou idade]) e o ensino bíblico sobre as duas eras. É claro que Jesus não teve em mente o fim do mundo, nem quis dizer sobre o Julgamento Final. Em vez disso, Mateus 13:24-30, 36-43 descrevem o julgamento que aconteceria com a Jerusalém incrédula. Durante este tempo, os anjos “reuniriam de seu reino todas as coisas que ofendem, e os que praticam a iniquidade” (Mateus 13:41) e estes seriam julgados com fogo. Muitos deles literalmente foram queimados em fogo durante a destruição de Jerusalém. Durante esse mesmo tempo, no entanto, os eleitos de Cristo – “os filhos do reino” (verso 38) serão colhidos. Embora a explicação da parábola não nos diga seu final total, a parábola em si tem o chefe de família instruindo os ceifeiros a “reunir o trigo no meu celeiro”. Em outras palavras, eles são protegidos e salvos por Deus.

Isso, é claro, é exatamente o que aconteceu com os cristãos. Não só eles foram salvos em alma, mas eles principalmente fugiram de Jerusalém antes do cerco romano. Isso foi consequente ao conselho de Jesus sobre fugir e não olhar para trás quando os sinais surgirem (Mateus 24: 16-22); De fato, isso corresponderia ao trabalho dos anjos de colher os eleitos (Mateus 24:30). De fato, os cristãos em Jerusalém venderam suas casas e terras durante aquele tempo antes de Roma marchar (Atos 4:32-37); eles usaram os recursos para ajudar uns aos outros. Eles não tiveram intenção de ficar em Jerusalém; eles sabiam isso melhor com base no aviso divino.

A separação do trigo e do joio, portanto, dizia respeito à destruição de Jerusalém e à separação dos verdadeiros frutos de Deus das ervas daninhas, os judeus incrédulos daquele tempo. Ironicamente, essa interpretação chega ao coração da imagem na parábola. Um “joio” não era simplesmente nenhuma erva velha, mas uma erva particular que se chamava de “joio” ou *ζίζανια* em grego. Se parecia quase exatamente como o trigo em estágios iniciais de crescimento e exigia um exame

atento para se dizer a diferença. Em fases posteriores, a diferença fica clara, mas é tarde demais para remover o joio sem danificar o trigo (como diz a parábola). Pior ainda, as sementes do joio são venenosas, causando tonturas, doenças e, possivelmente, até a morte quando se come. Em suma, eles poderiam parecer o verdadeiro, mas eram venenosos; e depois de um tempo, suas verdadeiras cores se mostravam. Esta foi exatamente a história com os judeus rebeldes. Eles pareciam o povo de Deus, mas eles eram realmente os filhos do inimigo - eles até mataram os profetas de Deus (Mateus 23:30-39). E a história mais longa prosseguiu, mais sua natureza verdadeira como os filhos da ira foi revelada.

Assim, a parábola descreve o fim que se aproxima da velhice e a destruição de seus filhos e o início da reunião dos verdadeiros filhos do Reino de Deus. Este ensinamento não deve ser entendido além disso.

Sementes de mostarda e fermento

Imediatamente em consequência da parábola do trigo e do joio, Jesus disse as parábolas da semente de mostarda (Mateus 13:31-32) e do fermento (Mateus 13:33). Há muito mais a dizer sobre isso do que eu tenho espaço para tal. Aqui está o impulso básico: seguindo o ensinamento de que havia uma separação entre os filhos do inimigo e os filhos do Reino, Jesus descreve imediatamente a natureza do crescimento do Reino. A parábola da semente de mostarda:

“E contou-lhes outra parábola: "O Reino dos céus é como um grão de mostarda que um homem plantou em seu campo.

Embora seja a menor dentre todas as sementes, quando cresce torna-se a maior das hortaliças e se transforma numa árvore, de modo que as aves do céu vêm fazer os seus ninhos em seus ramos”.

E a do fermento:

“E contou-lhes ainda outra parábola: O Reino dos céus é como o fermento que uma mulher tomou e misturou com uma grande quantidade de farinha, e toda a massa ficou fermentada”.

Em ambos os casos, temos algo pequeno crescendo em algo grande. Ambos crescem lentamente; ambos crescem imperceptivelmente. Tudo isso se relaciona com a era do Novo Testamento. Um pequeno grupo de discípulos foi salvo da destruição de Jerusalém. Com o tempo, eles cresceram para preencher o mundo. Isso não ocorreu durante a noite, mas gradualmente. Ainda há muito trabalho a ser feito, muito crescimento a ser tido. Isso, também, ocorrerá gradualmente e lentamente.

A única ênfase na parábola da semente de mostarda é a proporção. Uma pequena semente cresce para abrigar e apoiar as aves do céu. Isso é nada menos que milagroso - certamente além das expectativas normais de um pequeno grupo iniciando um movimento. O que, ao princípio, é aparentemente insignificante, torna-se aquele sobre o qual a vida depende definitivamente.

A única ênfase na parábola do fermento é a onipresença. Não só faz algo pequeno se tornar grande, mas se espalha e permeia o todo. Nisto, aprendemos que o Reino acabará cristianizando o mundo inteiro. Sua influência permeará todas as pessoas e coisas em todos os lugares. No entanto, novamente, isso vai acontecer de forma lenta e imperceptível ao longo do tempo.

Jesus amarrou a separação e o julgamento do joio e do trigo na mudança da “era”, ou administração da Aliança. A partir disso, devemos entender o início do crescimento gradual do Reino como começando com a reunião desses filhos do Reino. É por esta razão que as duas parábolas breves de crescimento estão intercaladas no texto entre a parábola do joio e do trigo (versos 24-30) e sua explicação particular (versos 36-43). Todas elas andam juntas.

Conclusão

Por isso deveria ficar claro que Jesus não previu o fim do mundo na parábola do joio e do trigo. Em vez disso, Ele indica o fim e a destruição da velha era da Aliança e anuncia a salvação dos filhos do Reino. Este verdadeiro Reino crescerá e se espalhará gradualmente ao longo da idade por vir - a idade em que vivemos - até se espalhar por todo o mundo. Essas parábolas, portanto, juntas ilustram mais plenamente a mensagem de Jesus do futuro Reino dos céus.

6

“Eis que a vossa casa se vos deixará deserta”

(Lucas 13:10-13:35)

Ele seguindo a seção de Lucas (Lucas 13:10-35) flui diretamente dos ensinamentos anteriores e desenvolve-os para:

- 1) fortalecer a dicotomia entre Jesus e os atuais líderes de Israel/Jerusalém, e;
- 2) pronunciar claramente o julgamento que vem sobre Jerusalém. A visão, em suma, não era boa para a massa dos judeus.

Um sábado frutuoso

Após o Seu aviso sobre a figueira infrutífera, Jesus demonstra como Ele é, de fato, o frutífero ramo de Israel enquanto os líderes atuais são estéreis. Lucas nos conta:

“Certo sábado Jesus estava ensinando numa das sinagogas, e ali estava uma mulher que tinha um espírito que a mantinha doente havia dezoito anos. Ela andava encurvada e de forma alguma podia endireitar-se.

Ao vê-la, Jesus chamou-a à frente e lhe disse: “Mulher, você está livre da sua doença”.

Então lhe impôs as mãos; e imediatamente ela se endireitou, e louvava a Deus.

Indignado porque Jesus havia curado no sábado, o dirigente da sinagoga disse ao povo: “Há seis dias em que se deve trabalhar. Venham para ser curados nesses dias, e não no sábado”.

O Senhor lhe respondeu: “Hipócritas! Cada um de vocês não desamarra no sábado o seu boi ou jumento do estábulo e o leva dali para dar-lhe água?”

Então, esta mulher, uma filha de Abraão a quem Satanás mantinha presa por dezoito longos anos, não deveria no dia de sábado ser libertada daquilo que a prendia?”

Tendo dito isso, todos os seus oponentes ficaram envergonhados, mas o povo se alegrava com todas as maravilhas que ele estava fazendo.

(Lucas 13:10-17)

Enquanto estamos cobrindo principalmente as parábolas de Jesus durante esta jornada a Jerusalém, é importante também observar os aspectos judiciais de seus diversos confrontos com os líderes civis e espirituais do dia. Esses conflitos também pertencem ao processo contra Israel, e esse episódio é dessa mesma espécie.

A mulher aqui é representativa do remanescente eleito de Israel (em breve a Igreja do Novo Testamento). Atualmente, ela está vinculada por Satanás, mas Jesus, por sua vez, amarra o homem forte e liberta a casa (lembre-se de nossa discussão sobre Lucas 11:15-26). Ela não podia endireitar-se; ela precisava da mão do favor e da graça de Deus. Da mesma forma, Israel caído não podia se salvar, mas precisava de Cristo. No entanto, os líderes se rebelaram, provando sua falta do favor de Deus. A cena é tipificada no Salmo 20:

“Agora sei que o Senhor dará vitória ao seu ungido; dos seus santos céus lhe responde com o poder salvador da sua mão direita.

Alguns confiam em carros e outros em cavalos, mas nós confiamos no nome do Senhor nosso Deus.

Eles vacilam e caem, mas nós nos erguemos e estamos firmes.
Senhor, concede vitória ao rei! Responde-nos quando clamamos!”
(Salmos 20:6-9)

A nação judaica incrédula procuraria os reis da terra e todos os poderes políticos e econômicos deste mundo em vez do Ungido do Senhor. Assim, Jerusalém ganhou sua condenação como a Grande Meretriz (Apocalipse 17-18), como já dissemos. O idioma de Lucas aqui é paralelo ao do Salmo: o grego para “*imediatamente ela se endireitou*” (anorthothe) é uma palavra rara, mas aparece também no Salmo 20:7 (na Septuaginta) para “mas nós confiamos” (anorthothemen). E essa elevação ocorre apenas pela iniciativa de Deus - o poder de salvação de Sua mão direita. E aqui, Jesus literalmente coloca Sua mão salvadora sobre a mulher e a liberta. Ela então é libertada para glorificar a Deus.

Um confronto então ocorre com o “*dirigente da sinagoga*”. Esta era uma sinagoga local, pois Jesus ainda não havia chegado a Jerusalém. O dirigente da sinagoga provavelmente era um fariseu, embora [o relato] não nos diz. A probabilidade surge devido à influência dos fariseus na liderança leiga e ao movimento da sinagoga na época e ao fato de que essa mesma cena se reproduzirá no próximo capítulo enquanto Jesus janta na casa de “*um fariseu importante*” (Lucas 14:1), embora provavelmente seja diferente. O dirigente aqui em Lucas 13:14 também é possivelmente um membro de um Sanhedrin local [a Suprema Corte do Povo Judeu] por causa de seu status, embora isso seja especulativo. Ele certamente não era um sacerdote, mas um líder leigo, e muito provavelmente um dirigente civil.

Seja qual for o seu status completo, ele imediatamente faz o confronto público com Jesus. Ele tenta usar a Escritura contra Ele: é contra o quarto mandamento fazer qualquer trabalho no sábado; a cura é trabalho; portanto, Jesus quebrou um mandamento.

A tendência natural, aqui, é assumir que essa passagem destaca principalmente a questão do sábado: os fariseus alavancando sua visão excessivamente rígida do sábado como um meio de se opor a Jesus. Na visão padrão, esta é apenas mais uma área em que os fariseus tentam

fazer Jesus tropeçar, mas Ele inteligente pôde escapar - desta vez enfatizando a misericórdia de Deus contra os fariseus sem coração.

Este é um aspecto da mensagem maior aqui. A questão mais profunda é a da rebelião dos fariseus, e sua incapacidade de ver o chamado maior de Israel. A Lei foi concebida como uma testemunha das nações (Deuteronômio 4:5-8), para que eles vejam a sabedoria, a glória e a justiça de Deus. Esta testemunha é devidamente aparente na cura de Jesus a mulher, pois ela imediatamente louva a Deus, e assim faz o resto da multidão (Lucas 13:17), pelo menos por enquanto de qualquer maneira. E Jesus diz que este ato de misericórdia não só é permitido, mas o comandou, mesmo no sábado. Ele aplica Êxodo 23:4-5 (veja também Deuteronômio 22:1-4):

“Se encontrares o boi do teu inimigo, ou o seu jumento, desgarrado, sem falta lho reconduzirás.

Se vires o jumento, daquele que te odeia, caído debaixo da sua carga, deixarás pois de ajudá-lo? Certamente o ajudarás a levantá-lo”.

A Lei aplica esta passagem a ambos, seu irmão (Deuteronômio 22) e seu inimigo (Êxodo 23). Jesus aplica isso aqui aos próprios bois e os burros dos fariseus. Os mesmos fariseus, no entanto, nem permitiriam que um membro de sua própria sinagoga fosse solto no sábado, e muito menos um estranho ou um inimigo. Conclusão: os fariseus tratavam seus animais melhor do que o povo de Israel. Por esta razão, Jesus havia recentemente condenado os escribas (advogados):

“E ele lhe disse: Ai de vós também, doutores da lei, que carregais os homens com cargas difíceis de transportar, e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais essas cargas”.

(Lucas 11:46)

Mas há ainda outra conclusão. Aqui, essa mulher estava vivendo atenta à presença de todos por 18 anos. Os fariseus não só não puderam, como também não poderiam jamais libertar essa mulher. Não tinham poder sobre o homem forte chamado Satanás. Satanás

amarrou à vontade deles. No entanto, essa mulher era uma verdadeira filha de Abraão (Lucas 13:16); ela era do remanescente dos eleitos. Jesus, portanto, a livra da escravidão. Isso prova Seu poder e, portanto, é uma testemunha de que o Reino de Deus já veio (Lucas 11:20). Isso torna a presença de Jesus um momento de decisão. O tempo era curto, como vimos na última seção. O tempo de decisão era agora. Ou escolha o Messias que demonstrou poder sobre o inimigo, ou conte-se - em toda a sua glória farisaica - junto à escravidão e ao futuro do inimigo. Em outras palavras, o testemunho de Jesus sobre a Lei também é testemunho de que o resto de Israel está verdadeiramente ligado a Satanás.

Então, o relato de Lucas aqui fornece mais uma evidência de que Israel era a figueira infrutífera. Por ser estéril - sua recusa em dar frutos e sua recusa daquele que deu frutos - ela logo ficaria estéril, isto é, desolada, pois logo ouviremos isso novamente e explicitamente.

As parábolas da semente de mostarda e do fermento (Lucas 13:18-21)

O confronto anterior sobre a cura e o Sábado foi uma lição objetiva orientada pelo Reino. Isto é visto no fato de que Jesus julga oportuno ensinar sobre a natureza do Reino imediatamente depois. Nós já cobrimos essas parábolas anteriormente no capítulo sobre a parábola do joio e do trigo (Mateus 13:24-43). Nós observamos como elas serviram para ilustrar a natureza do Reino como começando pequeno e crescendo imperceptivelmente em algo grande e penetrante. O mesmo é verdade aqui, mas com uma configuração ligeiramente diferente.

É claro para mim que Lucas está registrando um incidente separado de Jesus ensinando a mesma parábola. No relato de Mateus, o público é uma multidão reunida na margem (Mateus 13:2); em Lucas, o público ainda é a multidão reunida em uma certa sinagoga. Portanto, estes são incidentes separados. Isso não deve nos surpreender, é claro, pois Jesus

era um pregador itinerante neste ponto, Ele provavelmente disse as mesmas mensagens e parábolas muitas vezes em muitas configurações diferentes, a maioria das quais nem sequer foram registradas (ver João 21:25). Aqui é apenas um incidente.

A mensagem e o significado dessas parábolas são os mesmos em ambos os casos. Em Mateus 13, Jesus declara o fim da velha era da Aliança e anuncia a era por vir. As parábolas da semente de mostarda e do fermento ilustram o que esperar quando a Nova Era substituir a Antiga. Era uma aplicação geral para o grande quadro. Aqui, no relato de Lucas de uma segunda narração, Jesus está trazendo essa mensagem geral para casa [de Israel] no contexto de um confronto específico. Ele já havia dado uma prova muito explícita de Seu caso por que aquela Antiga Era da Aliança estava chegando ao fim em breve. Os judeus haviam pervertido a Lei e seu testemunho e se submeteram ao serviço de Satanás em nome da Lei. Era como se Jesus estivesse dizendo: *“Já disse isso antes; desta vez, espero ter realmente a sua atenção”*.

Há, no entanto, um ponto adicional que devemos fazer em relação a essas duas parábolas: em ambos os casos, o início do crescimento não é apenas pequeno, mas invisível. Isso se aplica diretamente à situação dos judeus incrédulos. A ideia deles sobre o Reino era de cavalos e carros e poder político - era visível. Mas Jesus já anunciou que Suas curas e expulsão dos demônios eram prova de que o Reino de Deus já estava sobre eles, diante de suas faces (Lucas 11:20). No entanto, eles não podiam ver isso; tendo olhos, não podiam ver (Lucas 8:10; 11:34-35). Assim é o Reino de Deus: a semente é sepultada, o fermento é “escondido” (Lucas 13:21). A palavra grega é *engkypto*, da qual recebemos nossa palavra moderna “criptografar”. Não devemos ler anacronicamente o significado moderno, mas há o sentido aqui em que o Reino semente/fermento estava presente ali entre os judeus e, no entanto, eles não conseguiram decifrar. Estava escondido à vista porque faltava o código, que era fé. No entanto, observando isso, devemos considerar o aspecto oculto da semente/fermento do Reino para ser parte integrante da parábola, especialmente aqui onde Jesus demonstrou a cegueira de seus inimigos.

A Porta Estreita do Reino (Lucas 13:22-30)

Há ainda uma outra lição para tirar das parábolas da semente de mostarda e do fermento, e a lição é sutil: se o Reino de Deus começa pequeno, isso significa que ele terá apenas algumas pessoas nele no início. Esta é uma dedução sutil, e demora um pouco antes que a lâmpada se acenda para qualquer pessoa no público de Jesus. Somente depois que “Ele seguiu o caminho pelas cidades e aldeias, ensinando e viajando para Jerusalém” (Lucas 13:22) que alguém perguntou: “Senhor, os que serão salvos serão poucos?” Mas o reconhecimento desse fato abriu a discussão para Jesus ser explícito. O que se seguiu teve que ser tão surpreendente quanto qualquer coisa que Ele havia dito até aquela data:

“Esforcem-se para entrar pela porta estreita, porque eu lhes digo que muitos tentarão entrar e não conseguirão.

Quando o dono da casa se levantar e fechar a porta, vocês ficarão do lado de fora, batendo e pedindo: ‘Senhor, abre-nos a porta’. Ele, porém, responderá: ‘Não os conheço, nem sei de onde são vocês’.

Então vocês dirão: ‘Comemos e bebemos contigo, e ensinaste em nossas ruas’.

Mas ele responderá: ‘Não os conheço, nem sei de onde são vocês. Afastem-se de mim, todos vocês, que praticam o mal!’

Ali haverá choro e ranger de dentes, quando vocês virem Abraão, Isaque e Jacó e todos os profetas no Reino de Deus, mas vocês excluídos.

Pessoas virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e ocuparão os seus lugares à mesa no Reino de Deus.

De fato, há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos”.

(Lucas 13:24-30)

Primeiro devemos considerar a questão do homem. O que ele quis dizer com “salvos”? Lembre-se, este homem não cresceu em uma igreja batista do sul, onde “*salvar*” significava caminhar um corredor, levantar a mão e “*dar sua vida ao Senhor*”. Ele não tinha ideia do conceito moderno (e quase um conceito gnóstico) de “*salvar almas*” - especialmente não antes de Jesus ter morrido, ressuscitado e ascendido. “Salvo” não poderia ter significado de nada disso para aquelas pessoas. A definição básica e fundamental da palavra é “resgate”. Em vez disso, esse rapaz tinha em mente o resgate político e militar. Ele tinha em mente o que muitos dos ouvintes de Jesus tinham em mente, e por uma boa razão: um grande julgamento e uma grande divisão estava chegando aquele povo. A pergunta desse homem mostra que ele (ou poderia ter sido ela) tomou o ensinamento geral de Jesus a sério. Ele entendeu exatamente o que Jesus queria dizer. Então ele perguntou se havia poucos que escapariam da ira por vir.

“Poucos salvos na Vinda”

Essa pessoa também provavelmente conectou o ensino de Jesus com a história profética de Israel. Sempre, durante o julgamento, era apenas um remanescente que era salvo. Deus prometeu isto explicitamente. Em conexão com o próprio comando de usar a Lei para testemunhar as nações (o fracasso explícito de Israel, como vimos), Deus prometeu punir a rebelião, reduzindo-os a um remanescente: “O Senhor os espalhará entre os povos, e restarão apenas alguns de vocês entre as nações às quais o Senhor os levará” (Deuteronômio 4:27). Isaías pregou isso claramente, e em conexão com o conceito de desolação:

“Vejam! O Senhor vai arrasar a terra e devastá-la; arruinará sua superfície e espalhará seus habitantes.

A terra será completamente arrasada e totalmente saqueada. Quem falou esta palavra foi o Senhor.

A terra está contaminada pelos seus habitantes, porque desobedeceram às leis, violaram os decretos e quebraram a aliança eterna.

Por isso a maldição consome a terra, e seu povo é culpado. Por isso os habitantes da terra são consumidos pelo fogo, ao ponto de sobra-rem pouquíssimos”.

(Isaiás 24:1, 3, 5-6)

A *English Standard Version* observa corretamente que a palavra “terra” também poderia ser traduzida “terra [de Israel]” ao longo da passagem. Isto é mais provável, uma vez que a passagem se aplica claramente a um povo que quebrou uma Aliança eterna, e estes só poderiam ser Israel naquele momento. Assim, o hebraico *eret* aqui se refere à terra de Israel, não a toda a “Terra” no sentido moderno. E observe o castigo claramente alheio: o Reino ficará desolado (Êxodo 23:29, Levítico 26:33ss, Lucas 11:17) e o povo poucos. Jeremias viveu por esse tempo, e os líderes militares entre os remanescentes de Israel reconheceram sua condição. Eles vieram a Jeremias para implorar a misericórdia de Deus: “Por favor, ouça a nossa petição e ore ao Senhor, ao seu Deus, por nós e em favor de todo este remanescente; pois, como você vê, embora fôssemos muitos, agora só restam poucos de nós” (Jeremias 42:2). Deus depois lembrou a Jeremias como este era um tema recorrente:

“Assim diz o Senhor dos Exércitos, Deus de Israel: Vocês viram toda a desgraça que eu trouxe sobre Jerusalém e sobre todas as cidades de Judá. Hoje elas estão em ruínas e desabitadas por causa do mal que fizeram. Seus moradores provocaram a minha ira queimando incenso e prestando culto a outros deuses, que nem eles nem vocês nem seus antepassados jamais conheceram.

Dia após dia, eu lhes enviei meus servos, os profetas, que disseram: ‘Não façam essa abominação detestável!’

Mas eles não me ouviram nem me deram atenção; não se converteram de sua impiedade nem cessaram de queimar incenso a outros deuses”.

(Jeremias 44:2-5)

Os líderes militares se rebelaram contra o comando explícito de Deus mais uma vez e entraram no Egito para viver (ver Jeremias 42:3-43:13).

Esta foi a resposta de Deus: “Todos os homens de Judá, que estão na terra do Egito, serão consumidos pela espada e pela fome, até que haja um fim deles” (Jeremias 42:27). No entanto, um pequeno remanescente seria salvo: “E os que escaparem da espada voltarão da terra do Egito para a terra de Judá, poucos em número” (Jeremias 42:48). Portanto, foi um princípio firmemente estabelecido de Moisés e nos profetas que, em tempos de julgamento da Aliança explícita, apenas alguns foram salvos.

Isso significa que quem fez a Jesus essa pergunta compreendeu completamente que Jesus estava falando de um grande julgamento vindouro e o aceitou completamente como falando na tradição bíblica de um profeta do Antigo Testamento.

A porta estreita

Jesus recompensou a pergunta franca com uma resposta igualmente franca: “Esforce-se para entrar pela porta estreita”. Muitas vezes, ficamos aquém ao aplicar este verso. Primeiro, estamos mais acostumados a ler a versão de Mateus que aparece no Sermão do Monte (Mateus 7:13-14). Nesse contexto, muitas vezes é tomado como uma lição geral sobre viver para Deus: uma vida verdadeiramente piedosa é difícil e, portanto, apenas algumas pessoas realmente viverão por Deus. A maioria tomará o caminho mais fácil e acabará no inferno. Seja um dos poucos.

Mas lembre-se, o Sermão do Monte é em si uma condenação dos líderes e da cultura judaica contemporânea. “Você ouviram dizer” (o que os fariseus e os escribas ensinam), “mas eu digo a vocês” (a forma como a Lei foi originalmente destinada pela versão autoritária de Deus - Jesus). Este é o refrão ao longo do Sermão (Mateus 5-7). Assim, o capítulo 7 termina com todos os mesmos temas de um julgamento que se encontra em Lucas 9:51: hipocrisia (Mateus 7:1-6), a verdadeira natureza da Lei (Mateus 7:12), o remanescente (Mateus 7:13-14), tome cuidado com os falsos profetas (Mateus 7:15), as árvores frutíferas contra as árvores infrutíferas (Mateus 7:16-20) e os estrangeiros

empenhados para o Reino (Mateus 7:21-23) (que é um paralelo exato ao ensino de Jesus em Lucas 13:25-27). Em outras palavras, muitas vezes não compreendemos a passagem da porta estreita porque entendemos mal o contexto maior.

Em segundo lugar, portanto, muitas vezes lemos a versão de Lucas como ensinando a mesma lição geral. Mas esta lição não faz sentido no tempo curto do contexto de Lucas (Lucas 12:54-13:9), confrontos sobre a Lei (Lucas 13:11-17), a natureza do Reino (Lucas 13:18-21), e especialmente a pergunta dessa pessoa em Lucas 13:23. Todos estes nos dizem, antes, que a resposta de Jesus é uma advertência profética muito apontada para Israel. A questão não é o quão difícil é viver uma vida cristã, mas sim como poucos dos judeus daquele tempo aceitariam a verdade antes que fosse tarde demais.

A questão importante que muitas vezes não é percebida aqui é a do tempo. Isso parece apenas tangencial até você pensar (algo que Jesus muitas vezes pede silenciosamente para fazer com suas parábolas). Primeiro, a tradução de King James é correta, mas enganosa, devido ao uso arcaico do “estreito”. Naquela época, o “estreito” mais comumente poderia significar “apertado”, mas raramente é usado dessa forma hoje. O *stenes* grego não significa “difícil”, mas precisamente “estreito”; então todas as traduções modernas estão corretas. Então, como é uma passagem “estreita” relacionada ao tempo? Jesus já declarou que o tempo era curto, como já vimos. O que acontece com uma massa de pessoas tentando entrar em um prédio através de uma única porta? A passagem é restrita, ao gargalo das massas; apenas alguns entraram antes que a porta estivesse fechada. Imagine um cinema lotado em um pânico: um incêndio maciço dispara, e as pessoas começam a se sufocar tentando sair pelas [única] saída. Muitos provavelmente morreriam devido à passagem restrita. Enquanto Jesus está avisando daqueles que tentam entrar no Reino em vez de [ficar de] fora dele, o princípio é o mesmo. Há tempo limitado e a entrada é estreita. A lição para tirar disso é clara: entre agora antes de uma grande linha se formar e será muito tarde.

É útil também conectar isso com a anterior condenação de Jesus dos escribas e fariseus. Cobrimos isso anteriormente: “Ai de vocês, peritos

na lei, porque se apoderaram da chave do conhecimento. Vocês mesmos não entraram e impediram os que estavam prestes a entrar!” (Lucas 11:52). Jesus é ainda mais explícito com isso depois que Ele chega em Jerusalém: “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês fecham o Reino dos céus diante dos homens! Vocês mesmos não entram, nem deixam entrar aqueles que gostariam de fazê-lo” (Mateus 23:13). Marcos registra um episódio literal desta ocorrência: quatro homens que carregam um paralítico para ser curado não poderiam atravessar a porta por causa da multidão, então eles atravessaram o telhado (Marcos 2:1-12). Está claro, então, que todo Israel já havia se tornado o bloqueador da porta.

A resposta de Jesus realmente se baseia em uma imagem bíblica: a porta da arca de Noé. Na passagem se lê:

“Naquele mesmo dia, Noé e seus filhos, Sem, Cam e Jafé, com sua mulher e com as mulheres de seus três filhos, entraram na arca.

Os animais que entraram foram um macho e uma fêmea de cada ser vivo, conforme Deus ordenara a Noé. Então o Senhor fechou a porta”.

(Gênesis 7:13-16)

Pedro certamente entendeu a era do Novo Testamento em termos de “poucos” preservados pela arca: “quando a paciência de Deus esperou nos dias de Noé, enquanto a arca estava sendo preparada, em que algumas, ou seja, oito pessoas, foram trazidas com segurança através da água” (1ª Pedro 3:20).

A salvação de alguns, é claro, significa que todos os outros foram fechados [para fora], e isto pela mão de Deus. Todo o resto da humanidade naquele tempo ficou de fora, e pereceu no grande juízo: “Todos os seres vivos que se movem sobre a terra pereceram... a terra e toda a humanidade” (Gênesis 7:21). Este é exatamente o tipo de julgamento que Jesus previu:

“Esforcem-se para entrar pela porta estreita, porque eu lhes digo que muitos tentarão entrar e não conseguirão.

Quando o dono da casa se levantar e fechar a porta, vocês ficarão do lado de fora, batendo e pedindo: ‘Senhor, abre-nos a porta’. “Ele, porém, responderá: ‘Não os conheço, nem sei de onde são vocês’.

“Então vocês dirão: ‘Comemos e bebemos contigo, e ensinaste em nossas ruas’.

“Mas ele responderá: ‘Não os conheço, nem sei de onde são vocês. Afastem-se de mim, todos vocês, que praticam o mal!’”

(Lucas 13:24-27)

Note aqui que a pessoa que fecha a porta é “o dono da casa”. Lucas gosta desse personagem, que sempre representa Deus nas parábolas de Jesus (Lucas 12:39; 13:35; 14:21). É o próprio Deus que fecha os ímpios. É, portanto, o juízo do Senhor não abrir para eles novamente. Podemos imaginar que, como o testemunho de julgamento de Noé no seu tempo começou a se tornar realidade que aqueles homens perversos que ignoraram sua pregação da justiça (2ª Pedro 2:5) bateram na porta fechada da arca? À medida que choveu 40 dias, provavelmente havia um espaço curto antes que as águas subissem o suficiente para flutuar a arca. É melhor você acreditar que os malvados escarnecedores fizeram tudo o que puderam para entrar, e muito menos bater. Mas Deus os excluiu. A arca era a salvação de Deus para o remanescente e o julgamento de Deus sobre a massa dos incrédulos. Assim seria com a próxima destruição de Jerusalém. Somente os do Reino escondidos na arca da segurança (Jesus) escapariam antes que as chuvas do juízo começassem a cair.

No entanto, os retardatários imploravam a Jesus para abrir-lhes: eles apelariam para o encontro anterior com Jesus: “Nós comemos e bebemos na Sua presença, e você ensinou nas nossas ruas”. Este “Jesus é o nosso amigo; nós vamos de volta em sua defesa. Eles comeram com Jesus, especialmente os fariseus” (Lucas 11:37-38; 14:1). Mas mesmo as pessoas, também, que se pisotearam apenas para ouvi-lo (Lucas 12:1), ainda assim acabariam por rejeitá-lo. Todos seriam destruídos no julgamento por vir.

Agora, é importante perceber que a representação de Jesus desse momento de julgamento aqui é, por si só, significou mais como um

aviso para eles naquele momento, e não como uma descrição de como isso realmente aconteceria. Ele já implicou bastante claramente que o julgamento a chegar seria como o abate de Pilatos dos galileus na Páscoa e o derrube de edifícios em Jerusalém (Lucas 13:1-5). Em outras palavras, não haveria um cenário real no futuro em que os judeus pudessem argumentar por que deveriam ser deixados entrar. Não haveria discussão. A resposta divina viria na forma de rochas que caíam e derramando sangue; e em tal momento, os judeus bloqueados terão imediatamente seus lamentos e ranger de dentes. Por enquanto, Jesus está claramente dizendo-lhes por que sua atual atitude complacente e auto-absorvida em relação à religião era a própria razão pela qual eles seriam condenados. Se eles não abraçassem Jesus agora, nenhum recurso para suas relações casuais com Ele no passado seria suficiente para salvá-los da grande divisão por vir.

O Choque do Reino

“Então viria o grande choque do Reino: “quando vocês virem Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas no Reino de Deus e vocês estiverem do lado de fora”. Esta é a grande divisão mencionada anteriormente em Lucas 12:51-53. Os pais serão divididos contra seus filhos: o pai Abraão contra toda a geração perversa de seus filhos que vivem no tempo de Jesus. Esses filhos infiéis e rebeldes afirmam ser herdeiros de Abraão, mas não fizeram as obras de Abraão (João 8:39ss). Eles eram, de fato, filhos do diabo (João 8:44). Muito cedo no ministério de Jesus, João Batista desiludiu a noção de reivindicação exclusiva desses judeus como filhos de Abraão:

“João dizia às multidões que saíam para serem batizadas por ele: “Raça de víboras! Quem lhes deu a ideia de fugir da ira que se aproxima?

Deem frutos que mostrem o arrependimento. E não comecem a dizer a si mesmos: ‘Abraão é nosso pai’. Pois eu lhes digo que destas pedras Deus pode fazer surgir filhos a Abraão.

O machado já está posto à raiz das árvores, e toda árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo”.

(Lucas 3:7-9)

(Veja também a repetição da imagem da árvore infrutífera). Sim, esses judeus autoconfiantes se gabaram de seu relacionamento com Abraão, e ainda não conseguiram detectar os verdadeiros filhos de Abraão que sofrem entre eles: a mulher que Jesus acabou de libertar da enfermidade foi especificamente chamada por Ele de uma “filha de Abraão” (Lucas 13:16). Nós também veremos Zaqueu transformado, arrependido, e somente então Jesus o assegurará da salvação e o chamará de “filho de Abraão” (Lucas 19:9). Mas esta frase não é permitida para a massa dos judeus incrédulos. O próprio Abraão desautorizará esses ricos tolos, Jerusalém (Lucas 16:19-31). Estes se encontrariam “expulsos” apenas quando era tarde demais.

No entanto, o Reino seria povoado por Abraão, Isaque e Jacó, quando o rebelde seria expulso. A população do Reino também incluiria “todos os profetas” (Lucas 13:28). Esta inclusão é muito importante para o caso judicial e é um tema atual através da literatura de julgamento futuro de Jesus. Já citamos Jeremias a este respeito acima: “Eu sempre enviei a todos os meus servos os profetas, dizendo: Oh, não façam essa abominação que odeio!” Mas eles não ouviram nem inclinaram os ouvidos”. Jesus já falou desse caso e determinou que o assassinato de todos os profetas eram culpa dos escribas, como vimos (Lucas 11:47–52). Ele fará o caso novamente aos fariseus em apenas um momento:

“Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedrejas os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram!”

(Lucas 13:34; veja também Mateus 23:37)

Nós também vimos como esta condenação particular confirma Jerusalém como a Grande Meretriz de Apocalipse 17-18, que estava

“bêbada com o sangue dos santos, o sangue dos mártires de Jesus” (Apocalipse 17:6) e “nela se encontrou o sangue dos profetas e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra” (Apocalipse 18:24). Jesus está lembrando propositadamente a esses judeus a história de rebelião de sua nação, e proclamando-lhes que repetirão o processo - eles devem ignorar e matar esse Profeta e se encontrarem trancados [para o lado de fora] enquanto as próprias pessoas que eles mataram como blasfemos apreciarão a herança do Reino de Deus.

À medida que alcançamos os dois últimos versículos deste ensinamento, encontramos a resposta à pergunta do final do último capítulo. Agora encontramos Jesus dizendo que, enquanto nenhum deles escaparia da decisão de recebê-Lo ou não, poucos escapariam do julgamento. As mesmas pessoas que Jesus disse que pereceriam se não se arrependessem, Ele agora informa que não se arrependerão. A árvore infrutífera será removida; e quem deve preencher esse lote vazio de jardim? Jesus responde: “as pessoas virão do oriente e do ocidente, e do norte e do sul, e se reclinarão à mesa no reino de Deus” (Lucas 13:29).

Cumprimento do Novo Testamento

Esta profecia de Jesus foi cumprida literalmente dentro de semanas no dia de Pentecostes. O primeiro sermão foi para os judeus (muitos dos quais acreditaram) de todo o mundo: “Havia em Jerusalém judeus, tementes a Deus, vindos de todas as nações do mundo” (Atos 2:5). As nações são listadas. Pedro levanta e prega que os últimos dias estão cumpridos (Atos 2:17-21) e Jesus ocupou o trono do Reino (Atos 2:34-36).

E a mensagem de Pedro é resumida por esta peculiaridade: “Salvem-se desta geração corrompida” (Atos 2:40). Que “geração”? A geração infiel e perversa de víboras que João Batista condenou (Lucas 3:7), contra a qual Jesus havia estabelecido Sua face (Lucas 9:41, 51), que buscava sem fé um sinal de Jesus (Lucas 11:29) que matou os profetas (Lucas 11:50-1), que rejeitou Jesus (Lucas 17:25). Foi a esta geração a

quem Jesus e Pedro falaram (Lucas 21:32; Atos 2:40). E o que ele quer dizer com “salvem-se”? Quase definitivamente, o inquisidor de Lucas 13:23 significava: resgate da destruição que vem. Pedro simplesmente resumiu tudo o que Jesus lhe ensinou nos últimos três anos, incluindo o pronunciamento do próximo julgamento sobre o judaísmo do primeiro século.

Assim, Jesus termina este ensinamento em Lucas 13:22-30, retornando a um tema, que Ele começou mais cedo: “De fato, há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos” (verso 30). Este é essencialmente um ditado que condensa o seu ensino anterior em Lucas 8:18: “Portanto, considerem atentamente como vocês estão ouvindo. A quem tiver, mais lhe será dado; de quem não tiver, até o que pensa que tem lhe será tirado”. Novamente, este não é apenas um ensinamento geral sobre a humildade pessoal, mas é mais uma condenação judicial contra Israel: eles parecem ser os primeiros, mas serão deixados como últimos. Eles pensam que são os primeiros entre as nações como filhos de Abraão, mas são filhos do diabo e serão tratados assim. Eles pensam que possuem o Reino, mas, no final, até o que parecem ter será tirado deles. Eles se encontrarão com nada além de lamentar e ranger de dentes enquanto ficam de fora olhando.

Vale pelo menos considerar que todo o ensinamento em Lucas 13:22-30 se reflete em uma imagem da cidade da Nova Jerusalém em Apocalipse 22:14-15:

“Felizes os que lavam as suas vestes, para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas.

Fora ficam os cães, os que praticam feitiçaria, os que cometem imoralidades sexuais, os assassinos, os idólatras e todos os que amam e praticam a mentira.

Estes são os poucos crentes, o remanescente. Eles têm direito à árvore frutífera. Eles podem entrar nos portões estreitos. No entanto, fora dos muros estão os cães e os idólatras. Estes são os incrédulos.

A ameaça de Herodes

Anteriormente, não estava claro se o “dirigente da sinagoga” (Lucas 13:14) também era um governante civil ou não, ou se ele era realmente um fariseu (embora as chances sejam que sim). No entanto, agora temos uma imagem mais clara dos fariseus e confrontos com dirigentes civis. Neste caso, é o próprio Herodes:

“Naquela hora, vieram alguns fariseus e disseram-lhe: “Afastede-se daqui, pois Herodes quer matá-lo”.

Jesus sabia muito bem que os judeus planejaram matá-lo há algum tempo (João 7:1-2). Isso parece ter sido na festa dos tabernáculos antes da Páscoa e da morte de Jesus, pelo menos seis meses antes da viagem final a Jerusalém. Herodes estava procurando por Cristo há algum tempo (desde Lucas 9:7-9), mas Jesus sabia bem que os próprios fariseus eram uma ameaça maior à sua vida do que o próprio Herodes. Os líderes da sinagoga tentaram matá-lo já em sua própria cidade natal (Lucas 4:16-30). Então, por que os fariseus vieram a ele com um aviso sobre Herodes? Eu suspeito que Herodes os enviou porque não queria que Jesus passasse as multidões na Páscoa, que era apenas semanas, se não passados dias, neste momento. Ele fez um grupo de fariseus carregar uma ameaça de morte para afastá-lo nesses tempos social e politicamente instáveis. Foi, afinal, durante uma Páscoa que Pilatos matou os galileus (Lucas 13:1, sabemos disso porque a Páscoa foi a única festa onde o povo ofereceu seus próprios sacrifícios e, portanto, a frase “seus sacrifícios”). Herodes, o rei dos judeus, não queria estar no cargo de defensor do povo judeu contra a agressão romana.

Apesar do estopim político aceso, Jesus não tomou uma rota politicamente correta, referindo-se abertamente a Herodes como “aquela raposa”. Tradução: “raposa” significa “covarde e conivente”, o que Herodes era. Ouviremos mais sobre Herodes em um capítulo

posterior do anticristo. Por enquanto, vamos rever a natureza escatológica da resposta de Jesus:

“Naquela mesma hora alguns fariseus aproximaram-se de Jesus e lhe disseram: “Saia e vá embora daqui, pois Herodes quer matá-lo”.

Ele respondeu: “Vão dizer àquela raposa: ‘Expulsarei demônios e curarei o povo hoje e amanhã, e no terceiro dia estarei pronto’.

Mas, preciso prosseguir hoje, amanhã e depois de amanhã, pois certamente nenhum profeta deve morrer fora de Jerusalém!

“Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedrejas os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram!

Eis que a casa de vocês ficará deserta. Eu lhes digo que vocês não me verão mais até que digam: ‘Bendito o que vem em nome do Senhor’”.

(Lucas 13:31-35)

Primeiro, Jesus deixa claro que Ele tem um objetivo a alcançar e Ele não vai parar de dar o testemunho divino de Sua mensagem até alcançar essa meta. Ele continuará curando e expulsando demônios - provando que o Reino de Deus veio (Lucas 11:20) - até que Ele tenha terminado. Até então, Ele permanecerá impávido pelas ameaças dos fariseus ou de Herodes.

Em segundo lugar, vários temas são repetidos aqui:

- 1) Jerusalém, a assassina dos profetas;
- 2) Jerusalém rejeitando seu Messias, e;
- 3) a casa deixada vazia ou desolada.

Aqui, Jesus ensaiou essas profecias para esses fariseus em particular, provavelmente esperando que eles também levassem a mensagem de volta a Herodes, pois o próprio Herodes deveria cair sob a mesma condenação que viria sobre Jerusalém.

Bendito seja Ele...

Finalmente, Jesus dá uma profecia enigmática: “Eu lhes digo que vocês não me verão mais até que digam: ‘Bendito o que vem em nome do Senhor’” (verso 35). Sobre o que isso se refere? Jesus falou sobre a entrada triunfal? As pessoas recitam esse elogio exato ao agitar os ramos das palmeiras durante esse evento (Lucas 19:28-44, Mateus 21:1-9). Mas isso não pode ser, porque Jesus repete esta profecia exata após a entrada triunfal em Mateus (Mateus 23:29). Assim, não foi cumprida na entrada triunfal. Então, está se referindo a um retorno final de Jesus, contudo futuro para nós? Há problemas com esse ponto de vista, e o menor é que Jesus se refere diretamente a Sua audiência: “Eu lhes digo que vocês não me verão mais até que digam: ‘Bendito...’”. Mas Ele está falando isso aos fariseus que vieram a Ele, ou Ele estava dizendo isso de forma abstrata a Jerusalém? Parece mais natural que Ele esteja dizendo isso em nome da Jerusalém incrédula, em benefício dos fariseus ouvindo, e eles são os pretendidos (ou, pelo menos, incluídos) no “vocês”.

Mas isso parece complicar o assunto, porque isso significa que esses judeus não “verão” Jesus novamente até que eles digam: “Bendito o que vem...”. Mas esses incrédulos nunca dirão isso. Jesus prometeu apenas que os judeus incrédulos de Sua geração seriam deserdados e deixados de fora do Reino (Lucas 13:28), e que o Reino deveria ser tirado dos judeus e dado a outro povo que gerasse frutos (Mateus 21:43). É contraditório supor que eles vêm a Jesus de alguma forma além do Reino que Ele acabou de estabelecer pela fé, ou que esse outro caminho só pode acontecer em Seu retorno num futuro distante. Se isso fosse verdade, então os judeus só podem entrar no Reino - “ver” Jesus - em Sua próxima vinda, e quando, nessa vinda, anunciarem: “Bendito seja Ele...”. Isso parece apenas um longo trecho.

Isso deixa dois problemas relacionados: primeiro, parece apropriado que, enquanto esses judeus não crentes são representados dizendo “Bendito seja Ele”, isso não se refere à aceitação pessoal de Jesus na fé - certamente não todos os judeus em todos os lugares - mas apenas de

Sua presença durante esse evento que aconteceria na vida deles. Isso corresponderia à declaração de João em Apocalipse 1:7: “Eis que ele vem com as nuvens, e todo o olho o verá, e os que o traspassaram, e todas as tribos da terra lamentarão por causa dele. Mesmo assim. Amém” (este versículo, por sinal, essencialmente diz que o julgamento de Jesus descrito no Apocalipse deve ter acontecido durante a vida de quem o matou).

Isso indica o segundo elemento: a referência de Jesus a Jerusalém inclui a verdadeira Jerusalém, ou uma nova Jerusalém. Após a destruição da Jerusalém física - a remoção daquela impertinência colossal chamada de Templo Herodiano - o caminho seria claro novamente para uma relação exclusiva de Jerusalém e Cristo. Por enquanto - no tempo de Jesus - um véu estava sobre os olhos de Jerusalém para que ela não O visse (2ª Coríntios 3:6-18). Após o julgamento, quando a única Jerusalém restante seria a Nova Jerusalém, então a relação entre Jesus e Jerusalém mais uma vez seria entre Marido e Noiva em vez de Marido e Grande Meretriz. Este parece ser o ensinamento de Paulo em Gálatas 4:21-31. O procedimento seria então ocupar à Sua mesa (Lucas 13:29), em vez do processo da Aliança e do grande divórcio. Manter essa visão de uma antiga Jerusalém em extinção e uma Nova Jerusalém duradoura é a única maneira de dar sentido aos textos relevantes das Escrituras (Lucas 13:35; Mateus 23:39) e ainda permitir que os judeus aceitem a Cristo nesta presente era. E finalmente, isso permite que, embora a incrédula Jerusalém testemunhe a vinda de Jesus para destruí-la, o remanescente dentro dela - a verdadeira Jerusalém, a Nova Jerusalém - clama simultaneamente “Bendito é Aquele que vem em nome do Senhor”.

Conclusão

Esta seção da Escritura - Lucas 13:10-35 - pode ser resumida pelo julgamento: “*Vocês serão deixados poucos*”. O contraste entre Israel infrutífero e Cristo frutífero é fortalecido, a natureza do Reino é ensaiada em aplicação a este alargamento e divisão, e então a natureza

do juízo vindouro é explicitada em resposta à pergunta: “*Aqueles que são salvos serão poucos?*” A resposta: dos que estão fora de Israel, sim. Poucos conseguiam passar pela porta estreita a tempo, e pior, os escribas e fariseus haviam bloqueado a porta (Lucas 11:52). No entanto, a questão também é respondida quanto ao que irá substituir a árvore infrutífera (Lucas 13:9): a resposta é que Deus levantará filhos de Abraão de todo o mundo - norte, sul, leste, oeste - e estes ficarão juntos com os Patriarcas na mesa de Cristo no Reino.

7

Chamados, mas não escolhidos (Lucas 14:1-24)

Parece quase inacreditável que mesmo com a condenação aberta de Jesus contra os judeus, Herodes e os fariseus, em particular, foi lhe feito um convite para jantar na casa do chefe dos fariseus. O fato de que isso ocorreu mostra que os fariseus estavam planejando atrapalhá-lo de qualquer jeito que pudessem, e, assim, o convidavam para encontrar uma oportunidade. Talvez Ele diria a coisa errada e eles teriam testemunhos - da mesma forma que um jornalista moderno usa perguntas provocativas para provocar uma resposta e, em seguida, habilmente edita a gravação para uma boa abocanhada de som.

Um verdadeiro escolhido (Lucas 14:1-6)

Que os fariseus estavam planejando para Ele aparece obviamente na próxima passagem:

“Certo sábado, entrando Jesus para comer na casa de um fariseu importante, observavam-no atentamente.

À frente dele estava um homem doente, com o corpo inchado”.
(Lucas 14:1-2)

Já vimos esse filme antes, não vimos? No último capítulo, Jesus libertou a mulher com 18 anos sofrendo de uma enfermidade, na sinagoga, no Sábado, e foi confrontada publicamente pelo dirigente [da sinagoga] (Lucas 13:10-17). Agora, aqui, Ele sentou-se no jantar em uma casa de um dos dirigentes dos fariseus: só aconteceu que era Sábado, e só havia um homem doente no meio deles. Embora não se dê nada sobre a preparação, o cenário provável aqui é que Jesus foi convidado pelos fariseus especificamente no dia do Sábado, e o homem doente foi plantado no meio deles por eles mesmos. Com que frequência os fariseus mantinham as pessoas doentes ou doentes entre os seus números, e na casa de seu líder, no entanto? Este cenário foi quase certamente uma armação.

Jesus, não sendo uma pessoa lenta que eles pudessem apanhar, identificou o esquema lamentável imediatamente. Em vez de deixar surgir a armadilha, Ele pregou a eles com Sua própria pergunta: “Jesus perguntou aos fariseus e peritos na lei: “É permitido ou não curar no sábado?” (Lucas 14:3). A palavra “respondeu” [ao invés de “perguntou” aparece em muitas traduções e] é interessante porque os fariseus ainda não disseram nada. Isso mostra que Jesus sabia que eles colocaram o homem ali - pois a mera presença do homem era uma declaração, um desafio aberto. Mas eles não estavam preparados para que Jesus tomasse a iniciativa. Sendo maquinadores, eram naturalmente covardes e “permaneceram em silêncio” (Lucas 14:4), quando Jesus “o tomou, o curou e o enviou embora”. Jesus tomou a iniciativa; Jesus dirigiu o show.

Então Jesus leu a Lei: “E ele disse-lhes: Quem de vós, tendo um filho ou um boi que caiu num poço no Sábado, não o tirará imediatamente?” E eles não podiam responder a estas coisas” (Lucas 14:5-6). Que eles não tinham resposta para a questão jurídica de Jesus significava que eles também não tinham resposta para a demonstração do poder messiânico, pois as duas coisas estavam de mãos dadas. Os fariseus ficaram, julgados, e sem palavras. Toda esta narrativa da jornada de Lucas 9:51 é, depois de tudo, Jesus colocando o seu rosto contra Jerusalém - Jesus trazendo o processo da Aliança sobre os judeus

incrédulos. Ele não seria Aquele julgado por Deus. Ele era o juiz. Fato: o homem foi curado. E a Lei ordenou que seja feito no Sábado. Julgamento: Jesus era o Justo de acordo com os fatos e as leis.

E a piada final foi, em última análise, os fariseus, não é mesmo? Não só eles haviam sido revelados em seu próprio esquema, mas o próprio homem que eles usaram como isca acabou por receber a benção da cura, enquanto eles mesmos ficaram atordoados, inusitadamente silenciosos, e com nada além de desolação em seu futuro. O homem com o corpo inchado recebeu o Reino, enquanto os fariseus ficaram trancados para fora.

A parábola do grande banquete (Lucas 14:15-24)

Jesus ainda não estava pronto para deixar fora do alcance Sua audiência agora desconfortável. Ele imediatamente transita do trabalho sacerdotal (cura) para o trabalho profético (proclamação). Ele usa o próprio cenário que esses fariseus criaram para condená-los: eles escolheram assentos de honra para si mesmos em vez de outros (Lucas 14:7-11), e eles convidaram apenas amigos e familiares ricos para suas festas (Lucas 14:12-13).

Então um deles tentou ser esperto para com Jesus: “Bem-aventurados todos os que comerão pão no reino de Deus!” (Lucas 14:15). Esta declaração expõe duas coisas:

- 1) uma pretensão de foco espiritual, em vez de terreno, que Jesus aparentemente havia condenado, e;
- 2) uma pretensão de ignorar as distinções de classe.

A primeira é menos importante do que a segunda, pois já sabemos que os fariseus vestem tudo o que fazem com os apelos à Lei e à profecia. Mas aqui a declaração do homem é um argumento implícito contra os ensinamentos de Jesus. Jesus acabava de dizer preferir os

pobres e aleijados e recusar assentos de honra. Isso pareceu ser um ataque contra a riqueza e a condição em geral, e o homem assumiu esse caminho. “Bem-aventurados todos os que comerão pão no reino... *“Não apenas os pobres, Jesus, mas também os líderes ricos serão abençoados”*. Mas a ênfase de Jesus não era sobre a riqueza em si, mas sobre o egoísmo dos fariseus, o orgulho, o amor à honra e, o mais importante, o que todos esses vícios revelavam sobre eles: a sua presunção autoconfiante de terem mesmo lugar no Reino. Eles ainda não se aperceberam de que eles pensavam possuir o Reino, mas mesmo o que parecia terem seria tirado deles (Lucas 8:18; 13:30).

Então, Jesus reafirma sua posição com outra parábola:

“Jesus respondeu: “Certo homem estava preparando um grande banquete e convidou muitas pessoas.

Na hora de começar, enviou seu servo para dizer aos que haviam sido convidados: ‘Venham, pois tudo já está pronto’.

“Mas eles começaram, um por um, a apresentar desculpas. O primeiro disse: ‘Acabei de comprar uma propriedade, e preciso ir vê-la. Por favor, desculpe-me’.

“Outro disse: ‘Acabei de comprar cinco juntas de bois e estou indo experimentá-las. Por favor, desculpe-me’.

“Ainda outro disse: ‘Acabo de me casar, por isso não posso ir’.

“O servo voltou e relatou isso ao seu senhor. Então o dono da casa irou-se e ordenou ao seu servo: ‘Vá rapidamente para as ruas e becos da cidade e traga os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos’.

“Disse o servo: ‘O que o senhor ordenou foi feito, e ainda há lugar’.

“Então o senhor disse ao servo: ‘Vá pelos caminhos e valados e obrigue-os a entrar, para que a minha casa fique cheia.

Eu lhes digo: nenhum daqueles que foram convidados provará do meu banquete”.

(Lucas 14:16-24)

A parábola, obviamente, se relaciona com o cenário imediato, mas é realmente uma referência direta à posição de Israel para com Deus. É para o grupo imediato de fariseus e seus convidados, pois Lucas claramente registra que Ele deu as parábolas anteriores para “aqueles

que foram convidados” (Lucas 13:7) e para “o homem que o convidou” (Lucas 13:12), e agora fala diretamente ao indivíduo esperto na mesa (Lucas 13:16). Mas o conteúdo é claramente uma alegoria maior para a nação como um todo.

Aqui está a interpretação: o homem que dá o grande banquete é Deus. O grande banquete em si é o Reino de Deus (isto corresponde, a propósito, à declaração apontada do convidado do jantar que acabamos de ver sobre o comer pão no Reino de Deus). Jesus, em certo sentido, diz: *“Você quer falar sobre comer pão no Reino de Deus? Eu direi a você quem vai comer pão no Reino de Deus”*. Os convidados originais, eram a audiência imediata de Jesus: os judeus. Estes foram os convidados originais para o Reino de Deus: “aos judeus foram confiados os oráculos de Deus” (Romanos 3:2), dos israelitas eram “a adoção, a glória, os convênios, a entrega da lei, o culto, e as promessas... os patriarcas, e da sua raça, de acordo com a carne, é o Cristo que é Deus sobre todos, abençoado para sempre. Amém” (Romanos 9:4-5). Eles tinham tudo, e eles tiveram os primeiros assentos no grande banquete. Mas eles deixam suas ambições e desejos pessoais distraí-los; distraídos, egoístas, seguros de si mesmo, eles recusaram Seu convite. Claro, esses convidados infelizes oferecem muitas desculpas, assim como as pessoas fechadas na porta estreita (Lucas 13:25-26), mas o resultado foi o mesmo: foram deixados de fora por sua própria escolha. Eles não conseguiram abraçar o convite cedo e, como resultado, o que eles originalmente tinham foi levado e dado aos outros (Mateus 21:43). Isso tornou o “mestre da casa” “irado” (Lucas 14:21) - *orgistheis* em grego, - assim como Moisés ficou “irado” com a distração idólatra do bezerro de ouro (Êxodo 32:19), e Deus prometeu ficar irado quando Israel quebrasse o pacto para seguir outros ídolos no futuro (Deuteronômio 6:14-15).

E os outros a quem o convite foi transferido vêm em duas ondas: primeiro, “os pobres, aleijados e cegos e coxos” das ruas. Mas estes não foram suficientes para preencher o Reino; a sala foi deixada vazia. Então o mestre enviou seus apóstolos ainda mais – pelos caminhos e valados - trazer quem possa ser obrigado. Creio que o primeiro grupo representa o remanescente de judeus que passaria pela porta estreita,

que iniciaria a Igreja do Novo Testamento. O segundo representa a extensão do evangelho do Reino aos gentios. Isso você pode ler em mais detalhes na parábola, que é projetada principalmente para ensinar uma lição abrangente e poderosa: os judeus autoconfiantes ignoraram o tempo de seu convite e logo perderão seu lugar no Reino.

Então, veja o contexto geral, Lucas 14:1-24. Jesus acabou de conferir a benção do Reino de Deus ao homem doente em seu meio, e então criticou os costumes e os pressupostos dos fariseus. Os últimos eram os idólatras desgraçados e desordenados que perderiam seus assentos; o aleijado foi o verdadeiro convidado para o Reino. E ainda haveria mais convidados para substituir os judeus rebeldes incrédulos. Estes viriam dos confins mais distantes - os gentios.

O homem esperto que assumiu que ele comeria o pão no Reino de Deus certamente recebeu um choque grosseiro: “nenhum daqueles homens que foram convidados provará meu banquete” (Lucas 14:24), mas apenas o restante escolhido da graça, simbolizado em ambas as pessoas e na parábola pelo paralítico. Esta parábola ensina uma lição ensinada em outras parábolas registradas por Mateus: “muitos são chamados, mas poucos são escolhidos” (Mateus 20:16; 22:14). A mesma lição está aqui: Israel era os muitos que tinham sido chamados (há muito tempo), mas eles se recusaram a entrar no banquete do Reino. Agora, o julgamento estava chegando por seu abandono, e apenas alguns seriam escolhidos. Este remanescente era dos eleitos, o verdadeiro Israel. A massa de judeus viveria sua reprovação.

8

Amigo dos pecadores

(Lucas 14:25-16:31)

Tendo essencialmente, banido os fariseus do Reino de Deus, Jesus se volta para entregar um desafio igualmente rígido à multidão que esta seguindo-O. Seriam bons materiais para o discipulado - para o Reino de Deus? Os requisitos e o nível de sacrifício seriam muito elevados.

É importante notar mais uma vez a mudança na audiência que ocorreu no contexto. Depois da parábola do grande banquete - que Jesus acabou de falar em uma sala de jantar cheia de fariseus - Jesus parece os ter deixado e foi acompanhado por “grandes multidões” (Lucas 14:25). Eu duvidava que todas essas pessoas estivessem apertadas na casa do chefe dos fariseus durante o jantar; então, isso deve representar uma mudança na cena.

Jesus então se volta para essas pessoas e entrega um discurso semelhante sobre o alto custo de segui-lo - uma lição que já ouvimos mais de uma vez (Lucas 9:23-26, 57-62; 12:49-53). A lição é, obviamente, importante o suficiente para que Jesus a reconte em muitos lugares enquanto viaja em direção a Jerusalém. Ele provavelmente já era conhecido por demolir a pretensão dos fariseus e governantes e por defender os pobres e as massas. Mas Jesus queria que essas massas soubessem que Ele não era um simples homem do povo: só porque Ele repreendeu os grandes fariseus não significa que todas as pessoas pequenas tenham entrada no Reino. Lembre-se, Jesus

desafiou as massas tão severamente antes (Lucas 13:18-35). A porta era estreita, e poucos entrariam a tempo. Jesus, portanto, diz a essas pessoas que, apesar do fato de que eles se aproximam dEle, o caminho de realmente segui-Lo envolverá a mesma divisão e sacrifício pessoal (Lucas 14:26-27, 33), e eles devem, portanto, calcular agora se eles são capazes para suportar os custos (versos 28-32).

Jesus pontua esses ensinamentos com a breve parábola do sal. A lição aqui é que as pessoas nessa multidão serão, depois de tudo, julgadas como todos os outros que Jesus desafiou até agora. Estes serão considerados tão altos como um padrão. Eles serão examinados em um ponto posterior, e se eles não conseguiram perseverar - se eles perderam seu sabor - então serão “expulsos” (Lucas 14:35). “Lançado” no grego é *exo ballousin* - é uma referência clara para o próximo julgamento/separação que Lucas já relatou:

1) João Batista adverte a “geração de raça víboras” que o machado está chegando e o que quer que seja reduzido será “lançado” no fogo;

2) mais recentemente, Jesus prometeu que muitos da sua geração veriam os patriarcas que gozavam do Reino, enquanto eles próprios seriam “expulsos” ([no grego] *exoomenous exo*; Lucas 13:28).

A ideia não é incomum em todo o Evangelho (isto é, Mateus 5:13; 13:48; Marcos 4:11; João 12:31; 15: 6), como a ideia da divisão que vem entre o verdadeiro e o falso Israel que domina a missão de Jesus.

Regozindo-se sobre o Remanescente (Lucas 15:1-32)

Apesar das advertências de Jesus sobre os custos do verdadeiro discipulado, as multidões continuaram a atrapalhá-lo. A multidão incluía os escribas e os fariseus. Estes podem ou não ter incluído alguns do mesmo grupo com o qual Ele tinha comido anteriormente. Se assim for, eles imediatamente provaram que não aprenderam nada do milagre

e ensinamento de Jesus sobre a natureza do Reino e o remanescente eleito. Eles o condenaram por companheirismo e jantar com os pecadores (Lucas 15:1-2). Jesus acabou de mostrar-lhes que preferiria curar o aleijado no meio deles, enquanto eles próprios não provariam do Reino (Lucas 14:1-24). Agora Ele mostra que preferiria jantar completamente no meio deles do que com os fariseus. O episódio anterior teria ofendido a sensibilidade dos fariseus, mas isso ofenderia todo o seu princípio de pureza social e religiosa. Não há como o Messias sair entre as pessoas que quase nunca iam à sinagoga, faziam festas frequentes, não se lavavam regularmente, fumavam cigarros (sim, eu sei) e ignoravam os anéis de títulos de piedade farisaica. A repreensão desenhou uma série de três parábolas de Jesus, incluindo uma das Suas mais famosas, a parábola do filho pródigo. Mais uma vez, devemos notar uma mudança de público: em vez de dirigir-se a toda a multidão, Jesus dá esta parábola diretamente em resposta a “eles” - isto é, os fariseus que acabaram de criticá-Lo (Lucas 15:2-3). Essas lições são para os “puros” fariseus. Cada uma das parábolas centra-se na missão de Jesus para salvar o restante do Israel fiel. A terceira parábola - o filho pródigo - inclui uma repreensão explícita do filho invejável, mas cada uma traz uma crítica implícita daqueles que se recusam a alcançar o restante perdido, e muito menos alegrar-se de seu retorno. Consideremos estas lições brevemente:

A parábola do ovelha perdida (Lucas 15:3-7)

A parábola da ovelha perdida começa com uma pergunta semelhante àquela com a qual Jesus confundiu os fariseus já duas vezes antes: “Qual de vocês que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma, não deixa as noventa e nove no campo e vai atrás da ovelha perdida, até encontrá-la?” (Lucas 15:4). Isto é parecido com o boi que caiu em um poço e precisa de resgate, ou precisa ser levado para dar-lhe água (Lucas 13:15; 14:5) que Jesus apresentou anteriormente quando se

curava no Sábado em duas ocasiões distintas. A questão novamente é um ponto da Lei do Antigo Testamento, particularmente aquele que destaca obras de misericórdia (Êxodo 23:4-5; Deuteronômio 22:1-4). O fato de que os escribas e os fariseus com seu enorme foco na obediência à Lei não conseguiram ver isso - e muito menos obedecer - mesmo depois de Jesus ter apontado para eles duas vezes antes de apresentar uma repreensão pungente por si só. Continuaram a provar a verdade a condenação que Jesus pronunciou anteriormente: “Ai de vocês, fariseus, porque dão a Deus o dízimo da hortelã, da arruda e de toda a sorte de hortaliças, mas desprezam a justiça e o amor de Deus! Vocês deviam praticar estas coisas, sem deixar de fazer aquelas” (Lucas 11:42). O fracasso em alcançar - ou mesmo tentar alcançar - o verdadeiro remanescente perdido de Israel entre as massas caídas é apenas mais uma evidência para essa conta particular contra eles.

Jesus continua descrevendo a Sua missão como uma obra de misericórdia e alegria:

“E quando a encontra, coloca-a alegremente sobre os ombros e vai para casa. Ao chegar, reúne seus amigos e vizinhos e diz: ‘Alegrem-se comigo, pois encontrei minha ovelha perdida’.

Eu lhes digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam arrepender-se”.

(Lucas 15:5-7)

A simples lição é clara: é natural que o Pastor busque e salve a ovelha perdida, e com a redenção venha uma alegria especial que não acompanha a mera posse. Esta é a versão típica da escola dominical, e está correta, mas não é bastante o suficiente. Jesus está mais completamente dizendo que o verdadeiro remanescente de Israel estava “perdido”, entre esses “publicanos e pecadores” - não entre aqueles que “não precisam de arrependimento”. O trabalho do Messias era buscar e salvar esse remanescente. Esta mensagem aparece explicitamente em mais de um lugar nos Evangelhos: “Pois o Filho do Homem veio procurar e salvar os perdidos” (Lucas 19:10, veja também

João 3:17; 4:23; 12:47). Na verdade, Mateus registra Jesus contando esta parábola em outro cenário, e alguns dos manuscritos (embora não os mais antigos) o têm prefixando a parábola com a frase: “O Filho do Homem veio para salvar o que estava perdido” (Mateus 18:11 - KJV).

A frase “pessoas justas que não precisam de arrependimento” refere-se aos fariseus, etc., e não significa que eles realmente eram justos aos olhos de Deus e não precisavam de arrependimento. Foi uma referência à sua autoconfiança como eleitos de Deus (que discutimos anteriormente): eles eram justos em sua própria estima por sua obsessiva separação ritual e status assumido na sociedade. Jesus fará essa repreensão explícita em um momento (Lucas 16:15). A frase aqui realmente traz uma rejeição implícita: esses conservadores do direito supostamente justos se recusaram a manter as leis da misericórdia e assim resgatar a ovelha perdida. Que eles foram descritos como “justos” e, no entanto, falharam nesse dever claro era uma contradição permanente que não poderia ter passado despercebida.

Esta mensagem de cumprimento da Lei Messiânica é ainda mais clara no grego devido a uma referência à lei sacerdotal. A frase “coloca-se sobre os ombros” (epístrofes gregas em *epi tous omous*) certamente se aplicaria comumente a um pastor com uma ovelha, mas tem um paralelo interessante em Êxodo 39:

“Também fizeram as vestes sagradas de Arão, como o Senhor tinha ordenado a Moisés.

Prenderam as pedras de ônix em filigranas de ouro e nelas gravaram os nomes dos filhos de Israel, como um lapidador grava um selo.

Então as costuraram nas ombreiras do colete sacerdotal, como pedras memoriais para os filhos de Israel, como o Senhor tinha ordenado a Moisés”.

(Êxodo 39:1, 6-7)

Aqui, a frase “costuraram nas ombreiras” é literalmente, “colocá-los sobre os ombros” (LXX grego: *epétheken... epi tous omous*) - uma frase quase idêntica à encontrada na parábola de Jesus (apenas o tempo do verbo é diferente). Os fariseus sendo bem versados na Lei teriam

reconhecido a frase imediatamente e provavelmente fizeram a conexão. E o que, exatamente, foi colocado sobre os ombros do sumo sacerdote? Eram pedras de ônix em ouro e gravadas com os nomes dos filhos de Israel. E foram colocadas ali particularmente como memorial sacerdotal dos filhos de Israel. O sumo sacerdote literalmente levou a lembrança dos verdadeiros filhos de Israel nos ombros.

No cenário de Jesus, então, se os fariseus o entendiam ou não, o verdadeiro Sumo Sacerdote havia buscado e salvado os remanescentes perdidos dos verdadeiros filhos de Israel. Ele se lembrou deles, e Ele estava vindo para encontrá-los e suportá-los em seus ombros. Os fariseus, no entanto, que seriam representantes de Israel - falharam miseravelmente como um memorial sacerdotal dos filhos de Israel.

Em sua totalidade, então, esta parábola não é apenas uma explicação da missão de Jesus de buscar e salvar o remanescente perdido de Israel, mas também foi uma acusação legal contra os fariseus por não obedecerem aos mandamentos de misericórdia e amor na Lei.

A parábola da moeda perdida (Lucas 15:8-10)

Uma lição quase idêntica segue na parábola da moeda perdida. Jesus diz:

“Ou, qual é a mulher que, possuindo dez dracmas e, perdendo uma delas, não acende uma candeia, varre a casa e procura atentamente, até encontrá-la?

E quando a encontra, reúne suas amigas e vizinhas e diz: ‘Alegram-se comigo, pois encontrei minha moeda perdida’.

Eu lhes digo que, da mesma forma, há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”.

(Lucas 15:8-10)

Não muito mais vai adicionar ao significado já dado na parábola anterior. As mesmas lições se aplicam aqui também, apenas com a adição da imagem da lâmpada acesa, como discutimos anteriormente na parábola da lâmpada acesa (Lucas 11:33-36, ver também Lucas 8:16-18). A imagem novamente destaca a verdadeira missão de busca do Messias, bem como a mesma acusação de farsa dos fariseus que deveriam ter suas lâmpadas acesas. Como observamos anteriormente, Israel deveria ter sido uma luz para o mundo, mas eles falharam. Agora, Jesus, o verdadeiro Israel, vem com aquela luz brilhando (João 1:4-11), mas o Israel nacional, exceto os eleitos remanescentes (Mateus 24:22, 24, 31; Marcos 13:20, 22, 27; Lucas 18:7) - ficou na auto-cegueira por sua própria escuridão interior (Lucas 11:33-36).

A Parábola do Filho Pródigo (Lucas 15:11-32)

Somente após essas duas parábolas anteriores, chegamos à famosa parábola do filho pródigo. Ainda respondendo a mesma crítica de que falava e comia com os pecadores, Jesus continua:

Jesus continuou: “Um homem tinha dois filhos.

O mais novo disse ao seu pai: ‘Pai, quero a minha parte da herança’. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles.

“Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente.

Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade.

Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos.

Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada.

“Caindo em si, ele disse: ‘Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome!

Eu me perei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti.

Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados’.

A seguir, levantou-se e foi para seu pai. "Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou.

“O filho lhe disse: ‘Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho’.

“Mas o pai disse aos seus servos: ‘Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés.

Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e comemorar.

Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado’. E começaram a festejar.

“Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se aproximou da casa, ouviu a música e a dança.

Então chamou um dos servos e perguntou-lhe o que estava acontecendo.

Este lhe respondeu: ‘Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, porque o recebeu de volta são e salvo’.

“O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele.

Mas ele respondeu ao seu pai: ‘Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos.

Mas quando volta para casa esse seu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!’

“Disse o pai: ‘Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu.

Mas nós tínhamos que comemorar e alegrar-nos, porque este seu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado”.

(Lucas 15:11-32)

Tanto foi escrito sobre esta parábola que não pretendo fornecer um comentário completo aqui, mas apenas destacar o que pertence ao confronto contextual com os fariseus e, o mais importante, o que diz respeito ao processo de Jesus contra Israel. Os temas teológicos em curso são: *coisas que estão perdidas, pessoas que precisam de arrependimento e alegria após a redenção*. As coisas que estão perdidas são óbvias, embora nesta parábola nós tenhamos uma visão muito mais humana de como a coisa se perdeu: através do consumo e do desperdício de riqueza -, mas não apenas riqueza em geral, e sim, herança. Este é um tema claramente alinhado. Ambos os filhos tinham direito à herança; o pródigo só exigiu sua parte mais cedo e depois a desperdiçou. O pródigo gastou tudo e eventualmente teve que trabalhar como servo. Sua vontade de alimentar suínos - um animal impuro para os judeus - mostra que ele havia abandonado não só seu pai, mas também a fé dele. Ele estava realmente perdido.

Mas ele chegou a um reconhecimento importante de que os porcos estavam sendo alimentados melhor do que ele. Este é o começo do arrependimento: *perceber a miséria da sua verdadeira situação*. O filho então percebeu que os servos de seu pai tinham uma vida ainda melhor, e isso mudou sua vida. Ele voltaria, confessaria seus pecados e se oferecia para trabalhar como servo. Este é o arrependimento: uma mudança de mente, coração, decisão e direção com a introdução da humildade. O filho retornou.

Seu pai o viu voltar longe, o que significa que o pai estava vigiando constantemente a estrada, desejando o dia em que seu filho perdido voltaria para casa. Ele correu e abraçou o filho, e começou a dar presentes para ele. Assim como com a descoberta da ovelha e da moeda perdida, aqui o pai fez uma festa para comemorar.

Agora, o filho mais velho ficou irritado com esse derramamento de graça. Este é um paralelo exato aos fariseus que acabaram de condenar Jesus por receber pecadores (Lucas 15:2). Eles foram provocados por Sua graça a outros que não o mereceram com base em seus estilos de vida. No entanto, a mensagem do pai para o filho mais velho aplicou-se também: você estava aqui comigo o tempo todo; você poderia ter tido tudo, mas você nunca desfrutou. Você pensa apenas em obras, e

nunca em misericórdia e graça. Em suma, esta afirmação é a imagem perfeita da condenação que observamos várias vezes agora: os fariseus ignoraram os assuntos mais importantes da Lei (misericórdia e fé) em favor de atender rigorosamente aos detalhes minuciosos.

Outros temas surgem aqui que devemos notar. Primeiro, a perda e retorno do pródigo não é uma vez, mas duas vezes referidas como uma morte e ressurreição (versos 24, 32). Esta é uma linguagem bastante hiperbólica para o pai descrever até o retorno de seu filho imprudente. Só pode ser entendida como linguagem de Aliança que Jesus adicionou intencionalmente na história. Estes eram os verdadeiros eleitos de Israel, perdidos entre a massa dos pecadores e os cobradores de impostos, etc. Do mesmo modo, Ezequiel podia imaginar o retorno do Israel nacional da Babilônia como uma ressurreição do povo para fora de seus túmulos (Ezequiel 37:1-14), então Jesus poderia descrever a reunião do remanescente dos eleitos de Israel entre os judeus do Seu tempo.

Em segundo lugar, o tema da celebração aparece em cada uma dessas três parábolas. Nas duas primeiras, é meramente declarado: os que procuram convocam todos seus amigos e vizinhos para se alegrar. Na parábola do filho pródigo, esta é expandida para a festa real, a desaprovação do filho mais velho e a defesa do pai na celebração: “mas nós tínhamos” (verso 32). Em cada caso, a alegria era devido ao arrependimento - a ressurreição da perda - e não a mera presença do resto do “perdido”. À luz das seções anteriores de Lucas em que aprendemos sobre a porta estreita para entrada no Reino (Lucas 13:22-30), e a parábola do grande banquete (que foi uma resposta ao fariseu que falou sobre comer pão no Reino de Deus), é apropriado conectar as alegrias e festas aqui com a ideia do remanescente entrar na benção do Reino. Em cada caso, é a ressurreição dos remanescentes perdidos que dá origem à celebração.

Como o pai defende a celebração contra a queixa do irmão mais velho, é claro que o filho mais velho também precisa de arrependimento. Assim como os convidados originais para a grande ceia, todos recusaram entrar (Lucas 14:18-20), assim como esse irmão mais velho (Lucas 15:28). No entanto, nunca nos dizem que o filho

mais velho se arrependeu e eventualmente se juntou à alegria. Dadas as parábolas anteriores e seu público farisaico, penso que a implicação é que eles não se arrependeram. Eles persistiriam em seu espírito implacável e, ao rejeitar a aceitação do filho perdido, eles também rejeitariam a vontade do pai. Isso é exatamente o que aconteceria aos fariseus - e ao resto de Israel. E eles logo se encontrarão completamente trancados para fora da celebração também.

A parábola do Administrador injusto (Lucas 16:1-13)

Jesus então aproveita a oportunidade para ensinar uma lição valiosa aos Seus discípulos; assim, note, Ele está mudando o público de novo. Isso foi para os ouvidos ouvirem, não apenas para confundir o julgamento sobre os “outros” infiéis (Lucas 8:10) que ouviram e não quiseram ouvir. Ao fazê-lo, passamos de uma das parábolas mais famosas de Jesus para talvez a Sua mais confusa. Mas não precisa ser assim: a nova lição simplesmente considera a necessidade dos discípulos se posicionarem quando o dia do acerto de contas realmente vem. Jesus diz:

“Jesus disse aos seus discípulos: “O administrador de um homem rico foi acusado de estar desperdiçando os seus bens.

Então ele o chamou e lhe perguntou: ‘Que é isso que estou ouvindo a seu respeito? Preste contas da sua administração, porque você não pode continuar sendo o administrador’.

“O administrador disse a si mesmo: ‘Meu senhor está me despedindo. Que farei? Para cavar não tenho força, e tenho vergonha de mendigar...

Já sei o que vou fazer para que, quando perder o meu emprego aqui, as pessoas me recebam em suas casas’.

“Então chamou cada um dos devedores do seu senhor. Perguntou ao primeiro: ‘Quanto você deve ao meu senhor?’

‘Cem potes de azeite’, respondeu ele. “O administrador lhe disse: ‘Tome a sua conta, sente-se depressa e escreva cinquenta’.

“A seguir ele perguntou ao segundo: ‘E você, quanto deve?’ ‘Cem tonéis de trigo’, respondeu ele. “Ele lhe disse: ‘Tome a sua conta e escreva oitenta’.

“O senhor elogiou o administrador desonesto, porque agiu astutamente. Pois os filhos deste mundo são mais astutos no trato entre si do que os filhos da luz.

Por isso, eu lhes digo: usem a riqueza deste mundo ímpio para ganhar amigos, de forma que, quando ela acabar, estes os recebam nas moradas eternas”.

(Lucas 16:1-9)

Esta passagem é notoriamente difícil. A dificuldade surge porque o administrador (literalmente “governante da casa” – *oikonomos* [em grego]) é claramente chamado de “desonesto” (*adikias*, [em grego]), e ainda assim o Mestre o elogia por suas ações. Mais difícil ainda, Jesus então chama seus discípulos para fazer amizade com a riqueza “ímpia” (novamente *adikias*). As pessoas ficaram intrigadas por séculos perguntando se Jesus realmente nos chamou para seguir o comportamento de um trapaceiro. Que boa lição moral a seguir foi escondida nessa história? A resposta típica tem sido o fato de que somos chamados a ser inteligentes como o mordomo injusto, mas não desonesto como ele. Jesus, depois de tudo, ensina aos discípulos: “Eis que eu os envio como ovelhas no meio dos lobos; sê, pois, sábio como serpentes e inofensivo como pombas” (Mateus 10:16). Este último versículo está relacionado à ideia, mas a resposta geral parece ser insuficiente para explicar o que isso tem a ver com ser recebido em “moradas eternas” por amigos da riqueza injusta, o que parece ser a conclusão geral de toda a parábola. Há mais história aqui do que temos visto até agora.

Na verdade, quando vista no contexto das parábolas precedentes e especialmente uma destruição em breve de Jerusalém, toda essa lição faz todo o sentido. Israel estava sendo condenado por sua infidelidade - na verdade, por sua injustiça. Na verdade, Jesus acabou de usar esse mesmo termo para se referir àqueles de Sua geração que bateriam na porta estreita depois que era tarde demais: “Mas ele responderá: ‘Não

os conheço, nem sei de onde são vocês. Afastem-se de mim, todos vocês, que praticam o mal!” [adikias] (Lucas 13:27). Uma vez que este *adikias* não é uma palavra comum, a repetição na proximidade aqui não deve ser negligenciada. A Israel tinha sido confiado os oráculos de Deus, como Paulo diz: “Os judeus foram encarregados dos oráculos de Deus... pertencem à adoção, à glória, os convênios, à entrega da lei, o culto e às promessas” (Romanos 3:2, 9:4). E, no entanto, sabemos que “ignorando a justiça de Deus e buscando estabelecer a sua própria, eles [os judeus] não se submeteram à justiça de Deus” (Romanos 10:3). Em outras palavras, sendo confiado como o administrador da Casa de Deus, eles próprios eram administradores injustos. É claro para mim que o administrador injusto é Israel. Os ensinamentos posteriores de Paulo ajudam a estabelecer isso, embora não sejam necessários para cruzar a referência para entender a parábola dessa maneira.

A parábola deixa claro que havia chegado um momento de avaliação. O fracasso do administrador foi exposto; o Mestre o chamou para contabilizar e demiti-lo. Isso significa que a relação entre Deus e Israel estava sendo cortada - Israel logo estaria desempregado. No entanto, o Mestre exigiu ainda uma contagem final de suas contas. Isso deu ao administrador um pouco de tempo para elaborar um plano para proteger seu próprio futuro. Esta é a chave para entender a parábola: o gerente está cuidando de seu próprio futuro - literalmente, para um lugar para ficar. Ele diz: “Já sei o que vou fazer para que, quando perder o meu emprego aqui, as pessoas me recebam em suas casas” (Lucas 16:4). Em um momento de “ah hah!”, ele percebe que ainda tem tempo para garantir o favor da grande rede de devedores de seu Mestre. À medida que ele compila o registro final para o qual seu Mestre pediu conta, ele diminui substancialmente as dívidas para cada conta. Isso ganha um favor considerável dos devedores, pois estas eram dívidas muito grandes. O administrador agora tem amigos muito felizes em todo o lugar que também agora lhe devem grandes favores.¹ O Mestre percebe o que o administrador tinha feito, e Ele o elogia - não em geral -, mas por ser particularmente astuto neste caso. No curto espaço de tempo, ele se salvou de ficar sem abrigo que viriam devido ao dia do concerto.

Então, Jesus dá uma nota explicativa: “Pois os filhos deste mundo são mais astutos no trato entre si do que os filhos da luz” (Lucas 16:8). Enquanto eu normalmente fico com o ESV [English Standard Version], ela incorretamente traduz aqui como “mundo” em vez de “idade” [ou “era”]. A maioria das outras traduções modernas estão corretas. Poderia ser mais simples e mais precisamente traduzido, “os filhos desta era são mais astutos em sua própria geração do que os filhos da luz”. Ele está claramente se referindo à “era” que estava chegando ao fim (a qual discutimos antes) e os filhos desta geração. Ele também está dizendo claramente que os discípulos precisam estar dispostos a cancelar algumas perdas de curto prazo para ganhos e segurança a longo prazo no futuro próximo. Neste esforço, seria muito sábio ter muitos amigos mundanos e astutos em muitos lugares que possam ajudar - ou que estão em dívida para ajudar - quando chegar a hora do deslocamento.

Então, Jesus dá uma diretriz clara: “Por isso, eu lhes digo: usem a riqueza deste mundo ímpio para ganhar amigos, de forma que, quando ela acabar, estes os recebam nas moradas eternas” (Lucas 16:9). Jesus não está dizendo para se envolver em práticas comerciais injustas, nem Ele está dizendo que toda a riqueza mundana é por natureza “injusta”. Ele simplesmente está instruindo seus discípulos a fazerem amigos entre aquele mercado de comerciantes astutos - o que Jesus estava fazendo, e para o qual os fariseus apenas o criticaram (Lucas 15:2). Ele sabia que os discípulos no futuro próximo precisariam de uma rede de pessoas que sabiam como trabalhar em torno das operações normais, que conheciam os becos e podiam atender às necessidades de um movimento clandestino. A ênfase importante aqui é a ligação em *rede de amigos e conexões*, não sobre a escritura da própria dívida, ou sobre o próprio dinheiro. Isso é claro a partir do texto; o dinheiro falharia, mas “quando ele falhar”, as amizades permanecem e podem se revelar inestimáveis.² Assim como o administrador na parábola fez amigos para serem recebidos em suas casas, Jesus instrui os discípulos a fazerem amigos entre as “riquezas injustas” - pecadores, cobradores de impostos e gentios - para serem recebidos em “moradas eternas”.

Então, quais são essas “moradas eternas”? Antes de respondermos, voltemos a considerar a importância do público.

Tenha em mente que Jesus está dizendo isto especificamente aos discípulos, e não aos fariseus diretamente ou a multidão (embora eles estejam ouvindo, como veremos). Este é um ensinamento dirigido ao remanescente eleito, não aqueles destinados a serem destruídos. E mesmo que o injusto administrador da parábola represente os infiéis de Israel, no entanto, o aspecto virtuoso da parábola será obedecido apenas pelo remanescente eleito entre os infiéis de Israel. Os discípulos, afinal, viveriam através da destruição (desemprego) desse administrador injusto, e seria sua graça salvadora particular sair da cidade quando chegasse a hora, para evitar a destruição final, e sobreviver até o fim. A eles seria a promessa (duas vezes), “Mas aquele que perseverar até o fim será salvo” (Mateus 10:22; 24:13). Então, enquanto o dia do acerto de contas vem sobre todo Israel, apenas o remanescente iria sair. Esta mensagem é totalmente consistente com a parábola do administrador injusto, bem como com todas as outras parábolas que Jesus contou durante esta jornada até agora. Também é consistente como resposta à crítica dos fariseus (Lucas 15:2); exceto que esta última parte dessa resposta pertencia apenas aos escolhidos. Eles, sozinhos, estarão à procura de novos lugares para viver e novas conexões e “amigos” como parte da era por vir. O restante do Israel incrédulo seria morto, cativo ou deixado para os cães, e Jerusalém seria nivelada no chão.

Assim, faz sentido que os discípulos em breve estarão buscando novas habitações, literalmente. E quanto às habitações “eternas”? Considere a própria frase. Enquanto a palavra “eterno” – *aionios* [no grego] - muitas vezes deve ser traduzida como “eterno” ou “perpétuo”, esse não é o caso universalmente. Na verdade, é algo de uma palavra primitiva para *aionos* que geralmente traduzimos como “idade”. Mais importante ainda, a palavra é frequentemente usada no Antigo Testamento grego (Septuaginta) para falar especificamente de elementos do antigo sistema do pacto - as coisas que sabemos que de fato chegaram ao fim. A lista desses elementos supostamente “eternos” (se a palavra realmente significa isso) é considerável: inclui a antiga

feita do testemunho da Páscoa (Êxodo 12:14, 17), a lâmpada de óleo de oliva no tabernáculo (Êxodo 27:20-21), roupas especiais do sacerdote (Êxodo 28:43), ofertas sacerdotais (Êxodo 29:28), lavagens rituais (Êxodo 30:21) e o Sábado do Antigo Testamento (Êxodo 31:16, 17); e essas são apenas as referências no Êxodo (veja também Levítico 6:11, 15; 7:34, 36; 10:9, 15; 16:29, 31, 34; 17:7; 23:14, 21, 31, 41; 24:3, 8-9; 25:34; Números 10:8; 15:15; 18:8, 11, 19, 23; 19:10, 23; 25:13.) Na verdade, nos dizem que o sacerdócio de Arão em si é *aionios* [perpétuo] (Números 25:13), e, no entanto, este sacerdócio que conhecemos foi substituído por Cristo no sacerdócio de Melquisedeque (Hebreus 7); e a epístola aos Hebreus ensina que todas essas velhas ordenanças sacerdotais da Aliança são eliminadas. Então, como eles poderiam ser literalmente “eternos” no sentido de intermináveis?

A resposta é que eles não eram eternos nesse sentido, mas simplesmente pertencendo à longa “idade [ou era]” daquela Antiga Aliança. Eles eram “perpétuos” ao longo dessa era. A palavra usada dessa maneira poderia ser traduzida como “continuar”. E é assim que devemos entender a afirmação de Cristo aqui - como pertencendo a uma era da Aliança, particularmente a era que viria. Os discípulos deveriam se preparar para a mudança na administração do pacto - incluindo a destruição do Templo e o antigo sistema da Aliança - e, assim, encontrar recursos para providenciar habitação contínua.

A segunda palavra dessa frase é tão interessante. Enquanto o administrador da parábola esperava ser recebido nas casas das pessoas (no grego, *oikous*), os discípulos devem encontrar “habitações” contínuas (no grego, *skenas*). A primeira palavra *oikous* é a palavra usada para “casa” essencialmente como a usáramos hoje; a última palavra *skenas*, que se relaciona com o futuro dos discípulos, se refere mais comum às habitações temporárias, como tendas (Mateus 17:4; Marcos 9:5; Lucas 9:33; Hebreus 11:9), e particularmente ao tabernáculo do Antigo Testamento (uma grande tenda, veja Atos 7:44, Hebreus 8:5; 9:1-3, 6, 8, 11, 21; 13:10). A ideia de um tabernáculo contínuo na era por vir aparece mais adiante no ensinamento da Bíblia sobre um novo “tabernáculo celestial” (Apocalipse 15:5; 21:3), que se refere ao próprio Jesus. O próprio Jesus havia vindo ao “tabernáculo” (*eskenosen*, [no

grego]) na carne entre nós (João 1:14), temporariamente. O ponto geral aqui é que essas habitações “contínuas” também são temporárias na natureza e, portanto, dificilmente “eternas”. Portanto, não devemos pensar em “habitações eternas” como algo celestial e infinito, mas como “tabernáculos permanentes” - espaços para os discípulos permanecerem durante a mudança das eras.

Compreender a ideia do “tabernáculo” como se referindo a uma habitação carnal - uma tenda de pele ou um corpo carnal - os apóstolos, reunidos no primeiro conselho geral em Jerusalém, consideraram a adição dos gentios na Igreja como cumprimento da profecia de uma restauração do tabernáculo de Davi. Em Atos 15:14-17, Tiago explica, como Simão [Pedro] relatou como Deus primeiro visitou os gentios, para tirar deles um povo por seu nome. E com isso as palavras dos profetas concordam, tal como está escrito:

“Depois disso, eu voltarei, e reconstruirei a tenda do tabernáculo de caído Davi;

Vou reconstruir suas ruínas, e eu vou restaurá-lo, que o remanescente da humanidade pode buscar o Senhor, e todos os gentios que são chamados pelo meu nome, diz o Senhor, que faz essas coisas conhecidas desde o passado”.

Esta profecia vem de Amós 9:11-12, que no momento se refere a uma futura restauração de Israel (Amós 9:11-15). Tiago considerou a Igreja do Novo Testamento, incluindo os gentios, para cumprir aquele tabernáculo restaurado de Davi, o verdadeiro remanescente de Israel. Eu argumentaria que este é exatamente o restante que Jesus tinha em mente quando Ele instruiu os discípulos a procurar habitações contínuas entre as riquezas “injustas” - os gentios. Ele esperava isso tanto literal como teologicamente. E Tiago, Atos, Apocalipse e Hebreus mostram que isso foi realmente cumprido.

Esta parábola normalmente confusa, então, é esclarecida pelo reconhecimento de que:

- 1) pertenceu aos discípulos;

2) no contexto da próxima destruição de Jerusalém.

Na verdade, isso une um fenômeno que já mencionamos mais de uma vez: os discípulos vendendo suas propriedades em Jerusalém e depois distribuindo o dinheiro entre eles para os necessitados (Atos 2:44-45; 4:32-37). Está claro que eles estavam se preparando para sair da cidade, uma vez que chegou o dia do concerto, e depois desse primeiro grande conselho, eles oficialmente não se importaram em desenvolver relacionamentos com os gentios durante esse breve intercâmbio antes do encerramento final do Israel incrédulo.

Divórcio e Exclusão (Lucas 16:14-31)

É claro que os fariseus entenderam o que Jesus estava dizendo, porque eles “zombavam” dEle (Lucas 16:14). Certamente eles entenderam que Ele estava defendendo Sua amizade com pecadores e cobradores de impostos, e depois dizendo aos discípulos para nutrir relações entre a riqueza “injusta” também. “Zombavam” aqui traduz a palavra grega *exemukterizon*. Um *mukter* é um nariz. O verbo refere-se literalmente ao aumento do nariz, embora aparentemente fosse um coloquialismo para desprezar e zombar em geral. Mas aqui poderia ter uma aplicação mais literal: os fariseus se achavam muito puros, muito justos para se misturarem com aqueles “pecadores” que não cumpriam seus padrões. Eles literalmente caminharam com o nariz virado para essas pessoas, e agora fizeram o mesmo com Jesus que praticava amizade com os pecadores.

Reino e Divórcio

A resposta de Jesus mostra que tal orgulho e arrogância eram o próprio pecado desses fariseus. A resposta é dupla: a primeira parte é

a aplicação direta da Lei, a segunda parte da parábola. No primeiro, ele lhes diz:

“Ele lhes disse: “Vocês são os que se justificam a si mesmos aos olhos dos homens, mas Deus conhece os corações de vocês. Aquilo que tem muito valor entre os homens é detestável aos olhos de Deus”.

“A Lei e os Profetas profetizaram até João. Desse tempo em diante estão sendo pregadas as boas novas do Reino de Deus, e todos tentam forçar sua entrada nele.

É mais fácil o céu e a terra desaparecerem do que cair da Lei o menor traço.

“Quem se divorciar de sua mulher e se casar com outra mulher estará cometendo adultério, e o homem que se casar com uma mulher divorciada do seu marido estará cometendo adultério”.

(Lucas 16:15-18)

Jesus então prossegue diretamente para a parábola do homem rico e Lázaro. Vamos discutir esta parábola em um momento; por enquanto, é importante reconhecer a continuidade da resposta dos versículos 15 a 31. De fato, o contexto completo de toda a cena se estende de Lucas 15:1 a Lucas 17:10 e o leitor deve procurar interpretar tudo nessa seção como parte do mesmo contexto. Mas a interação atual de Jesus com os fariseus abrange os versículos 14 a 31 e deve ser entendida como uma única resposta coerente. Isso pode parecer um pouco preocupante em que Jesus parece estar pulando entre diferentes tópicos rapidamente: primeiro no orgulho dos fariseus, então a Lei e os profetas, então o sétimo mandamento, então uma parábola sobre o Céu e o Inferno. Mas vê-lo dessa maneira é perder o fio do significado que une toda a resposta e, de fato, é acusar nosso Salvador de uma falta de coerência, que não devemos esperar do próprio Autor da Lei. Em vez disso, precisamos ver o tema comum sobre o qual tudo isso trava, e é isso: os fariseus (de fato, Israel) ignoram a Lei de Deus em nome de serem os únicos detentores da Lei, e há um julgamento no qual Deus os julgará de acordo com a verdadeira depravação de seus corações.

Para ver como este tema se mantém no todo, vamos examinar a primeira parte das observações de Jesus:

Primeiro, Jesus responde repreendendo sua avareza. O texto já nos disse explicitamente que eles eram “cobiçosos”. A palavra é literalmente “amantes do dinheiro” (*philarguroi*, [no grego]), a mesma palavra usada em 1ª Timóteo 6:10: “Porque o amor ao dinheiro é uma raiz de todos os tipos dos males”. Eles, afinal, foram provocados a ridicularizar Jesus, porque eles ouviram a parábola do injusto administrador: Jesus acabou de dizer aos discípulos que as vezes é melhor perder dinheiro do que não ter amigos. Quem no mundo ensinaria que devemos às vezes perdoar as dívidas das pessoas? (Lucas 11:4). Estes fariseus não tinham ideia de quão profundas são as questões do dinheiro e da dívida. Eles viveram apenas por aparências superficiais, e agora Jesus expôs isso: “Vocês são aqueles que se justificam diante dos homens, mas Deus conhece seus corações. Pois o que é exaltado entre os homens é uma abominação à vista de Deus” (Lucas 16:15).

Em **segundo** lugar, Jesus ensaiou a verdadeira natureza da Lei do Reino (novamente). A lei e os profetas foram até João, mas desde então, o Reino de Deus é pregado (verso 16). Jesus não está ensinando aqui uma lição de “fim da Lei e um começo de algo mais agradável”, pois isso contradizia o próximo versículo: “é mais fácil passar o céu e a terra do que um ponto da Lei tornar-se nulo” (verso 17). Não, Jesus está argumentando que o Reino que foi anunciado há muito tempo na Lei e nos profetas chegou desde o ministério de João Batista. Estava aqui agora. Era hora de entender a plenitude da Lei e do Reino agora, e ainda assim poucos o entenderam. Em vez disso, “todo mundo força o seu caminho para ele”. A RSV [Revised Standard Version] captura o espírito deste versículo um pouco melhor: “todo mundo tenta entrar por força”. Isso lembra a imagem dos muitos que estão de pé batendo na porta estreita (Lucas 13:25).

Em vez de se arrependem, os fariseus ridicularizam e impõem encargos aos outros. Ao forçar os outros, eles se vangloriam como herdeiros da Lei. Se tivessem entendido a verdadeira profundidade

espiritual da Lei (ver Mateus 5-7, Lucas 6:20-26), teriam entendido que a Lei de Deus exige a perfeição do coração; eles teriam visto que eles mesmos eram também pecadores infelizes e precisavam de arrependimento.

Apesar de seu tratamento externo superficial da Lei, Deus julga as profundezas do coração (verso 15). E essa Lei perfeita é eterna: seria mais fácil para o céu e a terra passar do que a menor parte dessa Lei falhar (verso 17). Na verdade, os judeus estavam prestes a testemunhar a morte de seus “céus e terra”, Jerusalém. E o desaparecimento de Jerusalém viria como resultado do julgamento de acordo com a própria Lei que há tanto tempo eles ignoraram e abusaram. E, para alguns, pode parecer um estiramento referir-se a Jerusalém como “céu e terra”, mas Jesus irá mais explicitamente fazer essa aplicação em Lucas 21:32-33: depois de descrever vividamente a destruição de Jerusalém, Jesus acrescenta: “Verdadeiramente, Eu digo para vocês, esta geração não passará até que tudo tenha ocorrido. O céu e a terra passarão, mas minhas palavras não passarão”. Esta é uma clara referência a Jerusalém que de fato (“determinadamente”) passará, e faria isso dentro da geração de Jesus. O significado é certamente o mesmo em Lucas 16:17. A Lei em si era eterna, e representaria o tribunal, pelo qual Jesus processaria pela Lei aquela geração adúltera.

É por isso que o próximo versículo salta para o sétimo mandamento. Jesus não está mudando de assunto aleatoriamente; isso é perfeitamente consistente com Sua mensagem. Este é um processo de divórcio contra Israel. A nação adulterou a Lei; ela se prostituiu em troca das coisas altamente estimadas pelos homens, mas que são condenadas por Deus (verso 15). A nação era adúltera. A nação também era uma blasfemadora desde que deixou seu verdadeiro amor em nome de sua verdadeira Lei de Deus, ignorada pelo amor, em nome da mais pura expressão da Lei. A nação tornou-se uma prostituta que se disfarçava de pura virgem. Jesus traz o verdadeiro Reino e com Ele a verdadeira Lei. A verdadeira inspeção e julgamento dessa adúltera havia chegado. A ameaça para aquela geração que deixou seu amor para encontrar outro foi o veredicto de adultério. Isto é o que o versículo 18 trata.

E é por isso que uma parábola sobre o Céu e o Inferno segue imediatamente. Jesus dirigirá o ponto de partida sobre a natureza eterna da Lei e o julgamento que vem.

A Parábola do Homem Rico e Lázaro (Lucas 16:19-31)

“Havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho fino e vivia no luxo todos os dias.

Diante do seu portão fora deixado um mendigo chamado Lázaro, coberto de chagas; este ansiava comer o que caía da mesa do rico. Em vez disso, os cães vinham lambe as suas feridas.

“Chegou o dia em que o mendigo morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. O rico também morreu e foi sepultado.

No Hades, onde estava sendo atormentado, ele olhou para cima e viu Abraão de longe, com Lázaro ao seu lado.

Então, chamou-o: ‘Pai Abraão, tem misericórdia de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo na água e refresque a minha língua, porque estou sofrendo muito neste fogo’.

“Mas Abraão respondeu: ‘Filho, lembre-se de que durante a sua vida você recebeu coisas boas, enquanto que Lázaro recebeu coisas más. Agora, porém, ele está sendo consolado aqui e você está em sofrimento.

E além disso, entre vocês e nós há um grande abismo, de forma que os que desejam passar do nosso lado para o seu, ou do seu lado para o nosso, não conseguem’.

"Ele respondeu: ‘Então eu lhe suplico, pai: manda Lázaro ir à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos. Deixa que ele os avise, a fim de que eles não venham também para este lugar de tormento’.

“Abraão respondeu: ‘Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam’.

“‘Não, pai Abraão’, disse ele, ‘mas se alguém dentre os mortos fosse até eles, eles se arrependeriam’.

“Abraão respondeu: ‘Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos’”.

(Lucas 16:19-31)

Além do contexto óbvio em que Jesus entrega esta parábola, há dois detalhes altamente reveladores que nos dizem que pertence a Sua situação imediata. Um deles liga a parábola diretamente de volta aos Seus comentários anteriores sobre a Lei e os profetas e o Reino de Deus. Esta é a resposta de Abraão ao homem rico, perto do final de sua discussão. Queimando no inferno, o homem rico finalmente percebe que o evangelismo seria bom - talvez sua família seja avisada sobre esse horrível lugar. “Abraão respondeu: ‘Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam’. ‘Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos’” (Lucas 16:29). Em outras palavras, “a Lei e os Profetas foram até João; desde então, as boas novas do reino de Deus são pregadas” (Lucas 16:16). Esta é uma conexão muito clara que mostra continuidade no discurso de Jesus. A mensagem é clara ao longo do tempo: o dia do juízo chegou: se você não acredita verdadeiramente na Lei e nos profetas, você será julgado por eles (confira João 5:39-47). E esse julgamento não consideraria as aparências externas - a exibição de status e riqueza do homem rico não eram indício da bênção do Reino de Deus - mas seria um julgamento do coração (Lucas 16:15).

O segundo detalhe revelador é menos direto e ainda mais interessante: a roupa do homem rico na parábola. “Havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho fino” (Lucas 16:19). Embora seja possível, isso é apenas significado como uma descrição geral da riqueza, a teologia bíblica rica dos ensinamentos de Jesus nos estimula a cavar mais profundamente. O linho púrpura e especialmente fino era o conhecido vestido distintivo do sacerdócio e do Templo. Isto é verificado, é claro, diretamente na própria Lei (Êxodo 25-28; 35-39) e em muitas outras alusões na história e nos profetas. Na parábola, estes não são detalhes ocasionais. Eles identificam o homem rico diretamente com as principais representações da Antiga Aliança Israel, o sumo sacerdote e o Templo.

Esses detalhes “sacerdotais” também desempenham um papel central de identificação indiretamente em outros lugares do Novo Testamento. Eles claramente ajudam a identificar a Grande Meretriz

de Apocalipse 17-18 como Jerusalém: “A mulher estava vestida de púrpura e escarlate” (Apocalipse 17:4). “Infelizmente, infelizmente, pela grande cidade que estava vestida de linho fino, de púrpura e escarlate, adornada com ouro, com jóias e com pérolas! Pois em uma única hora toda essa riqueza foi desperdiçada” (Apocalipse 18:4). Esta cidade idólatra era um falso sacerdote de Deus; e ela foi destruída. Mas a verdadeira Noiva será pura e digna das roupas do sacerdócio. O mesmo livro nos diz: “Aleluia! Porque o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso reina. Alegremo-nos e exultemos e lhe dê a glória, porque o casamento do Cordeiro veio, e a Noiva preparou-se; foi-lhe concedida vestir-se de linho fino, brilhante e puro” (Apocalipse 19:6-9). A prostituta não tem o direito de usar a roupa sacerdotal, “porque o linho fino é a ação justa dos santos” (Apocalipse 19:9), e a Jerusalém incrédula não tinha a justiça [de Deus] (Romanos 10:1-4).

Mas a justiça da Nova Noiva não era sua, ela veio de Cristo. Cristo é o verdadeiro Sumo Sacerdote, Aquele que realmente tem direito à roupa sacerdotal. Por isso, Ele está vestido de púrpura (Marcos 15:17, 30; João 19:2, 5) e escarlate (Mateus 27:28) durante o Seu sacrifício, embora os soldados não tivessem ideia do que realmente estavam fazendo; Ele estava envolto em linho fino no seu sepultamento (Mateus 27:59; Marcos 15:46; Lucas 23:53; 24:12; João 19:40; 20:5-7). Os Evangelhos apresentam assim a Jesus como o verdadeiro Sumo Sacerdote, o verdadeiro representante do verdadeiro Israel, ao longo do tempo de Seu sacrifício e oferta de Si mesmo a Deus.

Então, ambos diretamente (na Lei e profetas) e indiretamente (na teologia bíblica), temos um testemunho sólido de que a púrpura e o linho se referem ao sacerdócio representativo de Israel. É correto, então, que, quando Jesus repreende os falsos pretendentes da herança de Israel - Ele se certificaria de que eles se viram (de fato, todo Israel) como o homem rico na parábola.

Seria interessante, ainda mais, se o Lázaro aqui se refere ao Lázaro real, que Jesus amava e que havia morrido e ressuscitado por Cristo em João 11. Eu duvido muito disso. Algumas pessoas negaram que esta história seja uma parábola porque não começa com uma explícita frase “*e ele lhes disse uma parábola*”. Mas esse é um raciocínio preguiçoso: nem

a parábola do filho pródigo (Lucas 15:11-32) nem a do administrador injusto (Lucas 16:1-9) que Ele acabou de contar começa com uma designação explícita como uma parábola, e mais exemplos não devem ser encontrados. O homem rico e Lázaro é uma parábola, e devemos resistir à tentação de ler mais em Lázaro do que a própria parábola fornece.

Com isso dito, Lázaro claramente não teria sido candidato a um dirigente da sinagoga. Ele era um mendigo, não tinha riqueza, nada, provavelmente estava doente, já que ele estava coberto de feridas e, portanto, por todas as medidas era um marginalizado social. No entanto, assim como a riqueza do rico, a pobreza de Lázaro não era a medida de sua eleição. Jesus não apenas pintou esses fariseus como uma foto de Jó em sua miséria (Jó 2:7-8)? E, no entanto, sabemos que Deus restaurou esse homem para ser o homem mais rico do Oriente ao dobro no final (Jó 1:3; 42:10-17). Então, esse homem poderia ser parte do remanescente eleito do Reino de Deus. Na verdade, é aqui que o nome de Lázaro se torna importante: ele vem do Eleazar que no hebraico, significa *“Quem Deus Ajuda”*. Esse homem tem a graça de Deus.

A história desencadeia que ambos morrem: Lázaro é carregado no seio de Abraão - um verdadeiro filho de Abraão -, mas o homem rico está no sofrimento do Hades. Olhando de sua posição, o homem rico começa o diálogo com Abraão. Primeiro, ele começa com um comando: “Mande Lázaro para me dar água” (Lucas 16:24). O homem rico e caído, mesmo queimado no inferno, acha que ele merece ser servido por outros. Mesmo em julgamento, ele ignora ser julgado. Ele permanece tão arrogante quanto a pensar que mesmo Abraão deveria obedecer aos seus comandos. Ele assume a imposição de sua própria vontade em lugar da vontade dos patriarcas e de Deus. Como é habitual com os escribas e os fariseus, eles procuram colocar cargas nas costas dos outros para que eles mesmos possam ser ajudados (confira Lucas 11:46).

Abraão recusa o pedido por dois motivos:

1) cada um deles (Lázaro e o homem rico) agora era exatamente como deveria [ser]. O julgamento havia chegado para cada um, e o julgamento era que Deus já exaltava os humildes e desprezava os orgulhosos. Lázaro no seio de Abraão e o homem rico em tormento foi um resultado perfeitamente justo. Além disso;

2) houve um grande abismo fixado entre as duas partes sobre as quais nenhum pode passar (verso 26).

O ponto aqui é claro: o julgamento é definitivo. A aplicação também é clara: Israel teve sua chance enquanto Jesus estava lá, mas uma vez que o julgamento veio, não haveria volta. O julgamento é definitivo e irreversível.

O homem rico, no entanto, não está pronto. Ele faz um segundo pedido, desta vez menos comandante, mas mais desesperado: “Mande Lázaro de volta para avisar meus cinco irmãos” (versos 27-28). Ele ainda pensa que Lázaro deve servir aos seus interesses, mas pelo menos ele agora está preocupado com os outros além de si mesmo. No entanto, Abraão rejeita esse pedido também. Não há necessidade de enviar Lázaro, os irmãos dos ricos (os judeus) já têm o melhor testemunho que pode ser dado: “Eles têm Moisés e os Profetas; deixe-os ouvi-los” (verso 29). A resposta é uma mini lição em si mesma: os judeus foram encarregados dos oráculos de Deus, e ainda assim os ignoraram e continuariam a ignorá-los para sua própria destruição. O próprio rico os conhecia e os ignorou. Era a maior acusação que os fariseus e, de fato, todos os israelitas podiam receber: que eles mantinham a Palavra de Deus em suas mãos, ouviam pregar nas suas sinagogas, olhavam a Palavra encarnada na face, ouviram-no ensinar nas ruas, comeram e bebiam com Ele (Lucas 13:26), e ainda assim nunca deram ouvidos, e nunca o receberam.

Na incredulidade, os fariseus - o homem rico - não acreditavam nisso. Eles exigiram algo mais do que a Palavra. A Palavra sozinha não era suficientemente poderosa para ensinar-lhes a verdade por vir, para adverti-los da ira que virá. “E ele disse: Não, pai Abraão, mas se alguém for da morte, eles se arrependem” (Lucas 19:30-31). Assim como os

fariseus e as multidões já haviam exigido um sinal de Jesus, o rico exigiu um milagre (Mateus 12:38-39; Lucas 11:16, 29-30). Os fariseus não podiam ter perdido as referências claras a si mesmos durante toda essa parábola. Aqui, Jesus retrata sua incredulidade da Lei - Palavra de Deus com ironia magistral: esses fariseus que se consideram o mais alto exemplo dos filhos de Abraão na terra estão aqui colocados no inferno, argumentando com o pai Abraão sobre o poder da Lei. A linha do impacto, é claro, é que eles estavam se opondo a Abraão o tempo todo (João 8:33-47). Abraão termina a discussão afirmando a suficiência da Escritura: “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”. (Lucas 19:31).

O significado geral é claro: os fariseus ignoraram totalmente a Lei de Deus e seriam julgados de acordo [com ela]. Na verdade, Israel ignorou os oráculos pelos quais foi confiado. Jesus veio - o Reino havia chegado - e Ele estava reunindo entre eles os remanescentes dos eleitos, inclusive os pecadores mais baixos entre eles. Estes Lázarus seriam os salvos; os pais cobiçosos e infiéis seriam condenados. Assim, Jesus não se preocupou em se misturar entre os pecadores e cobradores de impostos, nem ensinar seus discípulos a fazerem amizade com eles também.

Aplicações espirituais

Há lições espirituais duradouras aqui dignas de menção; eles dizem respeito à natureza humana caída: primeiro, tendemos a ignorar nossos deveres e oportunidades óbvias para a caridade nesta vida (versos 20-21). Em segundo lugar, os homens caídos clamam pela misericórdia após o julgamento; por isso, vemos que o homem caído pensa que ele merece piedade mesmo depois de ter sido julgado (verso 24). Aprendemos que, após o julgamento, é tarde demais, e Deus não concederá mais a misericórdia aos injustos (versos 25-26). Em terceiro lugar, mesmo em pedir misericórdia, os pecadores queimados no inferno pensam que devem ser atendidos por outras pessoas (verso 24).

Em quarto lugar, mesmo quando repreendidos por seus autoenganos, eles ainda pensam que outras pessoas devem servir seus interesses de alguma forma (verso 27). Em quinto lugar, os pecadores que caíram no inferno rapidamente desenvolvem um interesse pela evangelização (versos 27-28). Sexto, o homem caído pensa erroneamente que demonstrações de poder ou milagres converterão as almas dos homens (verso 30). Sétimo, quando o homem caído finalmente esgotou seus próprios dispositivos, ele descobre que ele nunca considerou a Palavra de Deus (versos 28-30) que estava bem na sua frente o tempo todo. Ele também descobriu que os cães eram mais misericordiosos do que ele (verso 21).

Notas:

1. Há uma discussão considerável nos comentários (este é um dos poucos lugares em que verifiquei os comentários) sobre a natureza desse corte de dívidas. Três posições gerais aparecem: 1) o administrador estava causando uma perda a seu mestre a cada corte (por que não, o rapaz acabara de demiti-lo); 2) o administrador tinha sobrecarregado os devedores para começar e estava embolsando a diferença; a redução apenas devolveu a dívida para onde ela deveria estar (embora os devedores não soubessem disso); ou 3) o rico cobrava juros contrários à lei de Moisés; a redução do administrador representava o corte de dívidas para uma taxa sem juros; isso significava que os devedores ficaram felizes e, no entanto, o mestre não podia processar judicialmente o gerente porque ele teria que admitir sua própria infração à Lei de Moisés a fim de fazê-lo. Assim, o administrador foi realmente inteligente. É impossível saber qual deles está correto, pois nenhum aparece diretamente da exegese. Em cada caso, temos que especular ou generalizar com base no que conhecemos das práticas de negócios de fontes extra-bíblicas. O significado principal da parábola, no entanto, deve surgir da pura exegese, senão ela é inútil para o leitor comum. No final, a questão da parábola não é por que o gerente é injusto, ou exatamente como ele reduz a dívida, mas sim o fato de que ele é capaz de fazer amigos que o receberão no futuro. Ele é capaz de transformar uma perspectiva perdida em uma situação vencedora, no contexto particular que ele enfrenta. Como isso é dito aos discípulos, essa situação deve ter sido aplicada a eles em seu contexto.
2. O KJV [King James Version] se lê “quando você falhar”, mas isso é quase certamente incorreto. Em primeiro lugar, não havia na época os melhores e mais

antigos manuscritos que claramente se lia “falhar”. Isso é bem conhecido agora e corrigido na maioria das traduções modernas. Segundo, “você” faz menos sentido no contexto: os amigos estão lá para receber os discípulos não porque os próprios discípulos fracassariam, mas porque a estrutura socioeconômica normal da qual eles dependiam todas as suas vidas estava prestes a falhar.

9

Fé e fidelidade

(Lucas 17:1-10)

Imediatamente após a interrupção dos fariseus, Jesus volta para continuar a Sua discussão com os discípulos. Devemos notar, então, que Lucas 17:1-10 pertence à mesma cena que começou todo o caminho de volta em Lucas 15:1. Lá, Jesus começou a lidar com a crítica dos fariseus a Ele por andar com os pecadores, e Ele fala sobre as três parábolas das coisas perdidas; Ele se volta em particular para os discípulos com a parábola do administrador injusto, mas é interrompido pelos fariseus zombando dEle em Lucas 16:14. Então, Ele os condena novamente com ambos os ensinamentos diretos e com a parábola do homem rico e Lázaro. Então, finalmente, Ele se volta para os discípulos em Lucas 17:1 com a oportunidade de terminar o que Ele havia dito em Lucas 16:13.

Você pode notar agora que em grande parte pulamos mais de Lucas 16:10-13 quando chegamos lá antes. Nós o fizemos porque o assunto se conecta corretamente com o que se segue aqui em Lucas 17:1-10. Ele também se conecta com o tema geral desta cena de Lucas 15:1, que trata de uma justificação de Jesus e Seus discípulos ministrando entre os pecadores e cobradores de impostos. Mas era importante lidar primeiro com a interrupção dos fariseus e, em seguida, tratar essas duas seções como um único contexto.

Fidelidade e Tropeços

Nenhum homem pode servir dois senhores

(Lucas 16:10-13)

Jesus continua após a parábola do administrador injusto com os seguintes incentivos para a fidelidade:

“Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito, e quem é desonesto no pouco, também é desonesto no muito.

Assim, se vocês não forem dignos de confiança em lidar com as riquezas deste mundo ímpio, quem lhes confiará as verdadeiras riquezas?

E se vocês não forem dignos de confiança em relação ao que é dos outros, quem lhes dará o que é de vocês?

“Nenhum servo pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará ao outro, ou se dedicará a um e desprezará ao outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro”.

(Lucas 16:10-13)

Acabamos de aprender como compreender corretamente a parábola do administrador injusto. Ele orientou os discípulos a prepararem-se em breve para a tensão econômica e a falta de moradia. Eles deveriam achar benéfico ter muitos amigos entre os pecadores, pagãos, etc., apesar da zombaria dos fariseus. Agora, Jesus repete a ideia central em um ensino didático claro. A questão era a fidelidade diante das perdas econômicas que se aproximavam. Muitas pessoas afirmam ser crentes fiéis até que as obrigações do Reino impactem suas contas bancárias. Vimos Jesus cobrir exatamente o mesmo problema em sessões didáticas anteriores (Lucas 12:22-34; 49-53) nas parábolas (Lucas 12:35-48). Aqui, Ele novamente lembra os discípulos do julgamento iminente, a necessidade de reduzir as perdas e sair rapidamente quando chegar o momento, e esse sacrifício econômico era uma questão de

fidelidade final ao Reino de Deus. Os discípulos podiam realmente “buscar primeiro o reino de Deus”? Eles devem aprender que a própria distinção do remanescente eleito seria que, não importa o custo, eles serviriam apenas o verdadeiro Mestre. Eles não cederam ao amor do status social ou da riqueza como fizeram os fariseus.

Obstáculos à fidelidade (Lucas 17:1-5)

Após a interrupção dos fariseus, Jesus continua com os discípulos. Ele adapta seu ensinamento aos custos do discipulado e da fidelidade mais precisamente ao que acabara de acontecer. Toda essa cena tinha sido estimulada por críticas dos fariseus, então Jesus se volta para inocular seus discípulos ainda mais contra a poderosa influência social dessa seita governante da sinagoga (uma influência que provavelmente não poderíamos superestimar). Eles acabaram de testemunhar Jesus lidando com desprezo e zombaria dos líderes leigos mais poderosos que também permearam a terra de Israel. Os discípulos estarão preparados para enfrentar essas forças irrisórias e penetrantes? Jesus ensinou, e disse aos Seus discípulos:

“Jesus disse aos seus discípulos: “É inevitável que aconteçam coisas que levem o povo a tropeçar, mas ai da pessoa por meio de quem elas acontecem.

Seria melhor que ela fosse lançada no mar com uma pedra de moinho amarrada no pescoço, do que levar um desses pequeninos a pecar.

Tomem cuidado. “Se o seu irmão pecar, repreenda-o e, se ele se arrepender, perdoe-lhe.

Se pecar contra você sete vezes no dia, e sete vezes voltar a você e disser: ‘Estou arrependido’, perdoe-lhe”.

(Lucas 17:1-4)

A KJV [King James Version] traduz a frase “coisas que levem o povo a tropeçar” como “ofensas”. A NAS [New American Standard] usa “obstáculos”. A ESV [English Standard Version] é mais equivalente ao inglês moderno, mas a NAS está certamente mais próxima da tradição teológica bíblica. A palavra grega *skandala* (da qual recebemos a nossa palavra em português “escândalo”) refere-se a um conjunto de armadilhas para se cair - uma ocasião para cair ou tropeçar. Assim, a ideia aparece em Levítico 19:14: “Não amaldiçoarás os surdos nem colocará uma pedra de tropeção perante os cegos, mas temerás o teu Deus; eu sou o Senhor”. Parece mais famoso em Isaías 8:13-15 (embora não seja refletido na Septuaginta grega, apenas no hebraico original):

“Ao Senhor dos Exércitos é que vocês devem considerar santo, a ele é que vocês devem temer, dele é que vocês devem ter pavor.

Para os dois reinos de Israel ele será um santuário, mas também uma pedra de tropeço, uma rocha que faz cair. E para os habitantes de Jerusalém ele será uma armadilha e um laço.

Muitos deles tropeçarão, cairão e serão despedaçados, presos no laço e capturados”.

Jesus irá diretamente para esta passagem em uma interação posterior com todo o povo como Ele ensinava no próprio Templo de Jerusalém. Depois de uma parábola sobre o dono da vinha (em que, como veremos, é claro que Israel mataria o Filho de Deus e perderia o Reino por causa disso), o povo respondeu: “Que isso nunca aconteça!” (Lucas 20:16). Jesus respondeu citando o Salmo 118:22 e Isaías 8:15:

“Jesus olhou fixamente para eles e perguntou: “Então, qual é o significado do que está escrito? ‘A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular’.

Todo o que cair sobre esta pedra será despedaçado, e aquele sobre quem ela cair será reduzido a pó”.

(Lucas 20:17-18)

Na verdade, a profecia de Isaías tinha estado no primeiro plano do ministério de Jesus desde o dia da Sua circuncisão. O velho Simeão, inspirado pelo Espírito Santo, tomou a criança em seus braços e disse:

“Ó Soberano, como prometeste, agora podes despedir em paz o teu servo.

Pois os meus olhos já viram a tua salvação, que preparaste à vista de todos os povos: luz para revelação aos gentios e para a glória de Israel, teu povo”.

O pai e a mãe do menino estavam admirados com o que fora dito a respeito dele.

E Simeão os abençoou e disse a Maria, mãe de Jesus: “Este menino está destinado a causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição...”.

(Lucas 2:29-34)

O ensino posterior de Paulo confirma tudo o que dissemos neste contexto. Em Romanos 9:30-33 ele escreveu:

“Que diremos, então? Os gentios, que não buscavam justiça, a obtiveram, uma justiça que vem da fé; mas Israel, que buscava uma lei que trouxesse justiça, não a alcançou.

Por que não? Porque não a buscava pela fé, mas como se fosse por obras. Eles tropeçaram na “pedra de tropeço”.

Como está escrito: “Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e uma rocha que faz cair; e aquele que nela confia jamais será envergonhado”.

Assim, os pecadores e cobradores de impostos - de fato os gentios - recebem o Reino enquanto os judeus o perdem. E as questões decisivas são a fé e a fidelidade. Este é um cumprimento da profecia de Isaías, que, nos diz Isaías, pertence às duas casas de Israel (Isaías 8:14). Este tema de Jesus como pedra de tropeço (*skandalon*), especialmente para os judeus, aparece em outros lugares nos escritos de Paulo (1ª Coríntios 1:23; Gálatas 5:11). Aparece em outros lugares nos Evangelhos

também. Mesmo os discípulos originalmente tropeçaram contra a ofensa da cruz, assim como Jesus previu (Mateus 26:31). No entanto, no discurso do espaço superior (João 14-16), Jesus também os preparou com um profundo ensinamento sobre o Espírito Santo, Sua relação com a Vinha Verdadeira e o novo mandamento de amar uns aos outros, apesar da perseguição em breve para suportar. Ele então diz-lhes claramente:

“Tenho-lhes dito tudo isso para que vocês não venham a tropeçar. [no grego] *hina me skandalisthete* - literalmente ‘para que você não seja escandalizado/forçado a tropeçar’]

Vocês serão expulsos das sinagogas; de fato, virá o tempo quando quem os matar pensará que está prestando culto a Deus.

(João 16:1-2)

Talvez o exemplo de escândalo mais relevante para a mensagem escatológica do processo de Jesus contra Israel, aparece na parábola do joio e do trigo anteriormente considerada (Mateus 13:24-30, 36-43). Quando Jesus explica a parábola aos Seus discípulos, Ele diz: “O Filho do Homem enviará seus anjos, e eles juntarão do seu reino todas as causas do pecado [*skandalala*] e todos os que violam a lei” (Mateus 13:41). Este seria o grande julgamento de Jerusalém, quando todos aqueles que haviam tropeçado na pedra de tropeço do Messias seriam destruídos.

Portanto, é claro que a ideia de tropeçar desempenhou um papel significativo na mensagem de Jesus. Os obstáculos seriam inevitáveis devido à natureza polarizadora do próximo julgamento e transferência do Reino. Ou você estava com Jesus ou contra Ele. Permanecer com Ele era necessário, mas chegaria a enormes custos a curto prazo, e as pressões para ceder (tropeçar, pecar) seriam numerosas e poderosas. É por isso que Jesus reiterou a situação no contexto da parábola do administrador injusto (sacrifícios monetários vindouros) e fidelidade ao verdadeiro Mestre.

Os discípulos entendem claramente esta mensagem e os grandes custos exigidos. Então eles respondem: “Aumente a nossa fé” (Lucas 17:5). Se lemos esses poucos versículos por si mesmos, essa resposta

não parece exatamente a mais intuitiva. Mas faz todo o sentido à luz do contexto maior. Esses rapazes ainda estavam pendurados nas palavras de Jesus antes da interrupção dos fariseus. Eles entenderam que os obstáculos que seriam colocados diante deles seriam tremendos. Então eles desejavam mais fé.

Fé e fidelidade (Lucas 17:6-10)

Jesus assegura-lhes o poder de até um pouquinho de fé: “Ele respondeu: “Se vocês tiverem fé do tamanho de uma semente de mostarda, poderão dizer a esta amoreira: ‘Arranque-se e plante-se no mar’, e ela lhes obedecerá” (Lucas 17:6). Claro que a hipérbole traz o ponto para casa: mesmo uma minúscula fé pode realizar feitos aparentemente impossíveis. Mas a imagem aqui é interessante em suas alusões à ideia de algo que parece estar permanentemente fixado sendo movido. Mais uma vez, nunca devemos ler demais os detalhes de uma parábola, mas essa especulação é interessante. O Reino que os judeus pensavam estar fixado para sempre em Jerusalém estava prestes a ser arrancado pela raiz e transplantado no mar. O mar é uma referência clássica a todos os povos e línguas das nações dos gentios (Isaías 11:9; 60:5; Habacuque 2:14). Nós revelamos que a Grande Meretriz “se senta em” tais “águas” (Apocalipse 17:15), e cometeu a fornicção com todas estas nações (Apocalipse 18:3), e de fato a feiticeira os enganou a todos (Apocalipse 18:23). Mas Jesus os feriria com uma vara de ferro (Apocalipse 19:15), amarraria a serpente para que essas nações não pudessem ser mais enganadas (Apocalipse 20:3), e que os desenfeitizados (salvos) caminhariam na luz da Nova Jerusalém (Apocalipse 21:24-26). É verdade que o Reino estava prestes a ser transplantado, e seria removido de Jerusalém e dado aos eleitos remanescentes de Israel e aos gentios. Esta multidão redimida compõe o mar de vidro diante do trono de Deus (Apocalipse 4:6; 15:2).

Mas a fé em si deve sempre dar frutos em obediência e coragem. A fé sempre deve se manifestar como fidelidade. Isto parecerá como obediência e como humildade. Jesus também pressiona este ponto sobre os discípulos:

“Qual de vocês que, tendo um servo que esteja arando ou cuidando das ovelhas, lhe dirá, quando ele chegar do campo: ‘Venha agora e sente-se para comer?’

Pelo contrário, não dirá: ‘Prepare o meu jantar, apronte-se e sirva-me enquanto como e bebo; depois disso você pode comer e beber?’

Será que ele agradecerá ao servo por ter feito o que lhe foi ordenado?

Assim também vocês, quando tiverem feito tudo o que lhes for ordenado, devem dizer: ‘Somos servos inúteis; apenas cumprimos o nosso dever’”.

(Lucas 17:7-10)

Jesus espera que Seus discípulos permaneçam fiéis através de todas as tribulações e obstáculos que enfrentariam, e uma vez que emergem do outro lado dessas bênçãos, eles devem tomar cuidado para nunca cair na maior armadilha religiosa de todos - o farisaísmo da auto-garantia que diz: *agora merecemos status, riqueza, bênção, descanso, etc.* Não, os discípulos devem permanecer no modo de trabalho, atendendo o seu Mestre; e mesmo quando podem olhar para trás as maiores conquistas de qualquer geração, devem permanecer humildes: não merecemos nada; somos pecadores perdoados, devedores à graça de Deus; nós apenas fizemos o que deveríamos fazer.

Essas últimas palavras desta cena amarram o contexto novamente à parábola do administrador injusto. “Dever” é do grego *opheilomen* que também é usado na parábola (Lucas 16:5, 7) e em outros lugares como uma referência aos devedores e as dívidas que eles devem. É claro que Jesus ainda está falando de fidelidade como era quando terminou essa parábola e que os discípulos devem aprender a ver que o seu verdadeiro endividamento era para com o seu verdadeiro Mestre.

10

O restante fiel (Lucas 17:11-18:43)

Lucas 17:11 descreve uma mudança de cenário. A cena anterior se vê Jesus se defender contra os fariseus sobre a questão de se fazer amizade com os injustos. Ele também inculcou essa defesa em Seus discípulos e exortou-os a permanecer fiéis apesar da poderosa influência do desprezo farisaico. Tudo isso, de Lucas 15:1 a 17:10, relacionou-se diretamente com o processo de Jesus contra o Israel incrédulo: haveria uma divisão entre os remanescentes fiéis e os líderes rebeldes, e o processo de reunião se tornaria uma guerra intensa dos rebeldes contra os santos. A seção que se segue contém principalmente uma defesa do remanescente contra os rebeldes: uma confirmação do remanescente, descrições da natureza do remanescente, uma garantia de perseverança e bênção por vir, uma nota sobre a natureza da eleição como o trabalho de Deus somente, e um exemplo vivo de tudo isso na cura do cego Bartimeu.

Louvor e Perseverança **O leproso remanescente** **(Lucas 17:11-19)**

A cena abre com um episódio de cura que age como uma parábola em si. Quando Jesus atravessou uma determinada aldeia, 10 leprosos ficaram longe (de acordo com a Lei, Levítico 13:46) e clamaram por Ele por misericórdia. Ele não disse nada explicitamente sobre eles serem curados, mas ordenou que eles se mostrem ao sacerdote (também de acordo com a Lei, Levítico 13:2). Eles não questionaram Seu método, mas seguiram Seu tipo de comando. E, quando foram, ficaram limpos de sua lepra. Um dos 10 imediatamente voltou-se para Jesus e começou a louvar a Deus e a agradecer a Jesus. Aconteceu que esse único homem agradecido era um samaritano. A resposta de Jesus é interessante:

“Então Jesus respondeu: Não foram dez limpos? Onde estão os nove? Ninguém encontrou retornar e louvar a Deus, exceto este estrangeiro? E ele disse a ele: Levante-se e siga o seu caminho; sua fé o fez bem”.

(Lucas 17:17-19)

A ideia mais importante aqui ilustrada é a do remanescente fiel. Somente a pequena minoria realmente retornou para dar glória a Deus. O resto recebeu sua bênção e partiu para fazer quem sabe o que com isso. Claro, eles aderiram ao comando externo de Jesus, mas assim como os escribas e os fariseus obedeciam aos “jotas” e os “tiles”, mas negligenciavam os assuntos mais importantes da Lei - justiça e amor, etc. - então estes negligenciaram atender o dever mais importante de fidelidade e graça ao seu verdadeiro Mestre, o verdadeiro Sumo Sacerdote. No final, apenas o remanescente provou ser o eleito fiel. Muitos foram chamados, mas apenas esse remanescente foi escolhido. Este episódio também repete alguns temas abordados anteriormente: primeiro, o dos eleitos provenientes daqueles que os fariseus (e a maioria dos judeus) teriam considerado inalcançáveis: os pecadores, os cobradores de impostos, os samaritanos. Os líderes ignoraram o amor de Deus e, assim, nunca poderiam ter visto o verdadeiro amado entre o remanescente dos fiéis. Em segundo lugar, note a ênfase na fé. O samaritano limpo foi elogiado por sua fé (verso 19). Esta é a marca dos

verdadeiros eleitos, independentemente da classe social de onde eles vierem. Em terceiro lugar, sua fé o levou a expressão de fidelidade. Jesus tinha apenas anteriormente enfatizado isso com os discípulos (Lucas 16:10-13; 17:1-10). Agora, essa cura forneceu um exemplo da vida real.

Reino Invisível, Visitação Visível (Lucas 17:20-37)

A próxima seção começa com uma breve troca com os fariseus, e segue com uma explicação particular para os discípulos. Os fariseus exigem que Jesus fale claramente sobre o Reino:

“Certa vez, tendo sido interrogado pelos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus, Jesus respondeu: "O Reino de Deus não vem de modo visível, nem se dirá: 'Aqui está ele', ou 'Lá está'; porque o Reino de Deus está entre vocês”.

(Lucas 17:20-21)

A questão mostra que os fariseus entenderam que Jesus estava pregando sobre algo iminente para eles. As interações de Jesus com eles até este ponto indicaram uma grande mudança, uma ótima divisão, um julgamento que vem. Ele até mesmo repreendeu o povo explicitamente antes por não discernir os tempos (Lucas 12:54-59), Ele pregava parábolas sobre o Reino (Lucas 13:18-21), e Ele havia avisado a todos sobre serem trancados [para fora] do Reino enquanto outros tinham entrado (Lucas 13:28-29). Ele, de fato, acabou de repreender um grupo de fariseus por não discernir a natureza do Reino que havia sido pregada desde João Batista (Lucas 16:16-17). Então, eles certamente estavam no assunto correto.

Mas, como muito do que fizeram em relação a Jesus, provaram que eles perderam o ponto de Seu ensinamento. O Reino de Deus tinha sido pregado desde João, não porque ainda estivesse por vir, mas porque Ele estava aqui agora. Houve um grande evento importante no

horizonte próximo, verdadeiro, mas essa não foi a vinda do Reino. Jesus deixou claro muito mais cedo nesta jornada que com Ele o Reino havia chegado de fato: “Mas se for pelo dedo de Deus que expulso demônios, o Reino de Deus veio sobre vocês” (Lucas 11:20). Agora, lembra novamente os fariseus desta realidade: “o reino de Deus está no meio de vocês” (Lucas 17:21). Mas Ele não corrige seu mal entendimento sobre o que eles poderiam controlar, eles poderiam observar, e que viria sobre eles externamente no futuro próximo - a destruição de Jerusalém. Por este aviso, Ele se volta novamente para os discípulos (Lucas 17:22). Por quê? Porque os fariseus estavam muito cegos para vê-Lo; eles permaneceriam em sua cegueira e cairiam em julgamento. A retenção de informações por parte de Jesus volta a toda a ideia de falar em parábolas: os não eleitos não tinham permissão para entender porque não quiseram receber o claro testemunho da verdade (Lucas 8:9-10, 18). Foram nomeados para destruição (Judas 4).

Então a vinda do Reino era invisível para os fariseus. Ele ficou de pé diante de seus olhos, e eles exigiram que Ele lhes dissesse quando chegaria. Agora, isso é cegueira. É exatamente como Pilatos olhando para Jesus - a Verdade Encarnada – e face a face perguntando: “O que é a verdade?” (João 18:38). O Israel incrédulo era culpado de uma profunda incredulidade como Roma ou qualquer outra nação pagã, se não mais.

Mas os discípulos recebem instruções especiais quanto à natureza do julgamento visível. Muitos estarão à procura de Cristo depois que o Cristo se foi (assim haveria muitos falsos cristos nesse período provisório, Mateus 24:5; Lucas 21:8), e de todas as pessoas que tiveram um grande interesse em Sua chegada, os discípulos estariam muito ansiosos, pois estariam entre os poucos que sabiam com certeza que Ele estava voltando em suas vidas. Então, Jesus assegura-se de isolá-los contra os falsos cristos. Ele faz isso ensinando-os sobre a verdadeira natureza da próxima destruição sobre a qual ele pregava:

“Depois disse aos seus discípulos: “Chegará o tempo em que vocês desejarão ver um dos dias do Filho do homem, mas não verão.

Dirão a vocês: ‘Lá está ele!’ ou ‘Aqui está!’ Não se apressem em segui-los.

Pois o Filho do homem no seu dia será como o relâmpago cujo brilho vai de uma extremidade à outra do céu.

Mas antes é necessário que ele sofra muito e seja rejeitado por esta geração.

“Assim como foi nos dias de Noé, também será nos dias do Filho do homem.

O povo vivia comendo, bebendo, casando-se e sendo dado em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca. Então veio o dilúvio e os destruiu a todos.

“Aconteceu a mesma coisa nos dias de Ló. O povo estava comendo e bebendo, comprando e vendendo, plantando e construindo.

Mas no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu fogo e enxofre do céu e os destruiu a todos.

“Acontecerá exatamente assim no dia em que o Filho do homem for revelado.

Naquele dia, quem estiver no telhado de sua casa, não deve desça para apanhar os seus bens dentro de casa. Semelhantemente, quem estiver no campo, não deve voltar atrás por coisa alguma.

Lembrem-se da mulher de Ló!

Quem tentar conservar a sua vida a perderá, e quem perder a sua vida a preservará.

Eu lhes digo: naquela noite duas pessoas estarão numa cama; uma será tirada e a outra deixada.

Duas mulheres estarão moendo trigo juntas; uma será tirada e a outra deixada.

Duas pessoas estarão no campo; uma será tirada e a outra deixada”.

“Onde, Senhor?”, perguntaram eles. Ele respondeu: “Onde houver um cadáver, ali se ajuntarão os abutres”.

(Lucas 17:22-37)

Já discutimos uma parte desta passagem em relação ao motivo do êxodo com Noé e Ló. Estes eram homens prevenidos que estavam preparados para um julgamento que iria chegar e saíram quando chegou a hora. Os outros foram todos surpreendidos por um enorme julgamento cataclísmico. Aqui, Jesus considera oportuno dar aos seus

discípulos esse aviso, mas não às multidões ou aos fariseus. Isso era um aviso para o restante eleito, só que eles iriam conseguir sair.

A lição é necessária porque a pressão para seguir falsos Cristos seria esmagadora. Jesus, mais tarde, disse que esses falsos profetas seriam tão persuasivos que, se fosse possível, enganariam até os eleitos (Mateus 24:24). O restante eleito, em outras palavras, precisaria de um foco especial no verdadeiro Cristo, um aviso especial, e aqui o receberam. “Eis que eu te avisei antecipadamente” (Mateus 24:25). Depois disso, Jesus procederá imediatamente a uma parábola sobre as orações focalizadas dos eleitos, como veremos.

Além desta lição que já abordamos anteriormente, é importante notar a predição de Jesus: “Mas primeiro deve sofrer muitas coisas e ser rejeitado por esta geração” (Lucas 17:25). Este versículo terá uma grande importância mais tarde, quando ouviremos que Jesus se refere novamente a “esta geração”. Para aqueles que são tentados a argumentar que “esta geração” se refere a algo diferente da geração a quem Jesus estava falando - algo mais geral ou mais futuro - o contexto aqui em Lucas 17:25 deixa claro que a “geração” de Jesus seria a mesma geração que o rejeitou e o matou.

A principal lição aqui, no entanto, é para os discípulos: o dia do Filho do Homem não exigirá observação forçada ou conhecimento secreto de Seu paradeiro. Em vez disso, seria visível e claro para todos como um raio que atravessa o céu. A chave era que os discípulos estariam preparados para isso, mas o Israel incrédulo não estaria; pois o remanescente já conhecia o Reino oculto que havia vindo entre eles, e assim estarão preparados para o grande revelador no julgamento. Para os fariseus, o Reino era invisível, e eles ainda estariam procurando por ele quando o grande juízo lhes surgisse.

A Parábola da Viúva Perseverante (Lucas 18:1-8)

Jesus continua a sua lição particular para Seus discípulos com a parábola da viúva importunada:

“Então Jesus contou aos seus discípulos uma parábola, para mostrar-lhes que eles deviam orar sempre e nunca desanimar.

Ele disse: “Em certa cidade havia um juiz que não temia a Deus nem se importava com os homens.

E havia naquela cidade uma viúva que se dirigia continuamente a ele, suplicando-lhe: ‘Faze-me justiça contra o meu adversário’.

“Por algum tempo ele se recusou. Mas finalmente disse a si mesmo: ‘Embora eu não tema a Deus e nem me importe com os homens, esta viúva está me aborrecendo; vou fazer-lhe justiça para que ela não venha me importunar’”.

E o Senhor continuou: “Ouçam o que diz o juiz injusto.

Acaso Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite? Continuará fazendo-os esperar?

Eu lhes digo: ele lhes fará justiça, e depressa. Contudo, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?”

(Lucas 18:1-8)

Considerando que os discípulos entrarão em uma panela de pressão nas próximas décadas, qual seria o principal remédio para mantê-los focados na fidelidade remanescente? Jesus prescreve uma oração constante. A parábola argumenta do menor para o maior: se mesmo um juiz injusto responderá aos fervorosos pedidos de um cidadão [comum] devido ao aborrecimento, quanto mais Deus - o Juiz Justo - dará justiça aos Seus eleitos quando orarem constantemente? Na verdade, Ele irá, e Ele fará tão rapidamente. Assim, a oração constante dos eleitos também é uma oração eficaz.

Há várias coisas dignas de aviso especial aqui. Primeiro, esta lição é novamente apenas para os discípulos - os eleitos. E isso é confirmado pela promessa da parábola de que Deus vingará [em favor de] “seus eleitos” (verso 7). Em segundo lugar, Deus os vingará rapidamente e sem demora. Na verdade, a vingança era entrar nas vidas dos discípulos, e assim todo esse aviso enfático é dado a eles. Em terceiro lugar, a questão da viúva e dos discípulos seria a justiça (vingança)

contra os inimigos (Lucas 18:3). Jesus não os havia advertido sobre os muitos tropeços que necessariamente viriam (Lucas 17:1-2)? Na verdade, nós descobrimos que os santos do primeiro século que haviam sido assassinados pelos judeus e outros, de fato, oravam constantemente no Céu para serem vingados (Apocalipse 6:10). A resposta de Deus a essa oração seria, portanto, o grande julgamento que Ele acabara de descrever (Lucas 17:26-37, veja também Apocalipse 11:18). Finalmente, a questão que define a questão seria fé: “quando o Filho do Homem vier, ele encontrará fé na terra?” (Lucas 18:8). Sim, é claro que sim. Este foi um encorajamento para os Seus discípulos para permanecerem em oração. Eles apenas pediram um aumento de fé (Lucas 17:5). Jesus mostra-lhes agora como fortalecê-los através dos tempos difíceis vindouros: oração constante, e que seja vingada.

A parábola do fariseu e do coletor de impostos (Lucas 18:9-14)

Da parábola imediatamente a seguir, podemos provavelmente inferir que os fariseus de Lucas 17:20 ainda estavam ao alcance do ouvido, talvez em uma multidão ao redor de Jesus. Depois que Ele terminou de instruir os discípulos, Jesus fala a um grupo sem nome “que confiava em si mesmos que eram justos e que tratava os outros com desprezo” (Lucas 18:9-14). Já vimos o personagem dos fariseus expostos mais de uma vez, e essa descrição se encaixa bem. Jesus disse:

“Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro, publicano.

O fariseu, em pé, orava no íntimo: ‘Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano.

Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho’.

“Mas o publicano ficou à distância. Ele nem ousava olhar para o céu, mas batendo no peito, dizia: ‘Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador’.

“Eu lhes digo que este homem, e não o outro, foi para casa justificado diante de Deus. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado”.

(Lucas 18:10-14)

Mais uma vez, vemos aqui o motivo de que os verdadeiros eleitos vêm de entre os injustos, os cobradores de impostos, etc. Novamente, temos aqui o lembrete de que o arrependimento humilde é a chave para entrar no Reino. O tema do cobrador de impostos e o verdadeiro arrependimento estão prestes a alcançar um clímax encarnado na pessoa de Zaqueu no futuro muito próximo (Lucas 19:1). Já vimos mais de uma referência até agora à auto justificação: o escriba em Lucas 10:25 recebeu a parábola do Bom Samaritano em troca; os fariseus em Lucas 16:15 levaram o opróbrio do hades na parábola do homem rico e Lázaro por seus intrómetidos; e aqui um grupo sem nome obtém a lição abertamente. Nada de que possamos fingir se gabar antes de Deus ajudará a justificar-nos. Israel deve se arrepender verdadeiramente. E em nossa exaltação (eleição) nunca somos ativos, apenas passivos: o que se humilha será exaltado (Lucas 18:14).

Na verdade, esta passividade é em si mesma uma marca daqueles [que entram] no Reino. Assim como um pequeno filho é trazido a Cristo, tal é o Reino de Deus:

“O povo também estava trazendo criancinhas para que Jesus tocasse nelas. Ao verem isto, os discípulos repreendiam os que as tinham trazido.

Mas Jesus chamou a si as crianças e disse: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas.

Digo-lhes a verdade: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nunca entrará nele”.

(Lucas 18:15-17)

Lucas deixa claro que estes eram bebês (*brephe*, [no grego]), não apenas crianças, e que foram trazidos passivamente para Ele. Devemos assumir que, mesmo que sejam bebês, eles foram literalmente levados a Ele. Isso é importante no contexto. A compreensão usual, eu suspeito, conserva alguma validade: que uma criança tem uma certa fé sem dúvida e que a chave para a passagem é que devemos ter fé de todo coração para entrar no Reino. Mas Jesus havia dito recentemente que apenas uma [fé] minúscula [como uma] semente de mostarda poderia fazer maravilhas (Lucas 17:6). E quem no mundo entraria [no Reino] se o padrão fosse uma fé sincera? Não, acho que a ênfase aqui é sobre a passividade e a impotência das crianças que estão sendo levados a Ele. De tal é o Reino de Deus: assim como o cobrador de impostos que acabamos de ver, declara sua total indignidade, além da iniciativa de Deus, de perdoar, de modo que todos os que entrariam no Reino serão absolutamente impotentes, além da eleição e do sustento de Deus. Aquele que se humilha deve ser exaltado.

O alto custo do discipulado (novamente) (Lucas 18:18-34)

A continuação desta narrativa traz uma cena familiar: um proeminente jovem questiona Jesus sobre os requisitos para a vida eterna. Vimos um discurso quase idêntico em Lucas 10:25-28, quando Cristo foi abordado por um escriba. Aqui há uma “certa medida”:

“Certo homem importante lhe perguntou: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”

“Por que você me chama bom?”, respondeu Jesus. “Não há ninguém que seja bom, a não ser somente Deus.

Você conhece os mandamentos: ‘Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe’”.

“A tudo isso tenho obedecido desde a adolescência”, disse ele.

Ao ouvir isso, disse-lhe Jesus: “Falta-lhe ainda uma coisa. Venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois venha e siga-me”.

Ouvindo isso, ele ficou triste, porque era muito rico”.

(Lucas 18:18-23)

Aqui está outro excelente exemplo de um texto que muitas vezes foi abusado por não considerar o seu contexto que pré-anunciava o ano 70 d.C. Se isso fosse para expressar uma moral duradoura, então seríamos forçados a reconhecer que Jesus ensinava a pobreza perpétua. Afinal, Ele claramente disse a este homem que, além dos mandamentos, ele deveria vender todas as suas posses e dar aos pobres. Ele defendeu a pobreza perpétua como uma ética do Reino, ou Ele realmente não quis dizer o que Ele estava dizendo - uma conclusão inaceitável para qualquer crente da Bíblia. Ou, há a ótima e terceira opção: Jesus estava reiterando os custos do discipulado para aquela geração de crentes. Qualquer um que deseje escapar da destruição que vem sobre Jerusalém precisaria liquidar sua propriedade local. A distribuição entre os outros crentes também precisava ser apenas a coisa certa a fazer com o excesso de dinheiro. Como já discutimos mais de uma vez, isso é exatamente o que os primeiros crentes fizeram (Atos 2:45; 4:34-35). Especialmente para um homem rico que se orgulhava de seus bens perto de Jerusalém, seria inimaginável vender tudo por algo que ele não poderia dizer que definitivamente aconteceria (certamente não 40 anos antes de acontecer - tudo o que ele tinha que continuar [a ouvir] eram rumores baseados no testemunho de Jesus). No entanto, Jesus exigiu isso como o padrão da vida eterna - assim como Ele já havia instado os discípulos em diversas ocasiões para que não fossem apegados aos bens [materiais], mas para estarem preparados para sair da cidade em um momento de aviso prévio.

Isso seria muito mais fácil de fazer para alguém que estava ligado a muito poucos [bens]. Para um proprietário de terras muito rico que tinha apostado sua reputação social em seu status, isso seria um feito quase insuperável. De fato, seria impossível fora da graça de Deus mudar o coração. Este é o ponto de Cristo, e Ele se dirige para casa

com uma exclamação: “Quão difícil é para aqueles que têm riqueza entrar no reino de Deus! Pois é mais fácil para um camelo atravessar o olho de uma agulha do que para uma pessoa rica entrar no reino de Deus” (Lucas 18:24-25). Sua audiência percebeu que esse era um padrão impossível: “Então, quem pode ser salvo?” Mas Jesus lembrou-lhes dessa lição importante que Ele havia pregado durante em toda a Sua jornada: somente pela graça de Deus alguém é salvo, mas a todos a quem Deus dá a graça serão salvos, sejam ricos ou pobres. Em suma, apenas os eleitos sairão: “O que é impossível para os homens é possível com Deus” (Lucas 18:27).

Pedro faz questão de anunciar que ele e os outros discípulos aceitaram o alto padrão de que Jesus falou: “E Pedro disse: Veja, deixamos nossas casas e seguimos você” (Lucas 18:28). Talvez Pedro tenha pensado em fornecer um exemplo para o público duvidoso que, de fato, isso pode ser feito; ou talvez este seja apenas o bom e impetuoso Pedro. Seja qual for a motivação, isso mostra que Pedro entendeu que Jesus estava falando literalmente sobre vender tudo e segui-lo. Portanto, isso não pode certamente ter sido uma regra eterna para todos os cristãos em todos os lugares, mas apenas para aquela Igreja do primeiro século que enfrentou a destruição de Jerusalém, senão ainda devemos abraçar a pobreza perpétua por causa de Jesus. Além disso, seja qual for a motivação de Pedro, Jesus afirmou a autenticidade do sacrifício dos discípulos: “E ele disse-lhes: Em verdade, eu digo a vocês que não tem ninguém que tenha deixado casa ou esposa ou irmãos ou pais ou filhos, por causa do reino de Deus, que não receberá muitas vezes mais neste tempo, e na idade futura a vida eterna” (Lucas 18:29-30).

Duas coisas se destacam aqui em referência ao tempo: a primeira é a frase “neste tempo”, e a segunda, “na idade futura”. Também cobrimos o conceito de “desta vez” ou “o tempo presente” ao discutir a passagem da hipocrisia da previsão (Lucas 12:54-59). Da mesma forma, já abordamos a questão da “idade [ou era]” versus “a era vindoura” na nossa discussão da parábola do joio e do trigo (Mateus 13:24-30, 36-43). Os resultados de ambos os contextos que eu acredito são os mesmos aqui: Jesus estava repetindo a distinção entre a era do

Antigo Testamento (em que Ele e Sua audiência viviam, mas estavam chegando ao fim) e a era do Novo Testamento (que estava por vir no futuro para eles). Jesus estava assegurando a Pedro que aqueles discípulos que desistiram de tudo devido à grande divisão em suas vidas, de fato, seriam restaurados em suas posses já naquela geração, bem como na futura era do Novo Testamento. Isso liga de volta à necessidade de uma valiosa rede de amigos entre os chamados pecadores, reprovados pelos fariseus; assim, como na parábola do administrador injusto. Esses discípulos não ficariam desabrigados e sem nada.

Então, o que essa interação com o jovem rico se resume é a mesma lição que Jesus ensinou aos discípulos o tempo todo: somente o remanescente fiel teria fé e assim obedeceria Seus mandamentos. É por isso que Jesus repreendeu o jovem rico no início da história: “Por que você me chama de bom? Ninguém é bom senão Deus somente” (Lucas 18:19). Jesus certamente estava correto em Sua teologia (Êxodo 15:11; Deuteronômio 4:35), mas Ele assim realmente negou que Ele mesmo era bom? Isso dificilmente poderia ter sido a intenção de Jesus. Se isso fosse verdade, Ele teria negado a Sua própria divindade. Não, Jesus estava simplesmente preparando uma prova da fé para o jovem rico. Esse rapaz realmente acreditou em Jesus? Então, Jesus desafiaria suas palavras casuais na frente dele: Você me chama de bom? Você não sabe que ninguém é bom, senão Deus somente? Portanto, você percebe que está me chamando de Deus? Agora, enquanto isso pode ter sido verdade, Jesus estava forçando o rapaz a permanecer consistente com seu discurso. O homem acreditava na palavra de Jesus tanto quanto para vender tudo o que ele tinha? Parece que ele não fez isso. Ele nem conseguiu obedecer ao ensino claro e direto de Jesus. Esta foi a prova de que ele não aceitou Jesus como o Messias divino. Pelo seu fruto, ele provou que ele não fazia parte do remanescente fiel.

O persistente remanescente persevera (Lucas 18:31-43)

Jesus então chama os 12 discípulos juntos para uma mensagem especial. Eles eram a elite da elite dentre os discípulos dEle, que na época somavam pelo menos mais de 70 (Lucas 10:1-24). Então, esta mensagem destinava-se apenas ao núcleo do remanescente - os 12.

A mensagem era uma declaração clara da traição e da morte de Jesus em breve em Jerusalém. Ele não poderia ter dito isso de forma mais clara do que Ele disse:

“Veja, estamos subindo a Jerusalém, e tudo o que está escrito sobre o Filho do Homem pelos profetas será realizado. Pois ele será entregue aos gentios e será zombado e vergonhosamente tratado e cuspido. E depois de flagelá-lo, eles o matarão, e no terceiro dia ele se levantará”.

(Lucas 18:31-33)

De todas as pessoas que o seguiram, os mais próximos a Ele deveriam ter entendido o que Ele quis dizer. É inconcebível que eles não entendam pelo menos o significado do que Ele disse, mesmo que não pudessem aceitá-lo. Mas isso é o que a nós é dito que aconteceu: “Mas eles não entenderam nada dessas coisas. Esta frase estava escondida deles, e eles não compreenderam o que foi dito” (Lucas 18:34). Pelo menos, temos uma razão para a sua profunda falta de entendimento: “a frase estava escondida deles”. Eles - mesmo eles - ainda não receberam graça para receber o Evangelho de Jesus, julgamento e crucificação.

Então, por que, Jesus os chamou juntos para esta mensagem? Obviamente eles não estavam prontos para ouvi-la. Jesus sabia disso antes que Ele lhes dissesse. Ele estava apenas entregando a verdade a eles claramente para que eles se lembrassem depois do fato. Na verdade, nos dizem que este é o caso no relato de Lucas sobre o túmulo vazio (Lucas 24:5-8, veja também João 2:22). Mas esta declaração aberta de Jesus aqui serve a um segundo propósito. Uma cena quase idêntica já havia acontecido um tempo muito curto antes de toda essa

jornada em direção a Jerusalém (Lucas 9:51). Em Lucas 9:44-45 testemunhamos:

“Ouçam atentamente o que vou lhes dizer: o Filho do homem será traído e entregue nas mãos dos homens.

Mas eles não entendiam o que isso significava; era-lhes encoberto, para que não o entendessem. E tinham receio de perguntar-lhe a respeito dessa palavra”.

Ao repetir e expandir esta mensagem aos discípulos em Lucas 18:31-34 dias antes de entrar em Jerusalém, Jesus reafirma que Ele ainda estava na mesma missão que havia começado em Lucas 9:51. Ele estava confirmando para eles a continuidade de tudo o que tinham testemunhado e ouvido ao longo do caminho: todas as curas, todos os ensinamentos do Reino, todas as parábolas do julgamento vindouro. Tudo isso dizia respeito a esta e mesma missão do Filho do Homem e Seu conflito com a Jerusalém idólatra e assassina. E enquanto eles permaneceram cegos à mensagem enquanto falava, seus olhos estariam abertos a Ele no devido tempo. Então, quando uma vez que Deus abriu seu entendimento para tudo o que eles ouviram e testemunharam, suas vidas seriam transformadas, pois a verdade e o significado de tudo afetariam completamente suas almas.

O restante cego recebe sua visão (Lucas 18:35-43)

Esta seção final do capítulo 18 combina a maioria dos temas que discutimos - o remanescente, o Reino, a cegueira e a persistência - juntos em um episódio de cura. Em suma, com a cura do cego Bartimeu, temos um exemplo vivo da parábola da viúva perseverante, faltando apenas a ideia de vingança contra seus inimigos. No texto se lê:

“Ao aproximar-se Jesus de Jericó, um homem cego estava sentado à beira do caminho, pedindo esmola.

Quando ouviu a multidão passando, ele perguntou o que estava acontecendo.

Disseram-lhe: “Jesus de Nazaré está passando”.

Então ele se pôs a gritar: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim!”

Os que iam adiante o repreendiam para que ficasse quieto, mas ele gritava ainda mais: “Filho de Davi, tem misericórdia de mim!”

Jesus parou e ordenou que o homem lhe fosse trazido. Quando ele chegou perto, Jesus perguntou-lhe:

“O que você quer que eu lhe faça?” “Senhor, eu quero ver”, respondeu ele.

Jesus lhe disse: “Recupere a visão! A sua fé o curou”.

Imediatamente ele recuperou a visão; e seguia a Jesus glorificando a Deus. Quando todo o povo viu isso, deu louvores a Deus”.

(Lucas 18:35-43)

Primeiro, essa história tem uma ênfase no Reino de forma indireta. Bartimeu se dirige a Jesus como “Filho de Davi” - um reconhecimento de Sua realeza. Isso não é amplamente enfatizado em todo em Lucas, embora os capítulos narrativos do nascimento destaquem o fato: o anjo Gabriel promete a Maria: “Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre o povo de Jacó; seu Reino jamais terá fim” (Lucas 1:32-33). Da mesma forma, o pai de João Batista, Zacarias, profetizou sobre Jesus que Deus “promoveu poderosa salvação para nós, na linhagem do seu servo Davi” (Lucas 1:69). Mas não ouvimos muito mais sobre Jesus como o herdeiro do trono davídico até aqui quando Bartimeu nos lembra que Jesus é de fato o Filho de Davi. Logo, Jesus fará o próprio ponto (Lucas 20:39-44) como veremos.

Em segundo lugar, a multidão de pessoas que estavam na frente de Bartimeu disse-lhe com franqueza para calar a boca. Note, eles estavam “na frente” - eles bloquearam o caminho para Jesus e a visão de Jesus sobre Ele. Essas pessoas eram herdeiras dos escribas e fariseus: “Vocês mesmos não entraram e impediram os que estavam prestes a entrar”

(Lucas 11:52, veja também Mateus 23:13). Na verdade, era impossível, mas aqueles obstáculos seriam colocados para os discípulos (como a seção anterior acabara de terminar, Lucas 17:1). Essas pessoas estavam cumprindo literalmente esse papel da maneira que foi abertamente proibida na Lei de Moisés: “Não amaldiçoarás a surdo nem colocará uma pedra de tropeção perante os cegos, mas temerás o teu Deus: eu sou o Senhor” (Levítico 19:14). Eles estavam literalmente colocando uma pedra de tropeço na frente de um cego, impedi-lo de [ir até] Jesus. Este não é um evento aleatório: como tais escribas da Lei, eles provaram que não temiam ao Senhor. Foi mais uma evidência no processo de Jesus contra o incômodo, a quebra da Lei, o Israel que quebrou a Aliança.

E do ponto de vista do remanescente: “Os dias chegarão quando desejarem ver um dos dias do Filho do Homem, e vocês não o verão”, devido em grande parte aos incrédulos e falsos profetas (Lucas 17:22). Contudo, Cristo havia instruído estes para orarem com persistência para que Deus os respondesse apesar dos impedimentos (Lucas 18:1-8). Bartimeu apresentou sua fé com orações persistentes apesar das pressões das pessoas. Ele foi recompensado com a bênção da visão. Sendo cego, ele viu o Reino e foi recompensado com sua visão física. Os outros tiveram sua visão física e ainda foram deixados com a cegueira ao Reino e sem nenhuma bênção. “A quem tiver, mais lhe será dado; de quem não tiver, até o que pensa que tem lhe será tirado” (Lucas 8:18).

Terceiro, Bartimeu representa o remanescente entre as massas dos israelitas incrédulos. Para a multidão ele era um aborrecimento. Mas para Jesus, ele era o remanescente eleito, herdeiro das bênçãos do Reino.

Em quarto lugar, novamente a questão decisiva foi a fé. A oração persistente de Bartimeu era um produto de sua fé, e isso o levou contra as forças predominantes da incredulidade a perseverar até o fim.

Em suma, esta breve cena encapsula quase tudo o que Jesus ensinou sobre os remanescentes ao longo desta seção de Lucas. Era impossível, mas os tropeços chegariam, mas aí da pessoa que os estabelece (Lucas

17:1). Enquanto isso, o verdadeiro remanescente seria encontrado, salvo e colocado no trabalho fiel do Reino.

11

Taxas e Recompensas (Lucas 19:1-44)

Tudo o que foi ensinado até agora sobre o processo de Cristo contra Israel será repetido em forma intensificada no capítulo 19. Por pouco uma palavra deste capítulo não se aplica a esse processo, embora de maneiras diferentes. A primeira parte é um exemplo vivo do remanescente vindo das classes desprezadas. Esta parte - a história do pequenino Zaqueu - poderia ter sido discutida em conjunto com algumas das últimas seções em que Jesus defendeu a sua comunhão com pecadores e cobradores de impostos (Lucas 15:1-16:31), ensinou a superação de tropeços (Lucas 17:1-10), ou enfatizou a fidelidade do remanescente (Lucas 17:11-18:43). Eu trato separadamente dessas seções por causa de sua natureza climática.

Essa natureza climática leva Jesus a proferir uma parábola sobre o momento da vinda do Reino - houve uma série de estimativas que devem primeiro ocorrer, embora as coisas que acontecessem levariam ainda mais à sua destruição. As pessoas então o provariam corretamente ignorando completamente a Sua parábola durante a entrada triunfante. Jesus, então, pronunciaria claramente a destruição que vem sobre Jerusalém.

O homem do imposto paga suas dívidas (Lucas 19:1-10)

Jesus estava se aproximando de Jerusalém; Sua jornada estava quase completa. Ele curou o cego Bartimeu “quando se aproximou de Jericó” (Lucas 18:35); Ele agora “entrou... e estava passando por “Jericó que estava a apenas 15 milhas a nordeste (principalmente a leste) de Jerusalém. A partir daqui, a caminhada para Jerusalém só levaria um dia.

Zaqueu não era apenas um cobrador de impostos, ele era o principal cobrador de impostos e era rico (Lucas 19:2). Lucas relata sua história:

“Havia ali um homem rico chamado Zaqueu, chefe dos publicanos. Ele queria ver quem era Jesus, mas, sendo de pequena estatura, não o conseguia, por causa da multidão.

Assim, correu adiante e subiu numa figueira brava para vê-lo, pois Jesus ia passar por ali.

Quando Jesus chegou àquele lugar, olhou para cima e lhe disse: “Zaqueu, desça depressa. Quero ficar em sua casa hoje”.

Então ele desceu rapidamente e o recebeu com alegria.

Todo o povo viu isso e começou a se queixar: “Ele se hospedou na casa de um ‘pecador’ ”.

Mas Zaqueu levantou-se e disse ao Senhor: “Olha, Senhor! Estou dando a metade dos meus bens aos pobres; e se de alguém extorqui alguma coisa, devolverei quatro vezes mais”.

Jesus lhe disse: “Hoje houve salvação nesta casa! Porque este homem também é filho de Abraão.

“Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido”.

(Lucas 19:2-10)

Esta é uma história sobre o pior dos piores pecadores entre esse grupo de cobradores de impostos, e ainda o melhor dos melhores exemplos da verdadeira salvação. Enquanto muitos fariseus ricos e proeminentes, e multidões de massas boquiabertas tinham sido

deixados para trás por Jesus, esse extorquidor profissional estava entre os remanescentes eleitos, como aquele que foi encontrado e salvo.

Para apreciar plenamente a profundidade do pecado desse homem, devemos entender a natureza da cobrança de impostos naqueles dias. O próprio texto nos diz o suficiente para entender que Zaqueu se enriqueceu através do poder coercivo do Império (roubo) e usou meios tortuosos para fazê-lo (falsa acusação, verso 8). No entanto, este é um lugar onde um pouco de fundo extra-bíblico traz iluminação, mesmo que desnecessário. Os historiadores nos dizem:

“A coleta da alfândega não foi feita pelos oficiais do Estado, mas pelos arrendatários, o chamado publicano, que alugavam as alfândegas de um distrito particular por uma soma anual fixa; de modo que tudo o que excedesse essa soma, a receita gerada era seu ganho... Este sistema era amplamente prevalente em tempos antigos, e muitas vezes foi aplicado, não apenas as alfândegas, mas também aos impostos propriamente ditos... A medida em que a alfândega poderia ser cobrada foi realmente prescrito pelo tribunal; mas desde essas tarifas... eram nos tempos adiantados frequentemente muito indefinidos, a capacidade abundante era deixada para a arbitrariedade e o costume do coletor de impostos. A vantagem tirada de tais oportunidades, e as sobrecargas pouco frequentes que foram feitas por esses funcionários, tornaram-na uma classe odiada pelo povo”.¹

Em suma, os cobradores de impostos eram empreiteiros privados do Estado que prometiam cobrar uma quantia fixa de receitas para o Estado; mas qualquer coisa que eles colecionassem além desse montante fixo era deles para se manterem. Isso, obviamente, tornou-se um incentivo para pessoas invejosas e conscientes para extorquirem tanto quanto pudessem da situação, enriquecendo-se por meio do poder do Estado. Foi roubo puro e simples, e aqueles que se dedicaram a isso costumavam usar táticas tortuosas e falsas acusações e ameaças para obter maiores somas de pessoas inocentes. E pior ainda, essas

peças não eram invasoras, ocupando os próprios romanos, mas outros judeus que viram a oportunidade de usar o poder do Estado romano para enriquecer a expensas de outros judeus. Eles eram vira-casacas, ladrões e mentirosos que tinham imunidade imperial por seu crime. Eles foram odiados pelas pessoas, e com razão.

Assim, isso torna ainda mais escandaloso que Jesus faria amizade com essas pessoas - o rico injusto - e encorajar os discípulos a fazer amizade com eles. Ainda é mais escandaloso que um dos seus 12 discípulos mais próximos tenha sido um desses criminosos - Mateus ou Levi - que estiveram sentados na própria alfândega perto de Cafarnaum quando Jesus o chamou (Lucas 5:27, Mateus 9:9; Marcos 2:1, 14). Mateus, de fato, imediatamente convidou Jesus a jantar com toda uma companhia desses coletores de impostos (Lucas 5:29; Marcos 2:15), e provavelmente essa palavra de Jesus começou a se espalhar entre a classe dos cobradores de impostos. Talvez o próprio Zaqueu tivesse aprendido sobre Jesus através desses frutos, pois ele era um dos líderes dos coletores de impostos. Isso significa que ele provavelmente atuou como um agente central que colecionou os impostos já coletados por outros coletores locais. Ele tinha uma ampla rede de amigos cobradores de impostos, sem dúvida, e ele parece ter conhecido alguma coisa de Jesus antes de chegar a Jericó.

Zaqueu era “pequeno de estatura”, o que pode explicar por que ele buscou uma posição de coerção e poder: ele era uma figura clássica de Napoleão, compensando sua falta de tamanho com a tirania e a força legalizada. Então, naturalmente, gostaria de conhecer este poderoso Jesus influente, mas não conseguiu vê-lo por causa da multidão. No entanto, ele estava interessado o suficiente para que ele fosse a medida extra: ele escalou uma árvore acima da multidão para vê-lo.

Tenho a sensação de que alguma coisa acontece nas Escrituras com referências a árvores “sicômoras”, embora eu confesse, não tenho certeza do que é. Esta referência particular é a um sicômoro que não era exatamente o mesmo que o “sukulino” de sicilina anterior (Lucas 17:6), que provavelmente é uma amoreira. Davi teve um jardim destas e um supervisor especial para elas (1º Reis 10:27). A árvore de Zaqueu é um tipo diferente, às vezes traduzido como “figueira brava” (NIV

[Nova Versão Internacional]), e era uma prima aparente da figueira padrão (no grego, *syce*). As fontes nos dizem que esta “figueira brava” dava frutos durante o ano todo, embora o fruto fosse menos popular; era, portanto, uma árvore benéfica para os pobres. Talvez haja significado em Zaqueu prestes a ser comprovado como parte do remanescente, escalando o tipo de figueira sempre frutífera; enquanto, em contraste, o Israel incrédulo seria simbolizado por uma figueira infrutífera no futuro próximo (Marcos 11:12-14, 20-21). Eu acho que isso é uma especulação tensa. Mas há um paralelo interessante no ministério do profeta Amós, que também condenou Israel em seu tempo:

“Amós respondeu a Amazias: “Eu não sou profeta nem pertencço a nenhum grupo de profetas, apenas cuido do gado e faço colheita de figos silvestres.

Mas o SENHOR me tirou do serviço junto ao rebanho e me disse: ‘Vá, profetize a Israel, o meu povo’.

Agora ouça, então, a palavra do SENHOR. Você diz: “Não profetize contra Israel, e pare de pregar contra a descendência de Isaque’.

“Mas, o SENHOR lhe diz: “Sua mulher se tornará uma prostituta na cidade, e os seus filhos e as suas filhas morrerão à espada. Suas terras serão loteadas, e você mesmo morrerá numa terra pagã. E Israel certamente irá para o exílio, para longe da sua terra natal”.

(Amós 7:14-17)

Jesus estava na véspera de apresentar Sua própria denúncia da cidade prostituta que cairia pela espada, etc. É este pequeno e vívido detalhe da árvore de figueira-sicômoro em Lucas o mesmo tipo de indicador da imagem que vemos tantas vezes na teologia bíblica? Eu admito, novamente, isso é especulativo, mas certamente é um detalhe interessante neste direito. A profecia de Amós certamente estava prestes a ter um paralelo nos pronunciamentos de Jesus contra a mesma cidade.

Seja como for, os detalhes podem mostrar, a mensagem geral da história foi clara. Aqui estava o chefe dos cobradores de impostos, e

ainda assim ele chegou à fé em Jesus. Mais uma vez, o resto vem das classes de desprezo. Mais uma vez, as multidões sem fé não podem lidar com o fato de que Jesus come com tais como Zaqueu. Mas a graça concedida ao remanescente prevalece novamente, e Zaqueu mostra os frutos que o fariseu e a multidão se recusaram a produzir: o arrependimento. E, ao se arrepender, Zaqueu fez outra coisa que as pessoas negligenciaram - ele tomou a sério a Lei Mosaica. Não só ele deu metade de sua própria riqueza aos pobres (um ato de caridade), mas ele estava disposto a pagar a restituição sobre qualquer riqueza tributária que ele ganhasse com excesso e extorsão. Isto é o que a lei exige:

“Se alguém roubar um boi ou uma ovelha e abatê-lo ou vendê-lo, terá que restituir cinco bois pelo boi e quatro ovelhas pela ovelha”.
(Êxodo 22:1)

Em outras palavras, um ladrão condenado foi obrigado a pagar a restituição nas seguintes formas, dependendo das circunstâncias: se os bens roubados forem recuperados, ele deve restaurar a mercadoria mais pagar a mesma quantia adicionalmente como penalidade. Assim, ele estaria pagando o dobro. Mas se os bens tivessem sido desperdiçados, vendidos, perdidos, etc., e não pudessem ser recuperados, então ele devia pagar pelo menos quatro vezes.

Este último caso é exatamente o que Zaqueu prometeu fazer por qualquer pessoa que ele tenha acusado falsamente. Ele reconheceu assim que sua riqueza provavelmente teria ocorrido por roubo (não importa o quão legal fosse a lei romana).² Ele estava disposto a cumprir a pena mais dura da Lei Mosaica.

Esta vontade era evidência de arrependimento verdadeiro. Jesus certamente aceitou isso como genuíno, pronunciando Zaqueu como salvo, um filho de Abraão, e vendo a conversão como uma confirmação adicional de Sua missão de encontrar e salvar o remanescente: “Hoje a salvação veio a esta casa, já que ele também é um filho de Abraão. Pois o Filho do Homem veio buscar e salvar os perdidos” (Lucas 19:9-10).

Esta afirmação de que o principal cobrador de impostos era um verdadeiro filho de Abraão deve ter dado a essa multidão incrédula algo de mais para murmurar.

A Parábola do Retorno no Juízo (Lucas 19:11-27)

Imediatamente após a conversão de Zaqueu, Jesus vê a necessidade de ensinar uma parábola “porque ele estava perto de Jerusalém, e porque eles supunham que o reino de Deus deveria aparecer imediatamente”. Não é explicitamente dito quem é o “eles” que compõem a audiência da parábola. A tentação é dizer que eles são a multidão porque a parábola é sobre a próxima destruição daqueles que rejeitaram Cristo. Mas isso não é correto. Os “eles” eram aqueles que “ouviram essas coisas”, isto é, palavras de Jesus a Zaqueu: “O Filho do Homem veio procurar e salvar os perdidos” (Lucas 19:10). Desde então, Jesus havia dito essas coisas enquanto jantava com Zaqueu, quase não era possível que uma multidão de pessoas estivesse apertada na casa de um homem. Então, é evidente que o “eles” aqui são apenas discípulos de Jesus.

Agora, isso faz muito sentido, já que os discípulos eram os que realmente acreditavam que Jesus era o Messias. Eles foram os que viajaram com Ele durante toda essa viagem a Jerusalém, ouvindo Suas denúncias e Seus ensinamentos sobre o Reino. Assim, eles eram os mais ansiosos para ver o Reino se manifestar imediatamente. É claro que Jesus já os havia advertido explicitamente duas vezes que Ele deve primeiro ir a Jerusalém para sofrer e morrer (Lucas 9:44-45; 18:31-34), e nos é dito especificamente que não eles entenderam isso. Mateus nos diz que Jesus naquele tempo contou uma versão muito semelhante desta parábola aos discípulos (Mateus 20:1-16). Então, agora, Jesus reitera essas verdades básicas mais uma vez em uma parábola para eles. É claro que ele quer impregnar essas ideias em suas cabeças para quando chegar a hora de poder compreendê-las.

A parábola Ele diz, portanto, é primeiro, destinado a entender os discípulos e, segundo, pretende desinflar a falsa esperança de uma libertação imediata. É, de fato, uma afirmação do julgamento que viria em breve. Jesus diz:

“Ele disse: “Um homem de nobre nascimento foi para uma terra distante para ser coroado rei e depois voltar.

Então, chamou dez dos seus servos e lhes deu dez minas. Disse ele: ‘Façam esse dinheiro render até à minha volta’.

“Mas os seus súditos o odiavam e depois enviaram uma delegação para lhe dizer: ‘Não queremos que este homem seja nosso rei’.

“Contudo, foi feito rei e voltou. Então mandou chamar os servos a quem dera o dinheiro, a fim de saber quanto tinham lucrado.

“O primeiro veio e disse: ‘Senhor, a tua mina rendeu outras dez’.

“Muito bem, meu bom servo!’, respondeu o seu senhor. ‘Por ter sido confiável no pouco, governe sobre dez cidades’.

“O segundo veio e disse: ‘Senhor, a tua mina rendeu cinco vezes mais’.

“O seu senhor respondeu: ‘Também você, encarregue-se de cinco cidades’.

“Então veio outro servo e disse: ‘Senhor, aqui está a tua mina; eu a conservei guardada num pedaço de pano.

Tive medo, porque és um homem severo. Tiras o que não puseste e colhes o que não semeaste’.

“O seu senhor respondeu: ‘Eu o julgarei pelas suas próprias palavras, servo mau! Você sabia que sou homem severo, que tiro o que não pus e colho o que não semeiei.

Então, por que não confiou o meu dinheiro ao banco? Assim, quando eu voltasse o receberia com os juros’.

“E disse aos que estavam ali: ‘Tomem dele a sua mina e dêem-na ao que tem dez’.

“‘Senhor’, disseram, ‘ele já tem dez!’

“Ele respondeu: ‘Eu lhes digo que a quem tem, mais será dado, mas a quem não tem, até o que tiver lhe será tirado.

E aqueles inimigos meus, que não queriam que eu reinasse sobre eles, tragam-nos aqui e matem-nos na minha frente!’”

(Lucas 19:12-27)

Esta parábola só pode ser tomada como imediatamente aplicada a Israel que logo rejeitaria e mataria Cristo em vez de receber Seu Reino. O “nobre” é, obviamente, Jesus. Mas note que Ele iria primeiro sair para receber um Reino, e depois voltar a ter um acerto de contas com Seus servos e cidadãos. Em retrospectiva, é fácil ver que Ele se referiu à Sua ascensão à mão direita de Deus (Atos 2:34-36) como o recebimento do Reino, e que o Seu dia do julgamento em que Ele destruirá aqueles que o rejeitaram foi a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Mas o sofrimento e a cruz tiveram que vir primeiro, e isso ocorreria durante esta jornada atual para Jerusalém. Os discípulos ficaram confusos sobre isso mesmo depois que Jesus ressuscitou e apareceu a eles: no dia da sua ascensão eles perguntaram: “Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel” (Atos 1:6) - Ele tinha, afinal, indo embora através da morte e agora havia voltado. Ele disse que eles não deveriam saber o tempo exato (Atos 1:7); mas, entretanto, eles foram cheios do Espírito em Jerusalém, e tiveram trabalho em toda Judéia, Samaria e até os confins da terra (Atos 1:8). Isso também é aparente na parábola, pois o nobre instruiu seus servos em sua ausência para que “façam esse dinheiro render até à minha volta” (Lucas 19:13).

Eles não estavam dispostos a “ocupar” como sugere a linguagem do KJV [King James Version], mas a tomar o que o Senhor lhes deu e ser produtivo para o Reino. Durante este tempo, eles seriam misturados entre os outros aparentes servos, os judeus incrédulos. Todos estes foram confiados com os mesmos oráculos de Deus que os discípulos de Jesus. Os falsos servos eram os fariseus, os sacerdotes, os escribas, as camadas e os líderes do povo - todos os quais deveriam estar ganhando retornos com os dons de Deus, mas, em vez disso, os desperdiçaram como observamos várias vezes. Eles já estavam planejando matar a Jesus no dia em que Ele entrou em Jerusalém (Lucas 19:47). Assim, quando chegou o dia do julgamento, a produtividade dos verdadeiros servos contra os falsos servos seria manifesta: o verdadeiro produziu lucros, mas o falso não ganhou nada. O falso simplesmente envolveu o dom de Deus e o manteve para si mesmo, com medo de perder o que lhe foi dado, apesar da promessa

de Deus de que Ele os prosperaria. Nós abordamos esse tema antes: quando Israel deveria ter levado a glória da Lei de Deus até os confins da terra como um testemunho das nações, ele assumiu o status favorecido e tornou-se um consumidor de grande riqueza e uma prostituta para os reis da terra.

O detalhe irônico aqui é que o empregado não lucrativo escondeu sua porção em um “pedaço de pano”. Mas este não era um pedaço de pano normal, era um tecido - um pedaço de pano usado para enrolar o rosto no sepultamento de um cadáver (veja João 11:44; 20:7). Os judeus transformaram o modo de vida de Deus para as nações em uma religião morta de fardos e medos.

O servo temeroso e improdutivo prova que ele não é apto para o Reino na medida em que ele lida com o fracasso dele, como Adão caído: ele culpa a Deus. Adão culpou a mulher por lhe dar o fruto e culpou a Deus por lhe dar a mulher (Gênesis 3:12); e igualmente Eva culpou a serpente por sua queda (Gênesis 3:13). Todos tinham a culpa, exceto as pessoas que realmente cometiam o pecado. Do mesmo modo, o servo não lucrativo culpou a austeridade do nobre: “Eu tinha medo de você, porque você é um homem severo. Você toma o que não depositou e colhe o que não semeou”. De fato, como qualquer homem de grande capital, Ele contratou outros para trabalhar para ele, e esperava retorno de renda passiva em seus investimentos. E, no entanto, nessa crítica covarde, ele confessou que sabia que Deus esperava que ele produza retornos. “Ele disse a ele: Eu vou condená-lo com suas próprias palavras, seu mau servo! Você sabia que eu era um homem severo, levando o que não depusitei e colhendo o que não semeio? Por que, então, você não colocou meu dinheiro no banco, e na minha chegada eu poderia ter coletado isso com interesse?” (Lucas 19:22-23).

Em suma, no retorno do Senhor haveria uma avaliação entre os criados. Somente aqueles que verdadeiramente avançaram o Reino escapariam do julgamento. E vemos outro tema familiar no pronunciamento da graça: “você foi fiel”. Os bons servos são fiéis. A fé é a questão determinante na separação dos servos bons e perversos.

A natureza das recompensas também é digna de nota. Os bons servos receberiam a herança do Reino; eles seriam feitos governantes no Reino de Deus em proporção aos retornos que conseguiram obter com o que eles receberam. Esta decisão no Reino de Deus é cumprida nos discípulos e nos santos do Novo Testamento (Lucas 22:40; Mateus 19:28; 1ª Pedro 2:9; Apocalipse 1:6; 5:10; 20:4, 6). Os servos perversos, no entanto, perderiam o que lhes haviam sido dado: “Pegue a mina dele e entregue-a a quem tem dez minas” (Lucas 19:24). Agora retornamos a um tema que ouvimos várias vezes nesta jornada: os perdedores perdem mais e os vencedores ganham mais. Jesus repete isso de novo: “Ele respondeu: ‘Eu lhes digo que a quem tem, mais será dado, mas a quem não tem, até o que tiver lhe será tirado’” (Lucas 19:26). Compare isso com Lucas 8:18, que é quase uma repetição literal. Lá vimos a lição dada em relação a uma parábola da lâmpada acesa. A mensagem era quase a mesma coisa que aqui: os judeus haviam escondido a luz de Deus em vez de usá-la para iluminar o mundo. Por seu fracasso egoísta, perderiam mesmo o que eles achavam possuir. O Reino seria retirado do Israel incrédulo e dado aos eleitos produtivos. Tanto para os servos pessoais do nobre.

E quanto aos cidadãos que claramente disseram no início: “Nós não queremos que esse homem reine sobre nós” (Lucas 19:14)? As massas dos cidadãos neste futuro Reino de fato odiavam também a Jesus, e em poucos dias os sacerdotes, escribas e líderes entre o povo levariam a multidão a gritar para que ele fosse crucificado (Lucas 23:13-25; Mateus 27:15-25, Marcos 15:6-15, João 18:39-19:16). Esses malvados israelitas não tiveram nenhuma chance quando o nobre voltou. Estes não são considerados para um cálculo na parábola; nem sequer foram considerados criados. No entanto, eles estavam em oposição aberta ao nobre; Eles eram seus inimigos declarados. Como tal, o seu julgamento foi severo: “E aqueles inimigos meus, que não queria que eu reinasse sobre eles, tragam-nos aqui e matem-nos na minha frente!” (Lucas 19:27). Esta é uma referência clara ao massacre de massas de judeus que ocorreria quando o sistema servo do Velho Pacto fosse destruído naquela geração.

Agora, devemos lembrar que, enquanto a destruição de Jerusalém aparece nessa parábola, o propósito de Jesus em dizer isso era dissuadir os discípulos de verem Sua entrada em Jerusalém como um golpe. Ele não estava agora para assumir a realeza e começar o Reino de Deus pela força. Em vez disso, Ele foi o primeiro a encontrar uma oposição pela qual Ele mais tarde retornaria e puniria a cidade. Ter esta lição em mente seria muito importante para os discípulos considerando os eventos que aconteceriam imediatamente.

A Entrada Triunfal (Lucas 19:28-44)

Finalmente, chegou o momento em que Jesus alcançou e entrou em Jerusalém. Ele havia preparado Seus discípulos tanto quanto para não pensarem que Ele imediatamente assumiria o trono ou executaria os julgamentos que costumava pronunciar. O sofrimento deve vir primeiro. Mas suas ações de processo pareciam desafiar esse ensino.

Primeiro, Ele fez preparativos especiais para a Sua entrada na cidade (Lucas 19:28-35) montando um potro. Mateus nos lembra que isso foi predito profeticamente (Mateus 21:5). Na verdade, Zacarias disse:

“Alegre-se muito, cidade de Sião! Exulte, Jerusalém! Eis que o seu rei vem a você, justo e vitorioso, humilde e montado num jumento, um jumentinho, cria de jumenta”.

(Zacarias 9:9)

Em segundo lugar, quando Ele se aproximou da cidade, os discípulos obviamente sabiam disso. É bem possível que eles conhecessem o resto da passagem de Zacarias também: “Ele destruirá os carros de guerra de Efraim e os cavalos de Jerusalém, e os arcos de batalha serão quebrados. Ele proclamará paz às nações e dominará de um mar a outro, e do Eufrates até aos confins da terra” (Zacarias 9:10). Parece que, apesar de tudo o que Ele havia advertido sobre eles, eles ainda esperavam que Ele assumisse o trono então. Ao aproximar-se, eles

começaram a recitar o Salmo 118:26: “Bem-aventurado aquele que vem em nome do Senhor!” (Lucas 19:38).

Em terceiro lugar, Jesus não os dissuadiu neste momento. Mesmo quando os fariseus entre a multidão exigiram que Jesus interrompesse os discípulos de louvar a Ele como o Messias, Ele declinou: “Eu lhes digo, respondeu ele, se eles se calarem, as pedras clamarão” (Lucas 19:40).

Em quarto lugar, Jesus chora sobre a cidade, porque Ele pronuncia julgamento sobre ela. É claro que chegou o seu tempo. De fato, quando abordamos essa passagem mais cedo em referência à frase “desta vez”, Jesus anuncia Sua presença como “o tempo em que Deus a visitaria” (Lucas 19:44). Esta visita não foi uma hora para o chá: “Virão dias em que os seus inimigos construirão trincheiras contra você, e a rodearão e a cercarão de todos os lados. Também a lançarão por terra, você e os seus filhos. Não deixarão pedra sobre pedra, porque você não reconheceu o tempo em que Deus a visitaria” (Lucas 19:43,44).

Finalmente, Jesus entra no Templo em uma demonstração de força e expulsa todos os comerciantes (Lucas 19:45; Marcos 11:15). Certamente, na recente combinação de receber elogios, proibindo que Ele pare, pronunciando julgamento cataclísmico e, em seguida, exibindo força no Templo, os discípulos certamente devem ter pensado que Jesus estava prestes a iniciar o Reino pela força. Era ruim o suficiente para que eles não pudessem receber tudo o que Ele havia dito ao contrário, mas agora Ele fazia tanto o que parecia ser o contrário.

E, no entanto, tudo isso não dizia respeito à manifestação imediata do Reino, mas a acumulação de evidências no caso de Jesus contra o Israel incrédulo. Jerusalém não estava preparada para o tempo de sua visita. Somente os remanescentes receberam o Rei quando Ele entrou. Todos os líderes de Israel se opuseram a Ele. Talvez, o mais importante, Jesus descobriu a corrupção no Templo - a negociação do sistema do Antigo Testamento estava particularmente triste. Este seria um ponto-chave sobre o qual a Grande Meretriz e o Verdadeiro Israel de Jesus entrariam em choque muito cedo. Como esse incidente é tão importante, vou levar ao próximo capítulo apenas para discutir a

limpeza do Templo. A teologia e a profundidade das histórias evangélicas aqui são sensíveis.

Notas:

1. Emil Schürer, *A History of the Jewish People in the Time of Jesus Christ*, trans. by John MacPherson (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1998 [1890]), I.II.69–71.
2. This is a great incident to show that no matter what pagan civil laws are being enforced in a land, God's law is the supreme law which all others should follow, and which believers especially should uphold.

12

O tempo da visitação

(Lucas 19:45-46)

A maioria dos cristãos lembra a limpeza de Jesus no Templo como aquela instância em que Ele estava visivelmente irritado, mas estava certo porque Ele estava com tanta ira das pessoas que usavam Sua religião para obter lucro. Estes mesmos cristãos deixam a igreja no domingo e vão comprar Jesus em sua livraria bíblica local na Segunda-feira. No entanto, embora haja alguma verdade para essa visão do incidente, há um significado muito, mais profundo, que precisamos ver. Refere-se especificamente à destruição logo e próxima de Jerusalém e do Templo.

Discutimos a ideia de “visitação” anteriormente em referência à frase “o tempo presente” (Lucas 12:56), bem como a frase “o tempo em que Deus a visitaria” (Lucas 19:44). Em ambos os casos, vimos como o contexto e a referência de tempo exigem que as advertências pertençam à geração de pessoas a quem Jesus falou então. Aqui, eu gostaria de expandir o conceito teológico de “visitação” e como isso se relaciona com o que Jesus fez imediatamente depois que Ele usou a frase. Isso, por sua vez, se relacionará diretamente com o nivelamento do templo que Jesus acabara de prever enquanto chorava sobre Jerusalém: “seus inimigos construirão trincheiras... Também a lançarão por terra, você e os seus filhos. Não deixarão pedra sobre pedra,

porque você não reconheceu o tempo em que Deus a visitaria” (Lucas 19:43-44).

O texto prossegue:

“Então ele entrou no templo e começou a expulsar os que estavam vendendo.

Disse-lhes: “Está escrito: ‘A minha casa será casa de oração’; mas vocês fizeram dela ‘um covil de ladrões’”.

(Lucas 19:45-46)

Enquanto nos preocupamos principalmente com a narrativa da viagem de Lucas, será útil, nesta instância, ler os relatos relevantes nos outros Evangelhos também. Mateus e Marcos escreveram o seguinte:

“Jesus entrou no templo e expulsou todos os que ali estavam comprando e vendendo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, e lhes disse: “Está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração’; mas vocês estão fazendo dela um ‘covil de ladrões’”.

(Mateus 21:12-13)

“Jesus entrou em Jerusalém e dirigiu-se ao templo. Observou tudo à sua volta e, como já era tarde, foi para Betânia com os Doze.

Chegando a Jerusalém, Jesus entrou no templo e ali começou a expulsar os que estavam comprando e vendendo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas e não permitia que ninguém carregasse mercadorias pelo templo.

E os ensinava, dizendo: “Não está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos’? Mas vocês fizeram dela um covil de ladrões”.

(Marcos 11:12, 15-17)

João também registra uma limpeza do Templo:

“Quando já estava chegando a Páscoa judaica, Jesus subiu a Jerusalém.

No pátio do templo viu alguns vendendo bois, ovelhas e pombas, e outros assentados diante de mesas, trocando dinheiro.

Então ele fez um chicote de cordas e expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois; espalhou as moedas dos cambistas e virou as suas mesas.

Aos que vendiam pombas disse: “Tirem estas coisas daqui! Parem de fazer da casa de meu Pai um mercado!”

Seus discípulos lembraram-se que está escrito: “O zelo pela tua casa me consumirá”.

(João 2:13-17)

Você pode notar algumas diferenças nos relatos - não necessariamente contradições, mas diferenças claras. A diferença mais notável tem sido objeto de muita discussão entre os estudiosos há muito tempo: Mateus, Marcos e Lucas registram uma limpeza do templo no final do ministério de Jesus, enquanto o relato de João acontece no início do ministério. No relato de João, Jesus deixa muitos crentes para trás em Jerusalém e, eventualmente, volta para casa. Ele não é crucificado até anos mais tarde. Nos relatos sinópticos, a limpeza segue a entrada triunfal de Jesus e é o próprio fato de que Ele tem problemas com os sacerdotes e escribas, etc., que O leva diretamente a Sua crucificação dentro de alguns dias. Agora, os estudiosos liberais saltaram sobre este problema como evidência de que os Evangelhos não são inspirados, mas reunidos de acordo com os caprichos e agendas de seus simples autores mortais. Marcos usou o relato para um propósito, João cortou e colou para o dele. Mas isso, é claro, supõe que:

- 1) que os relatos de fato derivam de apenas um incidente, ou;
- 2) derivam um dos outros, e/ou;
- 3) que mesmo isso refutaria a inspiração do relato.

Esta reação instintiva provavelmente diz mais sobre os preconceitos do erudito do que sobre a Bíblia. A resposta conservadora padrão ao

problema foi simplesmente dizer que Jesus limpou o Templo duas vezes. E enquanto um caso autêntico muito decente pode ser feito para duas limpezas,¹ ainda parece arbitrário que Jesus tenha feito a mesma coisa no mesmo lugar em duas ocasiões distintas, sem qualquer explicação adicional sobre o porquê. A explicação padrão é que Jesus foi realmente muito zeloso pela pureza do Templo. Mas Ele tinha apenas momentos antes de chorar e pronunciou o próximo nivelamento desse Templo, e parece improvável que Ele tenha sofrido uma mudança emocional tão abrupta para um zelo por Sua pureza. Nosso Salvador nunca foi sujeito a tais mudanças emocionais. Deve haver uma melhor explicação para duas limpezas.

Inspeção de uma corrupção em uma casa

Na verdade, houve duas limitações separadas do Templo, e há uma melhor explicação para elas. O que está por trás dessas instâncias separadas é Jesus cumprindo o papel do Sumo Sacerdote visitando e inspecionando o toque de aflição/corrupção na casa. Isso é descrito em Levítico 14:33-53. Isso explica as múltiplas visitas e o ato repetido de remover a corrupção, e finalmente declarar a casa (templo) impura e decretar a destruição total dela. Também se encaixa na missão de Jesus contra Jerusalém. Agora, para considerações de espaço, não reproduzirei toda a longa seção de Levítico aqui, mas é importante que você tome sua Bíblia e leia isso neste momento. O que se segue são os destaques dos deveres sacerdotais ao longo dessa passagem, e como eles pertencem ao ministério de Jesus.

Primeiro, a frase “praga da lepra” ou “doença leprosa” é enganosa. Tem mais relação com a história da tradução do que o hebraico real do texto. A verdadeira frase deve simplesmente ser traduzida como “toque de aflição” ou “corrupção”. A “lepra” mencionada não era uma doença, obviamente, porque afetou a construção de pedras e roupas, bem como as pessoas (ver Levítico 14:54- 57). Também não foi nada

como o que se conhece como lepra hoje. Era uma aflição ou corrupção desconhecida e Deus estava dando-lhes passos detalhados sobre como determinar o nível de ameaça e como lidar com ela com base na determinação. Uma vez que também obviamente pertencia a algo perigoso, indesejável e potencialmente impuro, vou me referir a ela como uma “corrupção” (também alterarei a tradução de “doença” da ESV [English Standard Version] para “corrupção”).

Em segundo lugar, o proprietário da casa teve que tomar a iniciativa quando ele suspeitava que uma corrupção estava presente em sua casa (Levítico 14:35). No caso do Templo, sabemos que era a “Casa do Pai” de Jesus (João 2:16), e assim Deus, o Pai, tomou a iniciativa.

Em terceiro lugar, o dono deveria entrar em contato com o sacerdote e o sacerdote deveria “entrar para ver a casa” e “examinar a corrupção” (Levítico 14:36-37). No relato inicial de João, Jesus “encontrou” a corrupção. Não devemos pensar que isso foi por acaso; Ele estava examinando tudo. No último incidente, Marcos diz que Jesus “observou tudo à sua volta” (Marcos 11:11), na noite anterior, Ele realmente expulsou a corrupção. Nós discutimos anteriormente a ideia de “visitação” como uma inspeção de julgamento especial na supervisão que Deus tinha para o Seu povo. Eles estavam diante de Seu rosto continuamente, constantemente sujeitos ao seu escrutínio (Êxodo 25:30; Deuteronômio 11:12). Jesus encarnou esse rosto e colocou-o para a visitação de Jerusalém (Lucas 9:51).

Uma vez que o sacerdote viu a corrupção, ele deveria fechar a casa por sete dias, e depois voltar a ver se a corrupção se espalhara. Nós não vemos isso exatamente nos dois incidentes separados nos Evangelhos, mas esse período de sete dias está em João, como eu vou discutir em um momento. As duas limpezas, no entanto, são diretamente paralelas ao resto do processo de inspeção. Vou explicar por que também estão separadas da primeira parte momentaneamente; por enquanto, vamos terminar com as duas limpezas da seguinte maneira:

As duas limpezas

Em quinto lugar, no sétimo dia depois de encerrar a casa, o sacerdote devia voltar para outra inspeção (Levítico 14:39). Se a corrupção tivesse se espalhado, ele deveria remover o local da corrupção da casa: “Então o sacerdote ordenará que arranquem as pedras, em que estiver a praga, e que as lancem fora da cidade, num lugar imundo; E fará raspar a casa por dentro ao redor, e o pó que houverem raspado lançarão fora da cidade, num lugar imundo” (Levítico 14: 40-41).

Antes de considerar isso como a primeira limpeza de Jesus no Templo em João, deixe-nos, em sexto, observar brevemente a continuação do processo de limpeza da casa levítica. Se a praga voltou para a casa depois que as pedras foram removidas e as paredes raspadas pela primeira vez, então o sacerdote declararia a corrupção “persistente” (Levítico 14:44) e, com base nisso, declara toda a casa “imunda”. O que se seguiu a seguir foi a destruição total e a remoção da casa: “Portanto se derribará a casa, as suas pedras, e a sua madeira, como também todo o barro da casa; e se levará para fora da cidade a um lugar imundo” (Levítico 14:45).

Agora, esta progressão da limpeza da primeira visita, a segunda declaração de destruição da visita é basicamente o que encontramos nas duas visitas de Jesus ao Templo. E faz sentido as pequenas diferenças nas narrativas de João e do [evangelho] sinóptico. Na primeira visita, Jesus expulsou os comerciantes e derramou o dinheiro e virou as mesas. Sua mensagem era então: “Tirem essas coisas; não faça da casa de meu Pai uma casa de comércio”. Em outras palavras, Jesus tirou apenas as próprias pedras corrompidas e as enviou “para longe”. Depois de mais um ou dois dias, Ele deixou Jerusalém completamente na Judéia. Ele não retornaria por um tempo.

Quando visitou o Templo novamente para inspeção, dois anos depois, descobriu que a corrupção dos comerciantes persistiu. Após esta inspeção, Ele os expulsou novamente, mas com uma mensagem que se expandiu sobre o primeiro: “Não está escrito: Minha casa será

chamada de casa de oração para todas as nações? Mas vocês fizeram uma cova de ladrões” (Marcos, 11:17; Lucas 19:46). Esta foi uma condenação final do fracasso de Israel em ser o que era chamado a ser (como vou explicar em um momento). Jesus assim determinou que a corrupção nesta casa era persistente. Ele aparentemente antecipou isso, pois Ele havia anunciado o dismantelamento da casa enquanto Ele estava entrando. Mas Ele confirmou isso novamente apenas dias depois, quando as pessoas estavam maravilhadas por causa das belas pedras do Templo: “Quanto a essas coisas que vocês veem, virão os dias em que não será deixada aqui uma pedra sobre a outra que não será derrubada” (Lucas 21:6).

Curiosamente, a palavra hebraica traduzida como “persistente” ou “perturbadora” em Levítico 14:44 é *ma’ar*, e literalmente significa “picar”. Essa [palavra] literalmente tem referência ao trabalho dos espinhos e, portanto, é uma referência direta à maldição na terra (Gênesis 3:18). Foi parte da maldição prometida de Deus que, se os israelitas não expulsassem todas as nações pagãs de Canaã, então essas nações se tornariam “por espinhos nos vossos olhos” (Números 33:55). Os espinhos eram uma referência profética frequente do castigo de Deus sobre o Israel incrédulo (Isaías 5:6; 7:23-25; 32:13; Jeremias 12:13; Ezequiel 2:6; Oséias 2:6; 9:6) e como um símbolo da maldição do homem caído, com razão.

Como, então, os cambistas e os comerciantes realmente constituíam a corrupção na Casa? Era exatamente como Jesus dizia: em vez de fazer daquela Casa um testemunho para todas as nações, eles eram ladrões egoístas e cobiçosos agindo como os pagãos circundantes. Foi um fracasso fundamental de Israel como uma nação, da qual Jerusalém e o Templo eram os representantes centrais. Em vez de redimir as nações, Israel se revoltou na própria natureza caída.

Uma casa de oração por todas as nações

A condenação final de Jesus dizia respeito ao fracasso dos judeus em fazer da Casa de Deus uma “casa de oração para todas as nações”. Nós

já discutimos esse aspecto em relação a sua falta de ser uma cidade em uma colina, uma luz acesa, etc. Eles não conseguiram levar a Lei de Deus às nações e, em vez disso, assumiram que merecessem bênçãos e viviam em um luxo egoísta. Jesus retorna a isso explicitamente.

A citação é de Isaías 56:7, como veremos, mas na realidade tem a dedicação do Templo de Salomão ao fundo. Para essa história, você precisa ler todo o capítulo de 1º Reis 8. A importância desse evento é a seguinte: a dedicação do Templo de Salomão marcou um clímax para a nação judaica, mas a história tem uma maneira interessante de revelar suas intenções internacionais. O texto nos diz que ocorre em uma festa no sétimo mês (1º Reis 8:2). Este é um detalhe importante, mesmo que obscuro. Na Lei Mosaica, Deus ordenou a festa dos tabernáculos neste momento, e foi assim que as pessoas se reuniram nesse texto. A festa dos tabernáculos era uma festa de colheita, e as pessoas teriam trazido a colheita no primeiro dia da festa. Então as pessoas deixavam suas casas para viver em tendas por sete dias, para comemorar o tempo em que percorreram o deserto; mas, no oitavo dia, deixariam as tendas e celebrariam os frutos da colheita, simbolizando que Deus os entregava de uma vida no deserto até uma vida de bênção e abundância sob o Seu Pacto na Terra Prometida.

Contraste isso com a instituição da Aliança Mosaica que Deus iniciou, Êxodo 19:1 nos diz, no terceiro mês. Este mês veio no início do ano, obviamente, e coincidiu com a festa de Pentecostes, que foi uma ação de graças para os primeiros frutos do campo e dos rebanhos. Isso marcou apenas os primeiros frutos da colheita, enquanto a festa dos tabernáculos marcou o fim disso. Em termos da história de Israel, então, a Aliança Mosaica apenas iniciou a reunião do povo inteiro de Deus; a dedicação do Templo sinalizou o que era o cumprimento da Aliança de uma colheita completa.

Agora, um detalhe chave nesta história: o Templo deveria ser um Templo internacional. Observe duas coisas. Primeiro, o sétimo mês aqui é chamado de “Ethanim”. Este não é o nome hebraico padrão para o sétimo mês (que era Tishri), mas teve influência fenícia: um detalhe estranho para um festival apenas judaico, a menos que Deus

tivesse um alcance maior em mente aqui. A colheita completa do povo de Deus foi sempre destinada a incluir os gentios também.

Não é de admirar que encontremos Isaías mais tarde, tentando evitar o fracasso da Aliança porque Deus tinha um alcance universal para o Seu plano. Ele diz:

“E não fale o filho do estrangeiro, que se houver unido ao Senhor, dizendo: Certamente o Senhor me separará do seu povo; nem tampouco diga o eunuco: Eis que sou uma árvore seca”.

“E aos filhos dos estrangeiros, que se unirem ao Senhor, para o servirem, e para amarem o nome do Senhor, e para serem seus servos, todos os que guardarem o sábado, não o profanando, e os que abraçarem a minha aliança,

Também os levarei ao meu santo monte, e os alegrarei na minha casa de oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar; porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos.

Assim diz o Senhor DEUS, que congrega os dispersos de Israel: Ainda ajuntarei outros aos que já se lhe ajuntaram”.

(Isaías 56:3, 6-8)

Claro, lembramos esta passagem principalmente porque Jesus disse isso enquanto expulsava os trocadores de dinheiro do Templo; bem, Ele estava citando Isaías, e assim fazendo referência ao plano maior de Deus para esse Templo.

Muitas vezes, ouvimos esta história com o ser moral dirigido contra a lucratividade em nome da religião (ou algo dessa natureza), e muito disso deve ser criticado. Mas esta não é a mensagem maior. Jesus não estava apenas bravo porque as pessoas estavam comprando e vendendo. Ele ficou bravo por causa do que estavam comprando e vendendo: *sacrifícios*. Os relatos mencionam os cambistas e os comerciantes, e aqueles que estavam vendendo pombas (Mateus 21:13). João também menciona ovelhas e bois (João 2:15). Essas pessoas não estavam vendendo lixo religioso como as modernas lojas de Bíblias; eles estavam vendendo sacrifícios. E um povo que aceitou

sacrifícios para o pecado como uma coisa de negócios cotidianos é um povo que desistiu da obediência - eles não tinham em mente manter a Aliança, nem a mente [inclinada] para a disciplina da santidade e da oração, e nenhuma mente [inclinada] para ser uma testemunha para as nações. Eles estavam simplesmente passando pelos movimentos dos rituais, ignorando o mandato maior e essencialmente comprando sua expiação.

O problema é que tudo está errado; é a atitude errada de viver como queremos, enquanto a expiação do sangue é concedida. Jesus disse: “Não, não, não! Isto é suposto ser uma casa de oração para todas as nações”. É suposto ser um lugar onde todas as nações desejam ativamente buscar Deus e Sua vontade, não um lugar onde basicamente pagamos uma pequena taxa para continuar vivendo em pecado. O povo tomou o que significava ser um meio de relacionamento com Deus para todo o mundo e transformou-o em um culto egocêntrico que só se preocupava com o mínimo que tinha que fazer para passar. E, ao confrontar este Jesus, Ele não estava apenas citando Isaías, mas Ele estava defendendo (ou melhor, julgando) o grande projeto que Salomão tipificava, o Filho de Davi, o Rei de Israel, que está no Templo com os braços sustentados orando para Deus em nome da nação sacerdotal e de todas as nações.

Agora considere o quadro geral do que Salomão fez aqui. Nós temos o filho de Davi, assumindo o trono, dedicando o Templo, renovando a Aliança (uma “Nova Aliança”, por assim dizer), e instruindo o povo quanto aos termos da Aliança, a necessidade de arrependimento que ele expressa como girando em direção a esse Templo em oração, e o objetivo final de levar esta mensagem ao mundo inteiro, e ter todas as nações voltadas para aquele Templo. Não sei se há uma pregação mais completa do Evangelho em qualquer outro lugar da Escritura. Isso claramente anuncia a vinda do Verdadeiro Filho de Davi, Jesus Cristo. De interesse a este respeito, o primeiro dos Evangelhos primeiramente apresenta Jesus como Jesus, o Messias, o filho de Davi (Mateus 1:1). Jesus vem como o verdadeiro Rei de Israel, Aquele que inicia o verdadeiro Templo (que é Ele mesmo) para o qual devemos orar para encontrar o perdão de Deus, e que Ele mesmo cumpre o papel de

Profeta, Sacerdote e Rei, que inicia a Nova Aliança, que prega: “arrependei-vos porque o Reino de Deus está próximo”, e quem nos ordena no final a ir e fazer discípulos de todas as nações.

Salomão, mantendo-se com o tema da salvação internacional, notou a participação do estrangeiro dentro da terra. Esta pessoa, embora não seja uma israelita, ainda poderia orar ao mesmo Deus e ser ouvida. Ele poderia testemunhar a obra de Deus entre as pessoas; e Deus pretendia que isto se tornasse uma notícia internacional:

“Ouve tu nos céus, assento da tua habitação, e faz conforme a tudo o que o estrangeiro a ti clamar, a fim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome, para te temerem como o teu povo Israel, e para saberem que o teu nome é invocado sobre esta casa que tenho edificado”.

(1º Reis 8:43)

A resposta de Deus à fidelidade da Aliança de Seu povo que ora e se arrepende era para ser a matéria das manchetes internacionais. E, claro, como mencionei, Cristo deu a Grande Comissão.

O que se destaca aqui é a magnífica unidade dos pactos de Deus através de toda a história: seu plano sempre foi abrangente desde o primeiro dia.

Fomos levados a acreditar em muitas maneiras que o Antigo Testamento era para os judeus e para o seu tempo, e o Novo é para todos os outros; mas, de verdade, Deus deu a Antiga Aliança aos judeus com o propósito de que eles se tornassem aquela cidade em uma colina, para brilhar a glória da sociedade da Aliança para todo o mundo e fazer com que eles desejassem adotar esse modo de vida também.

Isso inclui ensinar o mundo a receber as sanções de Deus contra as dificuldades econômicas e a perda como meio de atrair o povo para se arrepender e retornar à fidelidade e, portanto, à prosperidade. Seja qual for a aflição nacional, Salomão disse, ore e não apenas ore, mas expanda suas mãos para esta casa; “retornar” do exílio auto-imposto pelo pecado e da complacência egocêntrica, para o lugar da misericórdia de Deus. Para Salomão, essa Casa era o Templo recém-

construído, mas em Lucas, Jesus é “maior que Salomão” (Lucas 11:31), pois Ele mesmo é o verdadeiro Templo.

Mas Israel ignorou tudo isso. O sacerdote descobriu que a corrupção era persistente. Ele pediu a destruição da Casa. Mas Ele também já havia feito uma Casa Nova com Pedras Novas.

As limpezas da casa são separadas da primeira inspeção por sete dias, de acordo com a lei levítica. Como mencionei, o período de sete dias aparece em João. Para vê-lo, no entanto, precisamos considerar toda a imagem do que discuti até agora: Jesus como o verdadeiro Templo e Suas purificações no antigo Templo da Aliança como uma visita de julgamento sobre uma casa idólatra e complacente.

Esta é a história de Jesus no Evangelho de João

Tudo começa na iniciação do ministério público de Jesus em Seu batismo. O dia do batismo de Jesus no Evangelho de João começa uma narrativa de sete dias. No primeiro dia, Jesus é batizado, João proclama que Ele é o Cordeiro de Deus, e o Espírito Santo desce como uma pomba e permanece sobre Jesus. Tudo foi feito para um propósito, como diz João Batista, “para que Ele possa ser revelado a Israel” (João 1:31). Há tanta teologia aqui, é impossível notar tudo sem distração. Em suma, aqui temos o Espírito de Deus pairando sobre a Nova Criação no primeiro dia; aqui temos a Nova Arca da Salvação que sai da água do batismo e a pomba encontrando a terra seca do Novo Mundo. Mas o mais importante para nossos propósitos, aqui temos o Espírito de Deus - a glória preenchendo a Casa Nova. Isso se explica da seguinte maneira: em Êxodo 40:34-35, quando Moisés ergueu pela primeira vez a primeira casa de Deus, o tabernáculo, lemos:

“Então a nuvem cobriu a Tenda do Encontro, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo.

Moisés não podia entrar na Tenda do Encontro, porque a nuvem estava sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo”.

Dois aspectos são importantes: a nuvem, que era o Espírito ou a presença de Deus, e o fato de que se estabelecesse (ou morada) lá. A palavra hebraica para “resolvido” é *shakan*, da qual recebemos a frase shekinah glória. Ela simplesmente se refere à presença permanente de Deus (ironicamente, a palavra hebraica para “tabernáculo” em todo o livro de Êxodo é *mishkan* - a forma nominal de shakan - que significa literalmente “uma habitação”).

Esta cena é reproduzida exatamente quando Salomão dedica o Templo:

“E sucedeu que, saindo os sacerdotes do santuário, uma nuvem encheu a casa do Senhor.

E os sacerdotes não podiam permanecer em pé para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do Senhor enchera a casa do Senhor.

Então falou Salomão: O Senhor disse que ele habitaria [shakan] nas trevas.

Certamente te edifiquei uma casa para morada, assento para a tua eterna habitação [shakan]”.

(1º Reis 8:10-13)

Isto é exatamente o que Deus disse a João Batista para cuidar em Jesus: “Sobre aquele que vires descer o Espírito, e sobre ele repousar” (João 1:33). É claro, apenas a partir desta imagem que Jesus, o Filho de Deus, era de fato a Casa Nova de Deus, o novo lugar de habitação. Jesus era o Novo Templo. Isso significaria, é claro, que o antigo Templo de Jerusalém já era obsoleto. Desde o dia da revelação do verdadeiro Templo a Israel, todos esses rituais do antigo templo e todas as tradições e práticas idólatras que cresceram ao seu redor não passaram de corrupção na casa do Deus de Israel. A Nova Casa já estava estabelecida e habitada pelo Espírito. Por definição, “fechou” a outra casa para o negócio da Aliança. O fechamento da casa também foi parte do período de espera de sete dias (Levítico 14:38).

É irônico que seja apenas no Evangelho de João que Jesus afirma que Ele “destruirá este templo e, em três dias, o ressuscitarei” (João

2:20). João então nos diz que Ele falou do “templo do Seu corpo”. Então, Jesus estava consciente de que Ele era o Novo Templo assim que aconteceu, e este foi Seu sinal para os judeus por Sua autoridade para limpar a antiga casa de corrupção. A ironia disso é que ninguém mais menciona essa afirmação de Jesus até a segunda vez que Ele limpa o templo três anos depois. No entanto, nenhum dos relatos sinópticos registra Jesus dizendo isso durante a segunda limpeza. No entanto, esta é a própria afirmação de que “falsas testemunhas” trazem contra Ele durante a corte, conforme registrado nos sinópticos (Mateus 26:61; 27:40; Marcos 14:58; 15:29). Se Ele não tinha dito isso durante a segunda limpeza registrada nos sinópticos, então, onde essas pessoas conseguiram essa ideia? Só poderia ter vindo do primeiro episódio da limpeza anos antes, quando Jesus realmente falou algo assim e que só é registrado em João 2. Isso também explicaria o fato de que suas versões da reivindicação não eram bem precisas.

O Evangelho de João começa então a contar os primeiros dias do ministério de Jesus. A Casa Nova foi estabelecida no batismo. Esse foi o primeiro dia. No “dia seguinte” (dia dois, João 1:35), Jesus começa a fazer discípulos. Um discípulo sem nome de João Batista segue Jesus, mais André, Simão Pedro, Filipe e Natanael (João 1:35-51). Então, “no terceiro dia” (João 2:1), Jesus realiza Seu primeiro milagre, mudando a água para o vinho no casamento de Caná (João 2:1-10). Ele então visita Cafarnaum por “alguns dias” (João 2:12). Então, nos dizem imediatamente: “A Páscoa dos judeus estava próxima, e Jesus subiu a Jerusalém” (João 2:13). A própria Páscoa foi realizada no dia 14 do mês de Nisan, e foi um dia sabático. Então, isso significa que toda essa história de João 1:29-2:13 ocorre no espaço de sete dias. E significa que Jesus visitou Jerusalém quando esse sétimo (sábado) estava “à mão”.

Em outras palavras, Jesus (que já sabia que a primeira casa era corrupta) estabeleceu a Casa Nova, depois esperou sete dias e visitou a casa (desta vez, a casa antiga) para uma segunda inspeção. Encontrando a corrupção, ele removeu a pedra. Ele voltou mais tarde e achou a corrupção persistente, e Ele declarou que a casa seria completamente demolida.

Pedras Novas

Outro aspecto interessante é o dever levítico de substituir as pedras corrompidas que foram removidas. A lei diz: “Depois tomarão outras pedras, e as porão no lugar das primeiras pedras; e outro barro se tomará, e a casa se rebocará” (Levítico 14:42).

Vimos em João que Jesus recrutou discípulos com êxito, mas Ele só fez cinco no segundo dia; nenhum outro é mencionado. Mas assim que retirou as pedras corruptas do Templo (comerciantes, trocadores de dinheiro, etc.), Ele também começou a fazer novos discípulos: havia muitos que creram em Seu nome (João 2:23). Entre estes foi Nicodemos, que perguntou sobre o novo nascimento, e que mais tarde ajudou a sepultar o corpo de Jesus (João 3:1; 19:39). Pouco tempo depois, Jesus é visto com um número maior de discípulos, dos quais Ele escolheu 12 para ser apóstolos (Lucas 6:12-16). Na verdade, Jesus havia escolhido “outras pedras” para substituir os membros corrompidos da antiga ordem. Na verdade, quando André trouxe seu irmão Simão para Jesus, o Senhor o renomeou no local – “Cefas” ou “Pedro” em grego – “uma pedra”.

É exatamente assim que o próprio Pedro viu os membros da Igreja do Novo Testamento: como pedras no Novo Templo, que é o Corpo de Cristo. Ele escreveu: “E, chegando-vos para ele, pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo” (1ª Pedro 2:4-5).

Tudo o que está dentro

Jesus Cristo estabeleceu uma Nova Casa de Deus, e Ele nos fez ser pedras nessa Casa. A antiga casa estava cheia de corrupção. E como Ele purificou a corrupção pela primeira vez, Ele começou a substituí-la por novas pedras para Sua Nova Casa. Quando Ele voltou

finalmente para aquela antiga casa e achou a corrupção persistente, Ele declarou que ela seria completamente destruída.

Ainda há uma nota final que devemos fazer neste estudo. Quando uma casa foi declarada impura, tudo naquela casa por lei também foi declarado impuro. Por esse motivo, o sacerdote permitiu que tudo fosse retirado da casa antes da inspeção inicial, “para que tudo o que está na casa seja declarado impuro” (Levítico 14:36). Jesus havia falado aos judeus em toda Samaria, Judéia e Jerusalém, que a visita estava por vir, mas eles não iriam até Ele. Em vez disso, tudo o que estava na própria cidade, mesmo seus filhos, seria, por procuração, também considerado impuro. Isto é afirmado no luto de Jesus sobre Jerusalém:

“Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todos os lados;

E te derrubarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conhecestes o tempo da tua visitação”.

(Lucas 19:43-44)

Conclusão

A segunda limpeza de Jesus do Templo foi o seu julgamento final – a inspeção da casa de Jerusalém. Era realmente “o tempo de sua visita” para a cidade. Jesus, desde o dia de Seu batismo, concentrou Sua missão naquela cidade, e a mensagem de destruição que um dia traria para ela. Aqui em Lucas 19:41-46, vemos que o julgamento foi feito e essa mensagem foi entregue. A partir daqui, era apenas uma questão de tempo cumprir o que estava determinado.

Notas:

1. See the six-point case made in Craig A. Blomberg, *The Historical Reliability of the Gospels* (Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1987), 171–173.

13

Inquilinos ruins e convidados perversos

(Lucas 20:9-19 e Mateus 21:33-24:14)

Provavelmente, nenhuma das parábolas é tão clara e explícita sobre uma denúncia profética contra Israel como esta parábola dos iníquos. O que Jesus ensinou em diferentes aspectos e desde diferentes perspectivas desde que Ele começou esta jornada, agora, Ele descreve de forma completa e clara para o povo:

“E começou a dizer ao povo esta parábola: Certo homem plantou uma vinha, e arrendou-a a uns lavradores, e partiu para fora da terra por muito tempo;

E no tempo próprio mandou um servo aos lavradores, para que lhe dessem dos frutos da vinha; mas os lavradores, espancando-o, mandaram-no vazio.

E tornou ainda a mandar outro servo; mas eles, espancando também a este, e afrontando-o, mandaram-no vazio.

E tornou ainda a mandar um terceiro; mas eles, ferindo também a este, o expulsaram.

E disse o senhor da vinha: Que farei? Mandarei o meu filho amado; talvez que, vendo, o respeitem.

Mas, vendo-o os lavradores, arrazoaram entre si, dizendo: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, para que a herança seja nossa.

E, lançando-o fora da vinha, o mataram. Que lhes fará, pois, o senhor da vinha?

Irá, e destruirá estes lavradores, e dará a outros a vinha. E, ouvindo eles isto, disseram: Não seja assim!”

(Lucas 20:9-16)

Esta parábola encapsula toda a história de Israel. Primeiro, Deus estabeleceu Israel na Terra Prometida, que era realmente um verdadeiro jardim:

“Depois foram até ao vale de Escol, e dali cortaram um ramo de vide com um cacho de uvas, o qual trouxeram dois homens, sobre uma vara; como também das romãs e dos figos.

Chamaram àquele lugar o vale de Escol, por causa do cacho que dali cortaram os filhos de Israel.

E eles voltaram de espiar a terra, ao fim de quarenta dias.

E caminharam, e vieram a Moisés e a Arão, e a toda a congregação dos filhos de Israel no deserto de Parã, em Cades; e deram-lhes notícias, a eles, e a toda a congregação, e mostraram-lhes o fruto da terra.

E contaram-lhe, e disseram: Fomos à terra a que nos enviaste; e verdadeiramente mana leite e mel, e este é o seu fruto”.

(Números 13:23-27)

“Vale de Escol” significa literalmente “vale do Cacho”, referindo-se aos maravilhosos cachos de uvas que crescem lá. E a fecundidade foi a benção de Deus para eles. Os profetas repetiriam essa imagem quando falaram do amor de Deus, ou às vezes do perdão e da renovação da Aliança (Cantares 4:12-16; 5:1; 6:2; 8:13; Isaías 51:3; 58:11; Jeremias 31:12; Ezequiel 36:35). Não há dúvida de que a vinha mencionada na parábola é uma referência à terra de Israel. O dono é, obviamente, Deus, e os seus inquilinos são, portanto, o povo da Antiga Aliança de Israel.

Em segundo lugar, Deus esperava que esta terra fosse frutífera e, obviamente, esperava que os inquilinos produzissem. “Inquilinos” aqui traduz a palavra grega *georgos*, que são literalmente “agricultores” ou

“agricultores arrendatários”. Estes não eram apenas inquilinos, mas inquilinos agrícolas; eles foram colocados ali, assim como Adão foi colocado no Jardim do Éden, para cultivar o solo e manter o jardim. O fruto que Deus esperava era fruto espiritual. O produto esperado, é claro, foi algo que discutimos mais de uma vez: Israel deveria ter sido um testemunho das nações, convertendo-as para a Lei de Deus. E enquanto Deus se afastava, Ele não estava desinteressado no produto de Sua propriedade.

Então, em terceiro lugar, Ele enviou agentes periodicamente na época para inspecionar o produto (tempos de visitação). Mas os inquilinos rejeitaram esses servos. Eles os espancaram, os envergonharam e enviaram-lhes de volta. Quando Jesus diz esta parábola aos sacerdotes e anciãos em Mateus (Mateus 21:33-46), Ele diz que os inquilinos até mataram e apedrejaram alguns dos agentes (discutiremos brevemente o relato de Mateus em um momento). Para Israel, estes são obviamente uma referência aos profetas. Deus os enviou para ensinar, advertir e condenar Israel em muitas ocasiões, e Israel ignorou, zombou, rejeitou e matou todos. Isso fazia parte do processo judicial de Jesus desde o início desta jornada. Ele condenou os escribas em Lucas 11:47-51:

“Ai de vós que edificais os sepulcros dos profetas, e vossos pais os mataram.

Bem testificais, pois, que consentis nas obras de vossos pais; porque eles os mataram, e vós edificais os seus sepulcros.

Por isso diz também a sabedoria de Deus: Profetas e apóstolos lhes mandarei; e eles matarão uns, e perseguirão outros;

Para que desta geração seja requerido o sangue de todos os profetas que, desde a fundação do mundo, foi derramado;

Desde o sangue de Abel, até ao sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo; assim, vos digo, será requerido desta geração”.

De fato, o sangue de todos os profetas desde a fundação do mundo seria pedido conta daquela geração - a geração a quem Jesus falava.

Jesus repete essa acusação exata contra Jerusalém no caminho deles (Lucas 13:34-35) e depois que Ele chega no Templo (Mateus 23:33-39). É também a acusação exata, como já observamos, para a qual a Grande Meretriz de Apocalipse 17-18 é condenada: “Vi a mulher, bêbada com o sangue dos santos, o sangue dos mártires de Jesus... E nela foi encontrado o sangue dos profetas e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra” (Apocalipse 17:6; 18:24). Não há dúvida, então, o que significa esta parte da parábola. O pior ainda estava por vir.

Em quarto lugar, quando nenhum servo-profetas se beneficiou, Deus resolveu enviar Seu Filho amado. “Talvez eles o respeitem”. “Respeito” aqui é a tradução comum, mas eu a questiono. A KJV [King James Version] diz “reverência”, mas isso ainda não captura [o real sentido da palavra]. A forma exata da forma [grega] *entrapesontai* aparece nesta história nos três relatos sinópticos (Lucas 20:13, Mateus 21:37, Marcos 12:6). Nesta forma, mais literalmente significa “ficará envergonhado”. O versículo significa que esses fazendeiros perversos deveriam ter vergonha de suas ações, e o único que pode, talvez, levá-los ao arrependimento em vez de um mero servo, é o Senhor enviando Seu Filho real como agente. O Filho seria um profeta para eles, um inspetor de sacerdotes e um vice-gerente do Senhor, um Rei. Este é o último esforço, de fato, a última possibilidade. Se esses inquilinos não se envergonham dos seus pecados frente a esse Homem, eles não se arrependerão por ninguém.

Em quinto lugar, mesmo a manifestação do próprio Filho não foi suficiente para levá-los ao arrependimento. Na verdade, como o arrependimento foi dado apenas para eleger Israel, a aparência do Filho apenas serviu para endurecer ainda mais os corações de Israel. Em sua rebelião, eles planejaram como eles podem roubar a herança por suas próprias obras, para si mesmos:

“Este é o herdeiro. Deixe-nos matá-lo, para que a herança seja nossa. E eles o expulsaram da vinha e o mataram”.

(Lucas 20:14-15)

Eles estavam dispostos a assassinar o Filho de Deus se eles pensassem que poderiam garantir sua herança sem se arrependem. É claro que, como Jesus falou, este último ato de assassinato ainda era futuro. Mas foi uma profecia de Jesus do que de fato aconteceria, e aconteceu exatamente como Ele previu.

Isto, é claro, é exatamente como Paulo condena os judeus incrédulos: “Pois, ignorando a justiça de Deus e buscando estabelecer a sua própria, não se submeteram à justiça de Deus” (Romanos 10:3). Pedro condenou a geração de judeus por esse crime também:

“Homens israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, homem aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis;

A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos...”.

(Atos 2:22-23)

Esta era a mensagem de Estevão também, logo antes que esses mesmos judeus o matassem:

“Homens de dura cerviz, e incircuncisos de coração e ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim vós sois como vossos pais.

A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Até mataram os que anteriormente anunciaram a vinda do Justo, do qual vós agora fostes traidores e homicidas;

Vós, que recebestes a lei por ordenação dos anjos, e não a guardastes”.

(Atos 7:51-53)

Em sexto lugar, Jesus atribui a sentença para o crime dos fazendeiros rebeldes, e é duplo: o dono da vinha “virá e destruirá esses inquilinos e dará a vinha aos outros” (Lucas 20:16). O significado é claro: depois que os judeus matam Cristo, o Pai:

- 1) destruirá essa geração de judeus e;
- 2) dará a vinha aos outros.

Isto é obviamente cumprido na:

- 1) destruição de Jerusalém em 70 e;
- 2) a transferência do Reino para a era da Nova Aliança (composta pelo remanescente de judeus fiéis com o enxerto de milhões de gentios).

Agora, as pessoas (para quem está parábola falando e em particular é endereçada, Lucas 20:9) não podem suportar ouvir isso. De sua reação, podemos deduzir que eles entenderam amplamente o significado: “Quando eles ouvirem isso, eles disseram: Certamente não!” (Lucas 20:16). Jesus provou Sua lição da tradição profética:

“Mas ele, olhando para eles, disse: Que é isto, pois, que está escrito? A pedra, que os edificadores reprovaram, Essa foi feita cabeça da esquina.

Qualquer que cair sobre aquela pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair será feito em pó”.

(Lucas 20:17-18)

Mas há uma ironia incrível nessa troca. A citação é diretamente do Salmo 118:22. Jesus, apenas no dia anterior, entrou em Jerusalém montado em um burro, e as pessoas cantavam louvores a partir deste mesmo Salmo e poucos versos: “Bendito aquele que vem em nome do Senhor; nós vos bendizemos desde a casa do Senhor” (Salmo 118:26, ver Lucas 19:38; Mateus 21:9). Agora eles ficaram diante de Jesus enquanto Ele citava alguns versos da mesma melodia para eles. Previu a rejeição do Filho. Jesus então acrescentou Isaías 8:15 que predisse a destruição daqueles que tropeçaram nesta pedra angular (veja a discussão acima em Lucas 17:1-5). “Não, certamente não é nós”, foi o

pensamento. Mas Jesus havia dito: havia um grande julgamento e vingança sobre essa cidade e essas pessoas, e isso implicaria uma grande transferência de soberania para um novo povo.

Entretanto, os fariseus e sacerdotes foram inteligentes, para reconhecer que a parábola foi falada sobre eles (Lucas 20:19). A ironia, para eles, é que esse reconhecimento os levou apenas para começar o próprio crime que a parábola predisse que eles cometeriam: eles procuraram colocar as mãos sobre Jesus, o Filho. Sua reação foi diferente daquelas das pessoas que simplesmente negaram que jamais fariam tal coisa.

Para os sacerdotes e anciãos

Enquanto a reação dos fariseus e dos sacerdotes em geral é registrada em todos os sinópticos, a versão de Mateus da parábola e a interação no final envolvem diferenças significativas com a de Lucas. As diferenças são ótimas o suficiente para exigir que o relato de Mateus seja uma narração separada de Lucas. Vamos rever isso:

Primeiro, o relato de Lucas começa dizendo que Jesus disse a parábola ao povo (Lucas 20:9). Em Mateus, no entanto, o público de Jesus é identificado como “os principais sacerdotes e os anciãos do povo” (Mateus 21:23); Ele diz três parábolas sequenciais - a parábola dos dois filhos, a parábola dos iníquos e uma parábola da festa do casamento - tudo sem mudança de audiência.

Em segundo lugar, o corpo da parábola dos iníquos é ligeiramente diferente, na medida em que o dono enviou grupos de muitos criados ao mesmo tempo (Mateus 21:34-36) em oposição a um de cada vez no relato popular em Lucas 20:10-12.

Em terceiro lugar, em Lucas, Jesus mostra a conclusão do que o dono faria ao retornar: “Ele virá e destruirá esses inquilinos e dará a vinha aos outros” - e quando as pessoas ouvem sobre esse julgamento, elas respondem: “Certamente não!” (Lucas 20:16). Em Mateus, no entanto, Jesus pede ao público dos sacerdotes e dos anciãos o que o dono faria ao retornar, e eles mesmos dão a resposta: “Eles disseram a ele: Ele

colocará esses miseráveis em uma morte miserável e arrendará a vinha a outros inquilinos que lhe darão os frutos nas suas estações” (Mateus 21:41).

Em quarto lugar, em ambos os casos, Jesus cita imediatamente o Salmo 118:22 sobre a pedra angular rejeitada, e também acrescenta Isaías 8:14-15 sobre a pedra de tropeço. Mas em Mateus, Ele dá uma profecia explícita adicional Sua: “Portanto, eu digo que o reino de Deus será tirado de vocês e dado a um povo que produzirá seus frutos” (Mateus 21:43). Esta profecia vem entre Suas referências ao Salmo e a Isaías, enquanto em Lucas essas citações são apresentadas sem interrupção.

Agora, a primeira e a quarta dessas diferenças provavelmente poderiam ser explicadas no desejo de harmonizar as passagens. Mas a segunda e a terceira são muito mais difíceis, especialmente a terceira. Não há como explicar as diferentes reações à parábola, e a diferença entre Jesus afirmando o julgamento do proprietário versus os próprios sacerdotes afirmando. Neste caso, ficamos apenas algumas opções:

- 1) os textos estão corrompidos;
- 2) há uma contradição nos Evangelhos, ou;
- 3) são separados dizendo a mesma parábola.

A terceira opção aqui é a mais satisfatória com a evidência. Uma vez que essa parábola resumiu toda a história de Israel, e resumiu todo o processo de Jesus contra essa nação, era muito importante, assim como as citações da Escritura que Ele acrescentou. Era tão importante que voltasse a contar, provavelmente muitas vezes. Mas temos duas instâncias registradas, provavelmente a poucos minutos uma da outra - primeiro, em particular para os sacerdotes e anciãos, e novamente, abertamente para todas as pessoas. Nós, claro, já discutimos o fato de que Jesus provavelmente contou muitas das suas parábolas muitas vezes em muitos lugares para diferentes públicos. Ele naturalmente teria alterado os detalhes menores em momentos diferentes como

todos os contadores de histórias, mas sempre conservaram o poderoso significado que trouxe o ponto para casa. Aqui está simplesmente mais um caso disso, e com uma parábola particularmente apontada.

O que é importante aqui nesse discurso separado em Mateus são duas dessas diferenças notáveis, dirigidas aos sacerdotes e aos anciãos: primeiro, o fato de que os sacerdotes e os anciãos puderam tirar a conclusão do julgamento por si mesmos. Assim como os servos perversos em uma parábola anterior que se condenaram com palavras de suas próprias bocas (Lucas 19:22), Jesus deixaria esses idólatras e assassinos se condenarem com sua própria dedução (Mateus 21:41). Eles apenas recitaram seu próprio veredicto e sentenciaram nesta ação judicial.

Em segundo lugar, note a ênfase na profecia explícita de Jesus sobre a próxima destruição e transferência de soberania (Mateus 21:43). Os judeus acabaram de pronunciar sua própria culpa e o julgamento que mereceram. Jesus então acrescentou o testemunho de uma segunda testemunha - o salmista em 118:22 - e então Ele confirmou a frase: “o Reino de Deus será tirado de vocês e dado a um povo que produzirá seus frutos”. Observamos este verso várias vezes, e irei discutir mais uma vez. É, de fato, o pronunciamento consumado do ensino de Jesus da “teologia de substituição”. O Reino seria retirado dos judeus e dado a um povo novo, um povo peculiar, que se tornaria o povo frutífero que os judeus não conseguiram tornar-se.

O Grande Banquete Revisitado

Imediatamente após o relato particular da parábola dos iníquos, Jesus acrescenta outra parábola. Esta é uma versão expandida e intensificada de uma parábola anterior, a parábola do grande banquete (Lucas 14:15-24). E enquanto nos concentramos principalmente no relato de Lucas, nosso desvio necessário aqui no confronto final do Templo de Jesus em Mateus nos pede que examinemos essa parábola também. Foi, afinal, parte do mesmo discurso. Além disso, é uma adição bem-vinda, que fornece outro exemplo de Jesus, recontando Suas parábolas e

elaborando sobre elas, e por isso é mais uma confirmação do julgamento que vem sobre Jerusalém. Toda a passagem vale a pena ser reproduzida.

“Então Jesus, tomando a palavra, tornou a falar-lhes [aos principais sacerdotes e os anciãos] em parábolas, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho;

E enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas, e estes não quiseram vir.

Depois, enviou outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis que tenho o meu jantar preparado, os meus bois e cevados já mortos, e tudo já pronto; vinde às bodas.

Eles, porém, não fazendo caso, foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio;

E os outros, apoderando-se dos servos, os ultrajaram e mataram.

E o rei, tendo notícia disto, encolerizou-se e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade.

Então diz aos servos: As bodas, na verdade, estão preparadas, mas os convidados não eram dignos.

Ide, pois, às saídas dos caminhos, e convidai para as bodas a todos os que encontrardes.

E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons; e a festa nupcial foi cheia de convidados.

E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste de núpcias.

E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? E ele emudeceu.

Disse, então, o rei aos servos: Amarraí-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.

Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos”.

(Mateus 22:1-14)

Isso é semelhante o suficiente para reconhecer como uma versão da mesma parábola contada anteriormente em Lucas, e o significado é fundamentalmente o mesmo. No entanto, é consideravelmente mais intenso. Aqui os primeiros servos-mensageiros (outra referência aos

profetas, sem dúvida) simplesmente foram ignorados. Outra onda de servos-mensageiros (mais profetas) são tratados como um incômodo que, enquanto alguns ainda os ignoravam, “e os outros, apoderando-se dos servos, os ultrajaram e mataram” (verso 6). Este assassinato não foi mencionado na versão anterior. Jesus certamente o adiciona aqui como parte da mesma acusação contra Jerusalém que já havia sido dada, e daria novamente no futuro muito próximo (Mateus 23:34-36).

O rei responde a esses “assassinos” com ira: “ele enviou suas tropas e destruiu aqueles assassinos e queimou a cidade” (verso 7). Este é um pregão óbvio sobre exatamente o que aconteceria com Jerusalém. O rei não entraria em Jerusalém e elevaria o lugar, mas enviou suas tropas. Na verdade, Ele enviaria o exército romano. Essas tropas seriam “Sua” não no sentido de serem crentes, mas no sentido de que agiriam em Sua providência como Seus agentes. E eles fariam duas coisas: primeiro, eles destruiriam os assassinos. Os assassinos eram toda a geração de israelitas (Lucas 11:50-51; Mateus 23:36). Em segundo lugar, os exércitos incendiariam a cidade dos assassinos. Isso, novamente, é exatamente o que aconteceu no anúncio do ano 70 d.C. E mais uma vez, este foi o pronunciamento de Jesus no dia da entrada triunfal:

“Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todos os lados;

E te derrubarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conhecestes o tempo da tua visitação”.

(Lucas 19:43-44)

Aqueles que escaparam da destruição e da queima da cidade, nós aprendemos mais tarde, seriam levados cativos. Esta é a versão explícita de Lucas:

“Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! porque haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo.

“E cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem.

(Lucas 21:23-24)

E, no entanto, após essa destruição, a própria festa de casamento continuaria. O Rei envia seus servos para reunir mais convidados. Claramente, a destruição de Jerusalém, do Templo e de todo o antigo sistema sacrificial da Aliança não seria nenhum obstáculo para o progresso do Reino dos Céus. E note: esta é ainda a mesma festa de antes. Seria a ceia de casamento do Cordeiro. Tudo o que era diferente era a lista de convidados. Com a velha prostituta, Jerusalém, e com a nova santa vestida de noiva com o linho fino da “justiça dos santos” (Apocalipse 19:7-9), quem tinha justiça em Romanos 10:3-4.

E, no entanto, mesmo durante esta festa de casamento pós-destruição, algumas pessoas se esgueirariam com quem não pertencia. Mas o rei os identificaria rapidamente com base na falta daquela roupa de casamento de linho fino. Se estes devem ser interpretados como os judaizantes que causariam tanta dissensão na Igreja do Novo Testamento, ou se estes deveriam ser entendidos como hereges gerais na Igreja (dos quais haveria abundância), não está claro. Mas seu fim é: “Disse, então, o rei aos servos: Amarraí-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes” (Mateus 22:13)

Jesus termina esta parábola muito parecida com a versão anterior: “Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mateus 22:14). Na verdade, todo o Israel tinha sido chamado, mas apenas os poucos eleitos chegaram a festa vestidos de justiça. “O restante” acabaria destruído, queimado ou levado cativo.

14

A Soberania verdadeira (Lucas 20:19-26)

A maioria das pessoas que fazem referência usam a frase “dai, pois, a César” e não consideram o relato bíblico em seu contexto - nem seu contexto bíblico, nem seu contexto histórico. Isso causa consideráveis incompreensões e confusões sobre a questão da autoridade legítima entre os cristãos. Esta é a mesma confusão em que os líderes do templo esperavam pegar Jesus - para que pudessem levá-lo para a prisão. Mas Ele, mais uma vez, transformou seu próprio argumento contra eles. Eram eles quem sofreriam nas mãos da autoridade - a autoridade de Deus.

O contexto

O confronto (Lucas 20:19-26; Mateus 22:15-22) ocorre no cenário da narrativa maior da ascensão triunfal a Jerusalém. Assim que Ele chegou lá, como vimos, Ele entrou no Templo e “começou a expulsar todos os que nele vendiam e compravam, Dizendo-lhes: Está escrito: A minha casa é casa de oração; mas vós fizestes dela covil de salteadores” (Lucas 19:45-46). E a próxima interação que Ele tem em cada um dos Evangelhos sinópticos é que os principais sacerdotes e os anciãos (provavelmente os fariseus) o conhecem caminhando no Templo e exigem para ver o seu distintivo: “E falaram-lhe, dizendo:

Dize-nos, com que autoridade fazes estas coisas? Ou, quem é que te deu esta autoridade?” (Lucas 20:2).

Então, aqui está o Sujeito, que se permite ser adorado quando Ele entra em Jerusalém, Ele entra em um burro indicando o cumprimento de uma profecia messiânica, recebendo o apelativo “Filho de Davi”, pela força expulsa os trocadores de dinheiro, etc., e depois cura pessoas no Templo. Os líderes judeus haviam observado Ele e essas coisas que Ele fazia por algum tempo - eles haviam enviado delegações para investigar sobre essa atividade messiânica, já no tempo de João Batista (João 1:19-24) - assim os sacerdotes e anciãos sabiam muito bem sobre Jesus e quão poderoso Ele era. E, no entanto, como a cegueira do orgulho exigia, ficaram diante dEle exigindo que Ele lhe dê conta de Sua autoridade.

Claro, isso implica que eles tinham a autoridade para exigir essa contabilidade. E há alguma legitimidade para sua demanda, já que eles ocupavam os escritórios do Sacerdócio e do assento de Moisés, que o próprio Jesus reconhece antes de repreender sua hipocrisia em Mateus 23 (ver Mateus 23:2-3). Mas eles não tinham podido ver que Jesus era o verdadeiro Sumo Sacerdote e o verdadeiro Pastor de Israel. E, portanto, eles ficaram em conflito (temporariamente, de qualquer maneira) sobre as questões de Soberania e Autoridade.

Toda a narrativa em que esta história se encontra lida com este tema da maior autoridade do Céu versus autoridade terrestre, e a incapacidade dos judeus de fazer a diferença. Esta é a própria questão que Jesus usa para confundir os líderes do Templo quando lhe perguntam sobre Sua autoridade. Sua pergunta também os leva de volta ao Seu batismo, Seu estabelecimento como a Casa Nova e, portanto, a razão pela qual Ele acabou de limpar a antiga casa:

“E, respondendo ele, disse-lhes: Também eu vos farei uma pergunta: Dizei-me pois: O batismo de João era do céu ou dos homens?

E eles arrazoavam entre si, dizendo: Se dissermos: Do céu, ele nos dirá: Então por que o não crestes?

E se dissermos: Dos homens; todo o povo nos apedrejará, pois têm por certo que João era profeta. (Lucas 20:3-6)

Esses rapazes estavam perplexos. Eles estavam presos em uma armadilha de negar a autoridade celestial de um homem obviamente piedoso e popular, ou de afirmar a autoridade celestial de alguém que eles se opuseram publicamente. De qualquer forma, eles perderam popularidade e influência. “E responderam que não sabiam de onde era. E Jesus lhes disse: Tampouco vos direi com que autoridade faço isto” (Lucas 20:7-8). Como eles não podiam determinar a piedade do ministério de João, teria sido inútil, de qualquer forma, oferecer a Ele como Sua própria autoridade também. Os dois casos eram análogos e, recusando-se a João, eles já recusaram a Cristo (assim como eles realmente não acreditavam verdadeiramente em Moisés, e assim recusaram a Cristo, João 5:45-47).

A questão aqui é que o Céu tem autoridade que o homem não tem; a autorização do homem empalidece em comparação com a de Deus, pois, na melhor das hipóteses, só é derivada da de Deus. Esta troca, junto com a parábola dos iníquos, afiou esses líderes, e eles começaram a tramar como podiam “o apanharem nalguma palavra” (Lucas 20:20).

A Parcela Tributária (Lucas 20:19-26)

É com grande ironia que, quando eles tomam seu primeiro tiro - qual é a pergunta sobre o imposto de César - eles próprios estabeleceram uma dicotomia entre autoridade celestial e autoridade terrestre. Onde eles aprenderam essa tática, eu me pergunto? É como se eles aconselhassem juntos tentando encontrar uma maneira de enganá-lo e prendê-lo intelectualmente, e finalmente decidiram: *“Ei, vamos usar o mesmo truque contra Ele que Ele usou contra nós”*.

Seu objetivo, no entanto, era, pelo menos, desacreditá-lo. Somos informados em Mateus (22:15-16) e Marcos (Marcos 12:13) que os fariseus foram os que instigavam essa provocação. Os fariseus eram

um movimento popular dirigido aos leigos. Eles eram uma combinação de movimento religioso e político entre as pessoas. Quando o povo começou a se transformar em massas para seguir Jesus, e depois confundiu os fariseus publicamente, os fariseus estavam em risco de perderem a sua audiência. De fato, a narrativa maior geralmente enfatiza o fato de que eles estavam com ciúmes da popularidade de Jesus e, no entanto, não podiam prendê-lo nem prendê-lo porque temiam o povo (Lucas 20:19; 22:2, Mateus 21:26, 46). Então eles conspiraram, em parte por vingança, porque Ele os superou uma vez publicamente, mas também porque Ele invadiu seu terreno - roubando sua audiência, sua voz - então eles sentiram.

Seu objetivo principal, no entanto, é ainda mais insidioso, e é claramente indicado no texto: eles queriam “entregá-lo à autoridade e jurisdição do governador” (Lucas 20:20). Aqui, a hipocrisia e a idolatria de Israel são claramente vistas: esses homens, muitos dos quais teriam denunciado privadamente a ocupação e os tributos romanos, consideraram conveniente aproveitar esse sistema para se livrar de Jesus. Aqui estava uma bela imagem da Grande Meretriz (Jerusalém) que monta a besta (Roma), que é denunciada em Apocalipse 17-18. Os fariseus criticariam a ocupação pagã, mas achariam os companheiros de cama estranhos da política pagã, porém, rentáveis. Que eles conseguiram que os Herodianos envolvessem fronteiras em hilera se não fosse trágico no final. Quem fosse exatamente, certamente eram favoráveis a Herodes - uma dinastia que devia sua própria autoridade a Roma. As duas partes estarão na liga até o fim, e, de fato, Herodes e Pilatos deixariam de lado velhas diferenças e se tornariam bons amigos por causa do julgamento de Jesus (Lucas 23:12).

Uma questão jurídica

Então, este grupo de fariseus, sacerdotes, escribas e herodianos finalmente aplicam seu truque:

“E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre, nós sabemos que falas e ensinas bem e retamente, e que não consideras a aparência da pessoa, mas ensinas com verdade o caminho de Deus.

É-nos lícito dar tributo a César ou não?”

(Lucas 20:21-22)

Observe algumas coisas aqui: primeiro, eles estabeleceram a questão ao caracterizar Jesus como um fiel a Deus e quem não faz acepção de pessoas. “Não mostra nenhuma parcialidade” (ESV [English Standard Version]) está no grego como *lambaneis prosopon* - literalmente, “você não recebe o rosto dos homens”. Mateus usa a frase “você não olha para [*blepeis eis*] o rosto dos homens” (Mateus 22:16). De qualquer maneira, eu acredito que isso é uma referência direta a Levítico 19:15: “Não serás parcial para com os pobres nem adere aos grandes, mas em justiça julgarás o teu próximo”. Os textos para “ser parcial” são literalmente “levante o rosto” e “honre o rosto de” respeitosamente, tanto no hebraico como na Septuaginta Grega. O texto deve ser lido, assim como o texto de Lucas deve ser: “Você não levantará a face do pobre ou honrará a face do grande...”. De qualquer forma, é claro, há uma correspondência direta entre o desafio dos fariseus e a Lei levítica. Estavam impondo um padrão legal a Cristo.

A maioria dos comentaristas parece pensar que a abordagem dos líderes a Jesus é mera bajulação, como se este fosse um caipira da Galiléia, que permite que as pessoas O louvem como Deus, tornando-se presa de seu falso louvor. Mas esta interpretação está errada - Ele já os despistou uma vez - Ele não é um caçador de elogios superficiais, e eles sabem disso agora. Eles não estavam tentando lisonjeá-lo; eles estavam tentando prendê-lo com a Palavra de Deus, como se dissessem: “*Você verdadeiramente serve apenas a Deus e se recusa a se curvar a qualquer homem de acordo com a Lei. Portanto, é correto dar tributo a César?*” *Se o caminho de Deus diz que não se respeita pessoas pequenas ou poderosas, então é correto prestar respeito na forma de dar ou pagar impostos ao poderoso César que é homem?* Essa é a natureza do desafio.

Segundo, observe que eles fizeram uma pergunta [de natureza] legal: “É-nos lícito” (Lucas 20:22). A própria palavra não deixa claro se eles significavam o direito romano ou a Lei de Deus, mas, como já era o direito romano pagar o imposto, a questão certamente visava a Lei do “Caminho de Deus”. A questão, novamente, e a própria palavra grega (aqui, *exsimita*, “é legal”, veja também a [palavra grega] *exousia* “autoridade” em Lucas 20:2-8) deixa claro que a questão é uma autoridade fundamental. César tem autoridade legítima para exigir tributo? Temos autoridade de Deus para pagar a César?

Em terceiro lugar, a referência não é a “impostos” em geral, como muitas das traduções trazem, mas para um imposto particular chamado *keánsos* - uma versão grega de uma palavra latina que traduzimos como censo. Isso não teve nada a ver com impostos sobre vendas, taxas, impostos sobre comércio ou negócios, ou pedágios de viagem, etc. Isso teve que ver com o “imposto de votação” ou “imposto principal” que se baseava em um censo das pessoas e teve que ser pago por todas as pessoas, incluindo mulheres e escravos. E, por lei, devia ser pago por meio de cunhagem romana.

A Mensagem da Moeda

Jesus respondeu imediatamente chamando-os de hipócritas (Mateus 22:18), obviamente, porque eles eram dificilmente sinceros em perguntar. Lucas 20:23 refere-se à sua *panourgia* [em grego], o que significa algo como uma vontade de “fazer qualquer coisa”. Os herodianos, especialmente, interpretaram o [papel de] hipócritas, pois eram do partido que apoiava um dos coletores de impostos mais implacáveis da história da Judéia, Herodes. Herodes, o Grande tinha tributado tão fortemente o povo judeu que o próprio César exigiu que Herodes baixasse os impostos na região. Herodes recusou, e assim César pediu que um recenseamento fosse feito no reino. É essa matrícula das pessoas, provavelmente, que aparece na história do nascimento de Jesus (Lucas 2:1-7).

A armadilha da questão é facilmente compreendida: se Jesus disser “não” Ele estaria com problemas com as autoridades romanas para incentivar a evasão fiscal e a traição contra César (e esses inimigos dEle certamente teriam se certificado de que as autoridades romanas descobririam). Se Jesus disser “sim”, Ele certamente perderia o apoio das pessoas que o viram como o Messias para libertá-los da ocupação romana, ou pelo menos como um profeta. De qualquer maneira, os fariseus e herodianos ganhariam; então eles perguntaram, e a implicação foi tipo: *“Fale com este microfone quando você responder”*. Eles queriam que todos ouvissem.

Agora, o imposto do censo em particular poderia ser pago apenas em cunhagem romana; então, Jesus pediu para mostrar esse dinheiro particular - a “moeda para o imposto”, literalmente, “o dinheiro do recenseamento” (Mateus 22:19). E trouxeram-lhe tal moeda romana: um “denário” (Lucas 20:24)

“De quem é a imagem e a inscrição?”

Eles já sabiam que estavam com problemas. Jesus simplesmente não jogou as palavras “imagem” ou “inscrição” casualmente. Na verdade, esta palavra grega “inscrição”, *eikon* (do qual recebemos a nossa palavra “ícone”) aparece apenas nos Evangelhos em seus relatos dessa história. Por que tão escasso? Porque é um termo técnico, um termo que tem um lugar muito específico na teologia do Antigo Testamento: “Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra” (Êxodo 20:4). Na verdade, eles sabiam que estavam em apuros.

Jesus também especificamente fez com que eles notassem a inscrição na moeda. Isso foi talvez mais condenatório do que a imagem. O próprio denário - provavelmente uma moeda do imperador atual - carregava não só sua imagem, mas uma inscrição que dizia TIBERIUS CAESAR DIVI AGUSTI FILIUS AGUSTUS (“Tiberius César Agosto, filho do deus de agosto”), e a parte detrás continua PONTIFEX MAXIMUS (“Sumo Sacerdote”). Se essa não fosse uma

imagem esculpida de um deus falso, nada poderia ser; e Jesus fez questão de inserir esses fatos no registro.

A moeda da idolatria

Tenha em mente que esse confronto começa todo o caminho de volta em Lucas 20:1 e ocorre no Templo. Havia um particular tabu sobre ter os ídolos no próprio Templo. Israel não foi enviado para o exílio por tais infrações? Por que esses santos homens de Israel, fariseus e herodianos, agora têm ídolos no Templo? Por que eles eram tão capazes de produzir um denário quando Jesus perguntou? Hipócritas de fato!

Isso atingiu agudamente os fariseus na medida em que eles se orgulhavam de pureza e separação das práticas não-bíblicas. Este foi um verdadeiro puxão na sua oferta de popularidade: *olhe para todos, os fariseus “puros” e “santos” estão carregando deuses falsos através de seu próprio templo! Por sinal, você disse que queria que eu falasse no microfone?*

Jesus poderia ter tido uma diversão verdadeira aqui à custa, em particular, dos saduceus (certamente perto, se não estiveram na frente) que eram os principais sacerdotes do templo, incluindo o sumo sacerdote. *O que você está fazendo carregando uma moeda em torno do Templo que tem uma inscrição que chama César de o “Sumo Sacerdote”? Você deveria ser o Sumo Sacerdote de Deus! Desde quando você abdicou do seu escritório para o governante pagão?* Haveria uma resposta a esta pergunta retórica: enquanto a Grande Meretriz andasse [montada] na Besta.

E certamente não era um incidente isolado, todas as pessoas carregavam cunhagem romana todos os dias. Por exemplo, o próprio Templo tinha uma taxa de imposto anual que todos os judeus tinham que pagar, e era um meio siclo de prata. Mas eles foram proibidos de pagar esse imposto com moedas romanas. É por isso que havia trocadores de dinheiro no Templo para começar. Eles tinham um monopólio virtual sobre moedas de prata especiais que eram aceitáveis para pagar o imposto do Templo; e como com qualquer monopólio, você pode assumir que a taxa de câmbio era alta: esses rapazes estavam

extorquindo pessoas para cunhagem especializada que eles foram forçados a comprar. Esta é uma razão pela qual Jesus os chamou de ladrões: eles literalmente extorquiam as pessoas. E como eles estavam envolvidos nessa troca forçada, eles ficaram ricos em termos de moedas romanas.

Você pode imaginar, então, que eles tinham mesas e sacos cheios de denários romanos ao longo dos tribunais do Templo. De fato, os trocadores de dinheiro costumavam usar uma dessas moedas na orelha como uma marca de seu comércio (eles têm ouvidos, mas não conseguem ouvir (por causa de seus ídolos!). Você pode imaginar que os transeuntes e os peregrinos do Templo viram muitas exposições dessas imagens ali mesmo no próprio Templo. Você também pode imaginar que, quando Jesus derrubou as cadeiras e mesas e derramou o dinheiro, que as ruas tocaram o som de pings e pedaços de prata, enquanto as moedas rolavam pelos pavimentos de pedra (algumas cabeças de (César) vão rolar!).

Toda a civilização judaica se submeteu ao uso de moedas idólatras romanas. A moeda romana era a base do seu comércio. Eles tinham, portanto, apesar de qualquer idolatria que pudessem ter julgado envolvimento, aceitado o benefício social do governo de César, *e assim o legitimaram*.

Assim, a única resposta que os oponentes de Jesus poderiam dar era “César”. Não só os fatos nus da própria moeda exigiam essa resposta, obviamente, mas também se relacionavam com o domínio total que o Imperador manteve sobre a vida política e econômica ao longo da cultura dos judeus. Cunhar dinheiro é um símbolo de poder. A aceitação desse dinheiro como moeda comum é a submissão por parte das pessoas a esse poder (isso não aborda a questão da moeda legal). “É legal?” “Por que você está perguntando? Vocês todos já fazem isso o dia todo dia”.

A Hora da vingança

Mas agora que Jesus os tinha nos faróis, Ele disparou o tiro fatal: “Então, dê a César as coisas que são de César e a Deus as coisas que são de Deus”.

O importante aqui na resposta de Jesus é o verbo: “dar”. Os oponentes formularam a pergunta erroneamente: é legal “dar” ou “pagar”? A palavra é diferente. A palavra dos fariseus é [no grego] *didomi* “dar”; Jesus não diz “dar”, mas *apodidomi* [no grego] “devolver” ou “pagar”. É um termo usado para pagar o que é devido a alguém, ou o que lhes pertence para começar. Este foi um reconhecimento de várias coisas, tudo o que teria irritado os judeus para ter que admitir:

- 1) César já possui a moeda, é dele;
- 2) o uso da propriedade de César em seu próprio benefício implica sua dívida com ele na medida em que você a usa; e
- 3) A execução de César sobre a retirada desse dinheiro (o próprio imposto) significava que o povo judeu não era livre como eles fingiam, mas ainda sob a escravidão estrangeira (uma clara implicação de que o julgamento de Deus ainda estava sobre eles).

Eles se beneficiaram dos meios, por isso não tinham o direito de recusar o imposto por esse meio por razões econômicas. Eles apreciaram a ordem do Império Romano, então eles não tinham o direito de recusar por motivos políticos. Eles carregaram seu dinheiro diretamente em seu próprio Templo, apesar das implicações, então eles não tinham o direito de recusar por motivos teológicos (pelo menos não sem arrependimento).¹ Então os fariseus estavam diante de Jesus e diante das multidões, presos por Suas palavras: “Dê a César o que é de César”.

A Dívida Maior

Mas, também, devolva “a Deus as coisas que são de Deus”. O que a maioria dos comentaristas sente falta ou ignora aqui é que Jesus implica um argumento claro a fortiori do menor para o maior - se é verdade para o caso menor do homem César, quanto mais é verdade para o Grande? Se César tem autoridade para exigir o pagamento, quanto mais

autoridade tem Deus? A maioria dos comentaristas, no entanto, vê algo mais de uma dicotomia entre os dois em vez de uma hierarquia. O Estado tem autoridade por aqui, e Deus tem autoridade por lá (seus pensamentos, emoções e vida privada).

Mas este não é o ponto, por pelo menos dois motivos muito notáveis e óbvios: a imagem e a inscrição. Estas são as duas coisas que Jesus chamou à atenção em relação à moeda. Ambos são conceitos abertamente teológicos.

Nós já mencionamos a ideias de imagem em relação ao mandamento contra imagens esculpidas. Por que isso foi um mandamento? O homem não deve fazer nenhuma imagem esculpida de qualquer coisa viva, e certamente nada a ser usado em referência à divindade. Por que não? Porque a criação de seres vivos é a providência exclusiva de Deus; e a colocação de Sua imagem é a providência exclusiva de Deus. O homem que cria imagens “divinas” dessa maneira desvaloriza a Deus através de uma representação inadequada, e ele mesmo tenta jogar a parte de Deus ao ser o Criador e o Dador de Imagem.

Em contraste, Deus é Aquele que coloca a Sua imagem: Ele a coloca no homem; ou mais propriamente, Ele cria o homem à Sua imagem e semelhança. Todos os homens têm essa imagem.

O mesmo é verdade com a inscrição de Deus. Nós carregamos Sua Palavra escrita em nossos corações, embora a queda teve alguma consequência sobre isso. Paulo indica que isso é verdade mesmo no homem natural (Romanos 2:14-15). Isto era especialmente verdadeiro para os fariseus: eles literalmente usavam a Palavra de Deus em suas cabeças e braços. Isso aparece em Mateus 23:5, quando Jesus os critica por fazerem “seus filactérios bem largos”. Um filactértio é uma pequena caixa na qual se mantêm pequenos pergaminhos das Escrituras (contendo Êxodo 13:1-10; Deuteronômio 6:4-9; 11:13-21). Alguns dos judeus assumiram o mandamento literalmente: “Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa” (Deuteronômios 6:6, 8). Então eles literalmente usavam aquela seção das Escrituras em uma pequena caixa em sua testa, entre seus olhos e no antebraço como um relógio de pulso. Os fariseus passaram ao topo a este respeito, usando

caixas maiores do que todos os outros para mostrar o quanto mais eram ansiosos em recordar a Palavra de Deus.

Isso era verdade ainda mais relevante para os sacerdotes (Saduceus): o Sumo Sacerdote pela Lei de Moisés usava uma placa de ouro no seu chapéu que se lia SANTIDADE AO SENHOR (Êxodo 28:36). Ele literalmente levou a inscrição de Deus como representante de todo o povo de Israel.

Então, literalmente, externamente, cuja inscrição foi sobre esses rapazes? As implicações teológicas da imagem e da inscrição teriam sido óbvias para todos os que ouvissem. O impacto da lição quase fazia com que os fariseus fossem ridículos entre as pessoas. No entanto, teria sido um despertador para todos os que ouvissem.

Sim, as pessoas tinham uma dívida legítima para com César, mas a lição de Jesus estava muito longe de dizer que a autoridade do Estado está separada ou removida de alguma forma da autoridade de Deus, ou que devemos esperar até o fim dos tempos até que o Estado esteja sob a autoridade e o julgamento de Deus. A lição aqui é muito mais desafiadora, muito mais abrangente.

A lição é, mais plenamente, que todos os homens têm a imagem de Deus e a inscrição de Deus. Todos somos cunhagem de Deus. Todos pertencemos inteiramente a Deus. Todos os homens devem “render a Deus o que é de Deus”. Todos os homens. Os fariseus, os saduceus, os herodianos, Herodes, as massas e mesmo o próprio César. César tem tanta obrigação de “render a Deus” e se submeter a Deus - como todos os outros. Ele tem tanta obrigação de amar seus vizinhos e obedecer à Lei de Deus como todos os outros. Ele não é ele mesmo divino, augusto ou sumo sacerdote, ele não é a fonte da lei e da providência, nem um mediador entre o homem e Deus; ele, como todos os homens, é um homem sujeito à providência do Deus Todo Poderoso, à Lei de Deus e ao Sumo Sacerdote de Deus, Jesus Cristo. Ele tem tanta obrigação de obedecer; na verdade, ele tem uma maior obrigação de obedecer porque ele representa multidões de pessoas em um cargo público.

Render para Deus

Todos os ouvintes de Jesus não só entenderiam os conceitos envolvidos, eles teriam entendido imediatamente a natureza teológica da ideia de render a Deus. Isto aparecia em todos os salmos do culto judaico:

“Meu louvor será de ti na grande congregação: pagarei [rendas; mesma palavra grega] meus votos diante dos que o temem”.

(Salmo 22:25)

“Seus votos estão sobre mim, ó Deus: eu te louvarei”.

(Salmo 56:12)

“Eu entrarei na tua casa com holocaustos; eu pagarei [renda] meus votos”.

(Salmo 66:13 - KJV)

“Fazei votos, e pagai ao Senhor vosso Deus...”.

(Salmo 76:11 - KJV)

“Pagarei os meus votos ao Senhor agora na presença de todo o seu povo”.

(Salmo 116:18)

Incluso apareceu na Lei Levítica: onde os levitas foram separados para o serviço do Templo, foram apresentados ante o Sumo Sacerdote e “oferecidos” ou “prestados” a Deus como uma oferta (Levítico 8:13). Todas as pessoas foram feitas a Deus.

Autoridade, lealdade e liberdade

O homem é livre, porque Deus o fez dessa maneira. O homem não é livre na medida em que ele faz tudo para Deus; e as sociedades estão

presas na mesma extensão. Portanto, onde as instituições humanas infringem a Lei de Deus, você tem uma decisão sobre a lealdade às autoridades concorrentes. Devemos obedecer a Deus e não aos homens, até à morte, se necessário, nas questões necessárias. No entanto, podemos denunciar e resistir a tirania em outros assuntos como expressão de nossa lealdade a Deus e do lugar apropriado dos governos humanos.

Não é impróprio, portanto, que outros homens chamem César para serem responsáveis perante Deus. E, não deve ser considerado ilegal para outros homens se recusarem a usar ou a aceitar como pagamento qualquer moeda específica, independentemente da imagem humana ou da inscrição sobre ela. Devemos resistir à tirania, embora nunca através da revolução violenta, e existem muitas maneiras não violentas de fazê-lo.

Por que autoridade você faz essas coisas? O que o crente em Deus realmente tem que questionar sobre autoridade? A terra é do Senhor, e tudo o que contém, o mundo e os que habitam nela (Salmo 24:1).

[E] muito animal da floresta é meu, o gado em mil colinas. Conheço todos os pássaros das montanhas, e tudo o que se move no campo é meu. Se eu estivesse com fome, eu não lhe diria; porque o mundo é meu, e tudo o que contém (Salmo 50:9-12).

Render para César o que é de César, com certeza. Mas renda a Deus o que é de Deus.

Obras importantes para pesquisa

A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!

Compilação de César Francisco Raymundo, 172 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista007.htm

A Ressurreição de Jesus Cristo

– é Ficção ou Fato Histórico Irrefutável? –

César Francisco Raymundo, 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista011.htm

A Escatologia pode ser Verde?

Rev. Dr. Ernest C. Lucas, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista013.htm

A Grande Tribulação

David Chilton, 148 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_A%20Grande%20Tribulacao_David_Chilton.htm

A Verdade sobre o Preterismo Parcial

César Francisco Raymundo, 77 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista015.htm

A Ilusão Pré-Milenista

- O Quiliasmo analisado à luz das Escrituras -

Brian Schwertley, 76 páginas.

Link:

Comentário Preterista sobre o Apocalipse

– Volume Único –

César Francisco Raymundo, 533 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volome_Unico.html

Cristo Desceu ao Inferno?

Heber Carlos de Campos, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista016.htm

Crítica do Preterismo Completo

Philip G. Kaiser, 27 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Critica%20do%20Preterismo%20Completo.htm

Dicionário Michaelis

<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

Heresias do Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 56 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista014.htm

Dispensacionalismo**Desmascarando o Dogma Dispensacionalista**

Hank Hanegraaff, 49 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista020.htm

Uma Refutação Bíblica ao Dispensacionalismo

Arthur W. Pink, 42 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Arthur_Pink.htm

Dispensacionalismo (Lista de Passagens da Escritura)

Nathan Pitchford, 29 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Lista%20de%20Passagem.htm

JESUS – A Chave Hermenêutica das Escrituras

Eric Brito Cunha, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Jesus_a_Chave_Hermeneutica.htm

Léxico do Grego do Novo Testamento

Edward Robinson, 1014 páginas.

Tradução: Paulo Sérgio Gomes.

Edição em língua portuguesa © 2012

por Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Todos os direitos reservados.

Mateus 24 e a Vinda de Cristo

César Francisco Raymundo, 110 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html

Mateus 25 e o grande Julgamento

César Francisco Raymundo, 30 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista024.html

O Padrão Éden

Jair de Almeida, 31 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista022.html

O Universo em Colapso na Bíblia

– eventos literais ou metáfora poderosa?

Brian Godawa, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista017.htm

Pós-Milenarismo PARA LEIGOS

Kenneth L. Gentry Jr., 92 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_pos_milenarismo_para_leigos.htm

Predições de Cristo

Hermes C. Fernandes

Link: www.revistacrista.org/Revista_Dezembro_de_2011.htm

Refutando o Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 112 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista010.htm

Sem Arrebatamento Secreto

– Um guia otimista para o fim do mundo –

Jonathan Welton, 223 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm

70 Semanas de Daniel

Kenneth L. Gentry, Jr., 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista012.htm

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

Para acessar todos os artigos e escolher o tema de sua preferência, basta acessar:

www.revistacrista.org/artigos.htm

Nossos e-book's com temas específicos podem ser encontrados neste link:

www.revistacrista.org/literatura.htm

As revistas, por ordem mensal e ano, podem ser acessadas aqui:

www.revistacrista.org/edicoes.htm

Temos também excelentes vídeos explicativos sobre escatologia, divididos em diversos temas:

www.revistacrista.org/videos.htm

Caso ainda haja dúvidas, estamos disponíveis todos os dias para servi-lo no endereço:

www.revistacrista.org/contato.htm

E-mails:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org